

CAROLINA MARTINS PINTO RODRIGO

**A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO – UMA UNIDADE
DE ABRIGAMENTO DO PIÁ – CURITIBA / PARANÁ.**

CURITIBA

2006

CAROLINA MARTINS PINTO RODRIGO

**A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO – UMA UNIDADE
DE ABRIGAMENTO DO PIÁ – CURITIBA / PARANÁ.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista no Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, do Departamento de Planejamento e Administração Escolar, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Doutor Gracialino da Silva Dias.

CURITIBA

2006

Dedico este trabalho a todos os adolescentes da Unidade de Abrigamento do PIÁ, com os quais cruzei na minha caminhada de formação profissional – queridos e receptivamente abertos.

Aos profissionais daquela Unidade de Abrigamento, que, com sua vida, enchem a Casa de significação à palavra Lar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela inquietude, por procurar, por questionar, por trilhar o aprender.

Agradeço aos meus pais... Mãos que sempre, sabiamente, seguram as minhas num caminhar feliz e libertador.

Agradeço ao Professor Doutor Gracialino da Silva Dias, do Departamento de Planejamento e Administração Escolar, da Universidade Federal do Paraná, pela orientação nesta caminhada de importantes descobertas sobre a Educação.

À Professora Doutora Sonia Maria Guariza de Assumpção Miranda, do Departamento de Planejamento e Administração Escolar, da Universidade Federal do Paraná, que, com muito carinho colaborou como parecerista, e auxiliar no enriquecimento deste trabalho.

A todas as pessoas “estrelas” que amo e estão sempre por perto... Cada uma à sua maneira...

*“Nós vos pedimos com insistência...
Não digam nunca: Isso é natural !
Diante dos acontecimentos de cada dia,
numa época em que reina a confusão,
em que corre sangue,
em que a humanidade se desumaniza...
Não digam nunca: Isso é natural !
Para que nada passe a ser imutável !”*

(Bertold Brecht)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE ANEXOS	ix
RESUMO	x
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
1.1 EDUCAÇÃO	16
1.2 PRÁTICA SOCIAL E EDUCAÇÃO, CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL	19
1.3 O COLETIVO, A PRÁXIS SOCIAL E A EMANCIPAÇÃO	24
1.3.1 A Coletividade	26
1.3.2 A Disciplina	29
CAPÍTULO 2. POLITICA DE ATENDIMENTO A INFANCIA E ADOLESCENCIA NO BRASIL. UM TEMPO PERDIDO?	33
2.1. A CRIANÇA E A ADOLESCÊNCIA	33
2.2 POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E MEDIDAS DE PROTEÇÃO SOCIAL DE ALTA COMPLEXIDADE	39
CAPÍTULO 3. UMA UNIDADE DE ABRIGAMENTO DO PIÁ – A PRÁTICA SOCIAL	42
3.1 O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA – PIÁ	42
3.1.1 Contextualização	42
3.2 O PIÁ LUZ DO SOL	43
3.2.1.1. Breve histórico	43
3.2.1.2 Funcionamento	46
3.2.1.3 Diagnóstico	48
3.2.1.4 - Aspectos educacionais (Regimento Interno, Regulamento e Medidas)	49
3.3 AS HISTÓRIAS DE VIDA	53
3.3.1 Resultados e Discussão	57

3.3.1.1 Entrevistas com os adolescentes	57
3.3.1.2 Entrevista com os profissionais	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
ANEXOS	111

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Faixa etária	48
Quadro 2 – Motivo de Abrigamento.....	48
Quadro 3 - Situação dos educandos quanto à escolaridade.....	48
Quadro 4 – Tempo de abrigamento	48
Quadro 5 – Contato com a família.....	49
Tabela 1 – Entrevista com os educandos, categorias idade e coletividade.....	68
Tabela 2 – Entrevista com os educandos, categoria disciplina.....	69
Tabela 3 – Entrevista com os educandos, categoria origem.....	70
Tabela 4 – Entrevista com os educandos, categoria família.....	71
Tabela 5 – Entrevista com os educandos, categoria rotina de vida.....	72
Tabela 6 – Entrevista com os educandos, categoria escola.....	73
Tabela 7 – Entrevista com os educandos, participação em cursos.....	74
Tabela 8 – Entrevista com os educandos, categoria uso do tempo livre.....	75
Tabela 9 – Entrevista com adolescentes, categoria adolescência e juventude.....	76
Tabela 10 – Entrevista com os educandos, categoria responsabilidade e trabalho.....	77
Tabela 11 – Entrevista com os educandos, categoria religiosidade e deus.....	78
Tabela 12 – Entrevista com os educandos, categoria opinião sobre drogas.....	79
Tabela 13 – Entrevista com os educandos, categoria sonhos e expectativa de futuro.....	80
Tabela 14 – Entrevista com os educandos, categoria mudanças após entrada nesta Unidade.....	81
Tabela 15 – Entrevista com a direção, categoria caracterização.....	82
Tabela 16 – Entrevista com a direção, categoria coletividade.....	83
Tabela 17 – Entrevista com a direção, categoria disciplina.....	85
Tabela 18 – Entrevista com a direção, categoria acolhida.....	86
Tabela 19 – Entrevista com a direção, categoria formação continuada.....	87
Tabela 20 – Entrevista com a direção, categoria sociedade.....	88
Tabela 21 – Entrevista com a direção, categoria família.....	89
Tabela 22 – Entrevista com a direção, categoria escola.....	90
Tabela 23 – Entrevista com a direção, categoria relação com a comunidade.....	91
Tabela 24 – Entrevista com a direção, categoria religiosidade.....	92
Tabela 25 – Entrevista com a direção, categoria transformação.....	93
TABELA 26 – Entrevista com o Educador - caracterização.....	95
Tabela 27- Entrevista com educador, categoria coletividade.....	96
Tabela 28 – Entrevista com educador, categoria disciplina.....	97
Tabela 29 – Entrevista com educador, categoria formação continuada.....	98
Tabela 30 – Entrevista com educador, categoria sociedade.....	98
Tabela 31 – Entrevista com educador, categoria escola.....	99
Tabela 32 – Entrevista com educador, categoria evasão.....	100
Tabela 33 – Entrevista com educador, categoria drogas.....	100
Tabela 34 – Entrevista com educador, categorias sexualidade e religiosidade.....	101
Tabela 35- Entrevista com educador, categoria datas comemorativas.....	101

Tabela 36- Entrevista com educador, categoria transformação..... 102

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 –ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES	111
ANEXO 2 – ENTREVISTA COM OS EDUCADORES	113
ANEXO 3 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO	115
ANEXO 4 – FOTOGRAFIAS – UNIDADE DE ABRIGAMENTO DO PIÁ.	117

RESUMO

A apresentação da Educação como realidade humana, passível de acontecer em todos os atos humanos, portanto também fora das instituições formais de ensino, permite a possibilidade de visão acerca desse fenômeno em diversas dimensões. Para tanto, são apresentadas neste trabalho acepções importantes sobre a Educação e a Educação Não Formal. Esta compreensão se dá a partir da proposta de análise da possibilidade da prática emancipatória nos espaços de abrigamento para adolescentes. Esse recorte é compreendido a partir de pesquisas teóricas acerca da adolescência no Brasil; e da análise da realidade de adolescentes em situação de risco para a violência. Enquanto pesquisa qualitativa é apresentada a pesquisa de campo realizada em uma 'Unidade de Proteção Social Especial de Alta Complexidade', situada na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Para a identificação da existência do caráter emancipatório na organização do trabalho da referida Unidade de Abrigamento, são apresentadas as relações concretas deste grupo e de alguns indivíduos neste grupo. Sendo assim, todas as mensagens concretas obtidas através de relatos ou documentos, são analisadas à luz das categorias coletividade e disciplina, fundamentadas no pedagogo Anton Semionovitch Makarenko, na busca da transformação e emancipação da vida desses sujeitos. Por fim, nas considerações finais, são apresentados os elementos presentes na prática desse espaço, que visa a promoção da autonomia na busca pela ressocialização e emancipação desses adolescentes.

Palavras – chave: Educação, Educação Não Formal, adolescência, situação de risco, coletividade, disciplina, emancipação.

INTRODUÇÃO

A realização de uma pesquisa monográfica tendo como objeto de investigação adolescentes vítimas da situação de risco para a violência e que estão fora de suas casas, abrigados em unidades permanentes pela Fundação Social de Curitiba (FAS), caracteriza-se pela necessidade de responder ao seguinte problema de pesquisa: Nestes espaços de abrigo, é possível a prática emancipatória em relação à ressocialização desses sujeitos?

Esses sujeitos, vistos como “senhores de suas histórias”, conforme apresentam MIRANDA e STOLTZ (1999), chegam a essas instituições oriundos de experiências heterogêneas. Ao se tornarem moradores desses abrigos, tornam-se então, público usuário de medidas sócio-assistenciais, tidas como de Alta Complexidade, conforme a Política Nacional de Assistência Social.

A realização deste trabalho, na perspectiva da acadêmica, torna-se relevante no aspecto social, pois busca observar as relações presentes nos movimentos sociais, através de suas representações. Procura visibilizar a busca do resgate do sentido de coletividade presente naquela Unidade de Abrigo do Piá, em oposição ao individualismo. Além do que, geralmente, as instituições voltadas a esse tipo de trabalho recebem da sociedade um “olhar negativo” visto atenderem “menores delinquentes”.

Quanto aos aspectos acadêmicos, a realização de um estudo acerca das políticas de atendimento desses adolescentes, busca verificar na prática social a possibilidade desses espaços em representar, na organização de seu trabalho, uma ação pedagógica intencional, no âmbito não formal.

Entretanto, também na perspectiva acadêmica, percebe-se a escassez de pesquisa acerca desta forma de organização do trabalho pedagógico, não no sentido do que já existe enquanto a educação escolar dos institucionalizados, mas das transformações destes adolescentes face à coletividade.

Segundo GOHN (1999) frente a uma sociedade cada vez mais competitiva, individualista e violenta,

A Educação é chamada também para superar a miséria do povo, promovendo o acesso dos excluídos a uma sociedade mais justa e igualitária, juntamente com a criação de novas formas de distribuição de renda e de justiça social. Neste cenário, observa-se uma ampliação do conceito de Educação, que não se restringe mais aos processos de ensino – aprendizagem no interior das unidades escolares formais, transpondo os muros da escola, para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo, etc. Com isto um novo campo da Educação se estrutura: o da Educação Não Formal. (GOHN, 1999, p. 07).

Desta forma, este trabalho monográfico tem como objetivo o registro da vida dos jovens, que se tornam objeto de investigação, a partir do relato da prática social concreta. Busca identificar, nessa prática social concreta, os elementos constitutivos do processo educacional não formal empregados pelo grupo ou no grupo, e verificar nesse processo, o caráter emancipatório entre os jovens. Por fim, este trabalho monográfico busca contribuir fornecendo subsídios teóricos que instrumentalizem a formulação de propostas educacionais de atendimento a adolescentes em situação de risco para a violência.

A pesquisa e produção acadêmica na área de Educação são entendidas como parte das Ciências Humanas, pela apropriação do conhecimento da realidade. Assim, a Ciência da Educação compreende, em sua prática, a realização de questionamentos acerca desta realidade, entendendo-a na sua especificidade. Esta especificidade torna a Educação um fenômeno humano, e, portanto social.

Desta maneira, a pesquisa em Educação, enquanto fenômeno social, remete ao entendimento de que o campo de pesquisa não é passível de normatividade, por ser repleto de conflitos e contradições. Permite diversas maneiras concretas de realização, a partir do momento em que o campo de estudo apresenta-se como diverso e heterogêneo.

Nas pesquisas educacionais não são possíveis as categorizações de que todas as práticas sejam iguais, que gerem conhecimentos por conceitos únicos. Assim, percebe-se na construção de pesquisas na área de Educação uma diversidade de

olhares e considerações, que remetem e apresentam a multiplicidade de olhares e diferenças para o entendimento do campo humano. Segundo MINAYO (1994),

A cientificidade, portanto, tem que ser pensada como uma idéia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos. A história da ciência revela não um "a priori", mas o que foi produzido em um determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento. (MINAYO, 1994, p. 12).

Para tanto, a pesquisa realizada neste trabalho monográfico, aponta a investigação de um processo de vida de sujeitos sociais marcado por constituir-se de características históricas. Assim sendo, carrega em si significações e características que marcam a identidade entre a investigação e o objeto investigado, determinando assim, a intencionalidade de buscar aspectos e indicadores relevantes para a percepção do objeto que se estuda: as características emancipatórias e libertadoras da organização do trabalho pedagógico.

A metodologia utilizada na presente pesquisa caracteriza-se pela busca de caminhos a fim de compreender a realidade dos sujeitos sociais envolvidos, a partir da abordagem de suas histórias, no cotidiano do mundo vivenciado. É, a partir da percepção da existência histórica, da inserção na realidade, das razões e objetivos, do olhar da construção pedagógica e de vida desses sujeitos, que se dá o início da pesquisa neste trabalho.

A escolha pela pesquisa empírica, de caráter qualitativo, na perspectiva de registro de História de Vida, se dá pela necessidade das características postas pela relevância do tema proposto, a partir do universo de significados e particularidades de que este pressupõe. Assim, apresenta-se raza a simples quantificação dos conteúdos desejados e objetivados na investigação. Pretende-se, através da natureza da busca pelo qualitativo, a apresentação e reflexão acerca de significados, aspirações, crenças, valores, atitudes e compreensão dos espaços de relações destes sujeitos sociais, dos processos e fenômenos que entre eles ocorrem.

Assim sendo, busca-se o trabalho de campo como forma de estabelecer o recorte empírico da pesquisa teórica. E como forma de investigar o objeto proposto,

segundo MINAYO (1999), são utilizadas entrevistas e observação participante, abordagens técnicas da investigação da etapa de campo da pesquisa.

A entrevista caracteriza-se como o procedimento escolhido em quanto meio de coleta de informações sobre o tema proposto, na forma de entrevista semi – estruturada, buscando, através da história de vida dos sujeitos envolvidos, as experiências vivenciadas individualmente e em relação ao seu grupo e a instituição onde estão inseridos (MINAYO, 1994).

Nesta perspectiva teórico-metodológica, os fundamentos para as categorias de análise são propostas nas dimensões *coletividade e disciplina*, empregadas para análise destes sujeitos. Onde *categorias*, entendidas como formas de conscientização dos modos universais da relação do homem com o mundo, constituem-se como elementos essenciais no materialismo dialético, pois refletem as propriedades e leis mais gerais e essências da natureza, da sociedade e do pensamento. (TRIVINOS, 1987).

Estas dimensões, fundamentadas em MAKARENKO (1977), pautam as características da Educação Emancipatória.

Para tanto, os fundamentos teóricos destes conceitos são apresentados, no Capítulo 1 deste trabalho, denominado “*Educação e emancipação: pressupostos teóricos*”. Neste capítulo, são apresentadas as concepções acerca da Educação, da Educação Não – Formal e a Prática Social, além de percepções acerca do coletivo, da práxis social e da emancipação. A partir das proposições e contribuições da Pedagogia Socialista, expressas em MAKARENKO (1977, 1976 e 1981), e das proposições de GOHN (1999) sobre Educação Não Formal, além de outros autores, se constrói a fundamentação deste trabalho.

A compreensão dos elementos que compõe as especificidades das crianças e adolescentes em situação de risco é apresentada no Capítulo II deste trabalho, sob o título “*A Infância e Adolescência no Brasil. Um tempo perdido?*”.

Os matizes da prática social concreta, os elementos constitutivos do processo educacional não formal empregados pelo grupo e no grupo, são apresentados no Capítulo III, denominado “*Uma Unidade de Abrigamento do Piá – a prática social*”.

Neste capítulo, são apresentadas as entrevistas com os moradores desta Unidade, bem como com os profissionais em exercício na casa, a fim de verificar a existência de processos educacionais emancipatórios entre os jovens, a partir da busca pela ressocialização.

Por fim, as Considerações Finais apresentam a análise da acadêmica acerca das relações e processos percebidos ao longo da construção do presente trabalho; e sua estreita relação com a especificidade da Educação, expressa através da Educação Não Formal. Analisar a existência de caráter emancipatório, na busca da ressocialização de sujeitos fragilizados, e anteriormente desprovidos de muitos dos seus direitos, entre eles a Educação Formal; são elementos a serem apresentados nas considerações que encerram este trabalho.

CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 EDUCAÇÃO

A compreensão do que é a Educação apresenta-se como aporte inicial do presente estudo, por representar o objeto primeiro de conceituação para o entendimento dos demais objetivos propostos. A Educação apresenta-se como elemento maior, enquanto área de conhecimento e pesquisa, constituindo-se parte das Ciências Humanas. Segundo SAVIANI (1997):

(...) a educação é inerente à sociedade humana, originando-se do mesmo processo que deu origem ao homem. Desde que o homem é homem ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação. A humanidade se constituiu a partir do momento em que determinada espécie natural de seres vivos se destacou da natureza e, em lugar de sobreviver adaptando-se a ela, necessitou, para continuar existindo, adaptar a natureza a si.

Em conseqüência do fenômeno acima apontado, o homem tem de se apropriar da natureza e transforma-la de acordo com suas necessidades, sem o que ele perece. E a forma de sua existência é determinada pelo modo como ele a produz ou, já que o homem só existe em sociedade, a forma da sociedade é determinada pelo modo como é produzida a existência humana em seu conjunto. (SAVIANI, 1997, p. 01).

No entender de BRANDÃO (1986), a Educação é um fenômeno humano, isto é, todos os homens se educam, e só eles o fazem. Portanto, os indivíduos, os grupos, a família, a sociedade, a história, o mundo, enfim, todas as diversas faces da existência humana têm em si imbricadas o fenômeno educacional.

Tal reflexão permite analisar a educação sob vários pontos de vista, mas cada um deles está ligado e relacionado aos demais. Assim, pensar em educação remete à percepção de que se trata de um fenômeno da própria existência humana, na relação do indivíduo com todos os elementos de sua existência. BRANDÃO (1986), afirma:

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes, com este ou aquele tipo de

sociedades e culturas, sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado, entre e sobre as pessoas. (BRANDÃO, 1986, p. 09).

Desta forma, a Educação se dá em todos os espaços sociais e em todos os momentos de interação do ser humano com o meio onde vive. Acompanha a existência humana, e permite ao homem transformar-se e transformar o mundo em que vive, adaptando-o a si. Neste movimento, modifica o seu redor e modifica a si mesmo. Muito mais que modificar, transmite valores, símbolos, conceitos, e diversos outros elementos de geração a geração. Constitui-se como uma ação a partir do momento em que pressupõe movimento, e permite ser concebida então, como ação educativa (SAVIANI, 1991).

Também, de acordo com SAVIANI (1991), o trabalho é o elemento que diferencia o homem dos demais animais, sendo a Educação, simultaneamente, “uma exigência ‘do’ e ‘para’ o processo de trabalho”. Assim,

A compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material cujo produto não se separa do ato de produção nos permite situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, idéias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos, sobre o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens. (SAVIANI, 1991, p.29-30)”.

A acepção de SAVIANI (1991) permite a reflexão da natureza da ação educativa, como a ação tal capaz de formar em cada “indivíduo singular” as características e propriedades humanas, através de uma segunda natureza; possibilita acreditar no crescimento do ser humano, na constituição da sua “humanidade”.

Ainda em SAVIANI (1997), pode-se ilustrar tal caráter da educação, conforme apresentado a seguir:

Nas comunidades primitivas (modo de produção comunal), (...) os homens se apropriam coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo se educam e educam as novas gerações. Nas sociedades antigas (modo de produção escravista) e medieval (modo de produção feudal) com a apropriação privada da terra, então, o principal meio de produção, surge uma classe ociosa (que vive do trabalho

alheio) e em consequência disso se desenvolve um tipo de educação diferenciada destinada aos grupos dominantes cuja função é preencher o tempo livre de "forma digna", isto é, aquilo que na Idade Média foi traduzido pela expressão latina 'otium cum dignitate. (SAVIANI, 1997, p. 02).

No entanto, a compreensão da Educação aqui proposta busca demonstrar que o fenômeno educativo se dá, em cada forma de organização social, a partir de formas determinadas pela estrutura dessa mesma sociedade. A sua sistematização, as formas como se organizam, os valores que esta detém, dependem da forma como esta sociedade é estruturada.

Mediante a compreensão de organização social e fenômeno educativo, utiliza-se enquanto recorte teórico a concepção de Educação posta na contemporaneidade do Brasil. A concepção de Educação para o Estado Brasileiro é apresentada na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no Capítulo III, Seção I, artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, em seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2004, p. 87).

Há então, a concepção de que a educação apresenta-se como dever do Estado e da família, e deve ser *promovida e incentivada*. Esta promoção se dá através de políticas públicas, caracterizadas pelos processos de formulação, implementação e avaliação de ações e programas destinados ao atendimento das demandas sociais.

Entre estas políticas apresenta-se o ensino, formalizado em modalidades, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96), organizada em espaços formais, isto é, escolas. Configura-se então uma forma de educação diferenciada, destinada a uma classe posta por relações sociais, a partir da sua oferta em instituições formais de ensino. É a sistematização de saberes, a partir de um currículo que simboliza uma determinada concepção de cultura.

No entanto, estas instituições formais não se configuram como o único espaço que detém o monopólio de saberes e da cultura de uma determinada sociedade. Fora da escola existe também ato educativo, organizado de uma ou outra forma, que não

através de um currículo, mas sim a partir das relações de saberes, culturas e valores que compõe a realidade (GOHN, 1999).

A partir desta concepção, segue a fundamentação teórica deste trabalho monográfico, a fim de melhor delinear o espaço da Educação Não Formal.

1.2 PRÁTICA SOCIAL E EDUCAÇÃO, CONCEITUANDO A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

A caminhada realizada para a escolha de embasamento teórico deste trabalho monográfico, perpassa a necessidade de apresentar alguns conceitos que teçam a relação de saberes que compõe a Educação fora da escola, isto é, a Educação Não Formal.

A concepção de Educação passa então a adquirir uma nova face, que extrapola os muros da escola, conforme apresentado por GOHN (1999):

Neste cenário, observa-se uma ampliação do conceito de Educação, que não se restringe mais aos processos de ensino-aprendizagem no interior das unidades escolares formais, transpondo os muros da escola para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo, etc. Com isto um novo campo da Educação se estrutura; o da educação não formal. Ela aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuem na área social; ou processos educacionais (GOHN, 1999, p. 07).

A partir da concepção apresentada acima, busca-se compreender educação como um processo presente em todas as esferas da vida social e nos respectivos momentos históricos. Mais que isso, busca-se a compreensão da educação enquanto elemento capaz de extrapolar os muros da escola e situar-se em meio às tensões da sociedade, tais como a sobrevivência, as lutas, as transformações avassaladoras da modernidade, presentes em todas as esferas da vida social, em determinados espaços e momentos históricos.

Para tanto, remete-se a conceitos importantes apresentados por GOHN (1999). Estes conceitos são relacionados à *cultura*, e à *cultura política*.

A concepção de *cultura*, a partir da autora, é sabidamente alvo de muitas acepções ao longo da história, assim:

Sabemos que o termo cultura possui muitas acepções, foi interpretado de várias formas ao longo da história e tem posições diferenciadas nos vários paradigmas explicativos da realidade social. No senso comum, o termo é associado ao estudo, à educação - escolaridade, ou ao mundo das artes, aos meios de comunicação de massa, ao mundo do folclore, lendas crenças e tradições passadas, ou ainda, a períodos e etapas da civilização humana.

SANTOS apud GOHN (1999) sistematizou as concepções sobre cultura em dois blocos, ou seja, ligada com os aspectos da realidade social, a tudo aquilo que se relaciona à existência de um povo, de uma nação etc. A segunda tem uma ligação direta com o conhecimento, com o mundo das idéias e das crenças, as maneiras como estas últimas existem na vida social.(GOHN, 1999, p. 22-23).

A concepção de cultura não pode ser reduzida, sendo que o tema constituiu-se como políticas da vida social, e na construção cultural.

Para tanto, parte de uma configuração da situação em que se encontram as relações entre educação e sociedade, desenvolvendo em seguida considerações sobre o necessário redimensionamento de seu papel, em face das exigências postas pela significação da condição humana, fundada na iminente dignidade dos seres humanos como pessoas sendo objeto de estudo de diversos autores. No século XX, são apontados autores como Max Weber, Karl Manheim, Mauss, Gramsci, Lévi – Strauss, Taylor, Malinowski, entre outros. Entre os autores contemporâneos, destacam-se Bourdieu, Habermas, e Adorno. No Brasil, são relevantes os trabalhos de autores como Mário de Andrade, Gilberto Freire, Florestan Fernandes.

(...) a cultura passou a ser vista como tendo um caráter relacional, com sentido e significados construídos nos processos de interação. A identidade cultural de um grupo é construída neste processo, e há uma tensão constante entre os significados e os sentidos que um grupo ou movimento social procura atribuir/construir via suas práticas, e os outros significados e sentidos de outros grupos/movimentos. Isto ocorre porque as relações de poder não aludem apenas às relações de força física, material. A cultura é também uma força, enquanto uma prática plena de significados. Ela demarca diferenças porque estas são produzidas no interior dessas práticas de

significações. O exercício das práticas produz continuamente novos significados, pois muitas vezes está se procurando demarcar as diferenças de outra forma. O preconceito racial, por exemplo, é uma diferença carregada de negatividade, que busca separar, segregar, excluir. Contra ela, os grupos organizados lutam e procuram construir outros significados para a questão da raça, baseados em valores positivos. Ao fazer isso, geram identidade a partir da demarcação de campo de suas diferenças.”(GOHN, 1999, p.34-35)”.

A reflexão acerca da concepção de cultura apresentada permite compreender ser a cultura como a forma de uma determinada sociedade, num determinado período histórico, perceber o mundo em que vive.

A concepção de *cultura política*, assim como a concepção de cultura, é um termo de múltiplos significados, que apresenta o início da sua análise desde os primórdios da ciência política (objeto de estudo de autores como Maquiavel, Montesquieu, Rosseau, Platão, Aristóteles). Na teoria marxista, a partir das contribuições de Gramsci, a cultura política dominante seria a cultura da classe dominante. Max Weber (século XX), apresentou a importância de se analisar orientações subjetivas (como os valores, as atitudes e os sentimentos) para as mudanças estruturais (GOHN, 1999).

A cultura política, a partir da concepção de GOHN (1999), compreende,

Portanto, falar de cultura política é tratar do comportamento de indivíduos nas ações coletivas, os conhecimentos que os indivíduos têm a respeito de si próprios e de seu contexto, os símbolos e a linguagem utilizada, bem como as principais correntes de pensamento existentes. Mas é muito complicado falarmos em cultura política de forma isolada do contexto histórico e de outros conceitos de apoio. Isto porque cada época histórica engendra determinada cultura política, segundo os valores e crenças que são resgatados ou construídos, num universo dos temas e problemas com os quais homens e mulheres defrontam-se naquele momento histórico. Os conceitos de apoio são o de cidadania, direitos humanos, identidade cultural, participação sociopolítica, etc. (GOHN, 1999, p. 59-60).

A partir da maior participação dos sujeitos nas políticas sociais, surge a participação das pessoas através de ONGs (Organizações Não Governamentais), participação em organizações populares, ou demais práticas que buscam um agir coletivo. Desta forma, os segmentos sociais antes esquecidos e desconsiderados, tais como crianças, jovens/adolescentes, idosos, através de sua organização, lutaram e

acabaram por conquistar reivindicações que atendiam ao interesse coletivo. A partir das discussões das problemáticas locais, constituíram-se organizações a fim de agir a partir das relações diretas, o associativismo (GOHN, 1999).

Na década de 80, o associativismo possui um caráter ligado a partidos, sindicatos e alas da Igreja Progressista. Já na década de 90, apresenta-se menos no caráter de associativismo de massas populares, e sim, através de um eixo articulatório, apresentado por GOHN (1999), como sendo o princípio da identidade e solidariedade:

(...) Não se trata mais de uma identidade exclusiva de classe, construída segundo a situação socioeconômica e de inserção de indivíduos e grupos no processo produtivo, mas de uma identidade mais complexa, abrangendo cor, raça, sexo, nacionalidade, idade, herança cultural, religião, culturas territoriais, características sociobiológicas, etc. (...).(GOHN, 1999, p. 88).

Desta forma, ao retomar a análise acerca do que seja Educação, da sua oferta formal e da sua existência no caráter não – formal, levanta-se que até a década de 80 no Brasil, as atenções das políticas públicas estiveram mais voltadas à educação formal, ofertada em instituições escolares. (GOHN, 1999).

A concepção da Educação Não Formal remete a:

(...) um conceito amplo de educação a que concebemos de forma associada a outro conceito, o de cultura. Isto significa que a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. A educação escolar, formal, oficial, desenvolvida nas escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas da educação. (GOHN, 1999, p. 98).

Segundo a mesma autora, (1999), a Educação Não-Formal é um processo, caracterizado pelos seguintes campos e dimensões:

- A aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de

seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais;

- A capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades;
- A aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas cotidianos coletivos;
- A aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados;
- A educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica;
- Educação para a vida e para a arte de bem viver.

Outro conceito importante que auxilia na compreensão da Educação Não Formal é a distinção entre este processo e a *educação informal*. Conforme apresentado por GOHN (1999),

O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos a criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e interpretações, como é o caso da interpretação familiar (...) Mas o termo informal não abrange as possibilidades da educação não-formal que estamos aqui destacando, ou seja, as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais (...). (GOHN, 1999, p.100).

Assim, na Educação Não-Formal, a cidadania é o objetivo principal e ela é pensada em termos coletivos. A aprendizagem, na Educação Não Formal, se dá por

meio da prática social. É a experiência das pessoas em trabalhos coletivos, que gera um aprendizado. Neste sentido, todas as relações que se dão a partir dos indivíduos, são fundamentais para a aquisição de novos saberes. Segundo GOHN (1999),

Cumprir destacar que a educação não-formal tem sempre um caráter coletivo, passa por um processo de ação grupal, é vivida como práxis concreta de um grupo, ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente. O processo ocorre a partir das relações sociais, mediadas por agentes assessores, e é profundamente marcado por elementos de intersubjetividade à medida que os mediadores desempenham o papel de comunicadores. (GOHN, 1999, p. 104).

Neste momento, a concepção acerca da Educação Não Formal que ocorre a partir de um processo de ação grupal, busca a contribuição teórica de Anton Semionovitch Makarenko, educador russo, que em suas concepções apresenta subsídios para a reflexão acerca da realidade a ser pesquisada neste trabalho. Mostra e contrapõe as possibilidades de crescimento e formação humana, postas nos processos de formação e Educação Não Formal nos grupos.

1.3 O COLETIVO, A PRÁXIS SOCIAL E A EMANCIPAÇÃO

A peculiaridade dos elementos propostos neste trabalho, quanto à busca pela emancipação dos indivíduos, implica na compreensão de que as práticas de Educação Não Formal se dão intencionalmente, sendo caracterizadas por um objetivo, expresso num planejamento acerca das necessidades daqueles sujeitos a quem envolve.

Na busca de compreender a possibilidade de emancipação individual dos sujeitos a partir da práxis social tomada como recorte de pesquisa neste trabalho, são escolhidas como categorias de análise os fenômenos coletividade e disciplina, fundamentando em MAKARENKO, ambas as dimensões.

Anton Semionovitch Makarenko, nascido na Ucrânia (1888/1939) foi um pedagogo renovador, e que nos anos vinte e trinta do século passado, trabalhou com jovens delinqüentes, obtendo resultados que impulsionaram o mundo no seu tempo e que repercutem até hoje entre os educadores que atuam nesta área. Suas

contribuições são descritas a partir das experiências na Colônia Gorki (1920 – 1928) e na comuna Dzerzhinski (1928 – 1935), onde desenvolveu a fundamentação teórica de sua prática a partir da educação na coletividade infantil. MAKARENKO (1987) visualizava em cada um de seus educandos um *diapasão de possibilidades*. Desta idéia, resulta a possibilidade de pensar os indivíduos enquanto sujeitos capazes de transformar-se e emancipar-se, justificando-se a escolha deste autor enquanto eixo teórico das categorias de análise propostas.

MAKARENKO (1987) atribui um enorme significado e contribuição para a análise da formação do homem novo, conforme a necessidade da reeducação socialista, a sua época, através do coletivo e do trabalho. As colocações de sua teoria pedagógica nascem do desenvolvimento dos caracteres e personalidades, da dialética das inter-relações do coletivo, marcando assim sua concepção de homem.

Sobre a necessidade de colher das inter-relações do coletivo, as formas de intervenção para as situações reais postas, MAKARENKO (1987) apresenta, em sua obra “Poema Pedagógico” (original escrito em 1935), a seguinte acepção acerca da organização do trabalho pedagógico na Colônia Gorki,

Quanto a mim, o resultado principal dessas leituras foi uma convicção firme e, subitamente, não sei por que, fundamental, de que nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos. No começo eu nem sequer compreendi, mas simplesmente vi, que eu precisava não de fórmulas livrescas, as quais não poderia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim de uma análise imediata e uma ação não menos urgente. (MAKARENKO, 1987, p. 24).

Neste aspecto, a postura da atividade do educador se põe como a luta pelo ser humano, através do estudo, do lazer, do trabalho e da disciplina. Dentro deste aspecto vem a idéia de MAKARENKO (1987), de “exigir o máximo, da pessoa e respeitá-la ao máximo”.

A busca pela ressocialização destes indivíduos, no entanto, não se dá nunca de forma isolada. Ao longo de toda a sua obra, MAKARENKO afirma o papel do coletivo. Justifica-se neste contexto, a importância da aproximação com a teoria deste autor, por resgatar um importante fenômeno, conseqüentemente, movimento social

esquecido e abandonado na sociedade atual, em que, segundo MIRANDA (2005), o *ethos* de cada um reflete o individualismo e o egoísmo e a “lei do mais forte, do mais esperto, do consumismo”.

O capitalismo apresenta-se como um sistema diluído em nossa sociedade que, segundo MAKARENKO (1977), constitui uma complexidade, uma ética, impregnada de individualismo, onde os problemas morais do indivíduo são suas aspirações individuais, apartando-o das preocupações com o bem comum e com os fenômenos sociais.

Desta maneira, a preocupação com a coletividade se dá a partir do momento em que ela é estabelecida como a interdependência de cada um dos membros da sociedade que se reestruturam, aspiram objetivos comuns para todo o povo e asseguram a felicidade de todos e cada um em separado. Assim, a mais alta missão da coletividade e o princípio básico de sua vida, é a preocupação pelo indivíduo. (MAKARENKO, 1977).

MAKARENKO (1977) registra que, ao nascer, o indivíduo já faz parte de uma agrupação qualquer – família, *gem*, tribo, nação ou Estado. Isto se produz independente de seu desejo e vontade. A base para a formação desse grupo é um recorte natural, um parentesco sangüíneo, e a respeito do Estado, aquele indivíduo estará sujeito às mesmas leis que os demais que compõem este ou aquele grupo. Ao longo da história, verificam-se formas de agrupamentos forçados dos homens, como a escravidão e a servidão. Na modernidade se vê uma forma de voluntariedade aparente, como um conjunto de comerciantes que se une num sentido de colaboração, mas na verdade cada um busca o seu lucro. Neste caso, pode se chamar de grupo e não de coletividade, pois não há o espírito de objetivo comum.

1.3.1 A Coletividade

Ao apresentar a sua concepção de coletividade, MAKARENKO (1977) apresenta que, segundo a concepção de cooperativa soviética, a coletividade permite que cada um de seus componentes veja a unidade em outro plano. Não se pode

compreender como coletividade apenas uma união de pessoas num determinado local como numa cidade, por exemplo. Sobre a coletividade, MAKARENKO (1977) diz:

Em la naturaleza y la sociedad transcurren procesos evolutivos y revolucionarios; la sistematización de las agrupaciones sociales se desarrolla y cambia. Nuestro pensamiento científico no debe deducir combinaciones aleatorias de rasgos lógicos generales, sino fotografiar el esquema real de los fenómenos sociales, distinguir en las imágenes obtenidas los principios de división y de unión y, lo más importante, sacar conclusiones sobre los procesos y tendencias de cambio, crecimiento, obsolescencia, etc., mediante la comparación de dos fotografías obtenidas en diferentes períodos". (MAKARENKO, 1977, p. 60).

MAKARENKO (1977) parte da tese de que o conjunto social é uma forma de vida humana realmente existente, e esta forma é indispensável, pois é dada pela experiência histórica, e esta propriedade é especificamente dos homens, de seres pensantes, cujos atos não são determinados por simples reações, pois o homem sempre busca o melhoramento de sua vida e se está convencido de que este melhoramento só se dá em expressões sociais. Esta concepção de homem difere da concepção anteriormente exposta, que demarca o individualismo e o egoísmo.

Para tanto, a coletividade pode ser assim compreendida na concepção soviética, baseada em igualdade de participação de seus integrantes no trabalho social e a confirmação do princípio de liberdade e igualdade de seus membros. A coletividade é um organismo social vivo, pois têm órgãos, poderes responsabilidades, correlação entre suas partes e interdependência.

Há, então, a necessidade de educar o homem para esta sociedade pautada na coletividade, através da projeção da personalidade como produto da Educação. São postos aí, os fins da Educação, conforme a concepção de MAKARENKO (1977),

Los rasgos comunes e individuales de la personalidad em cada fenómeno vivo se entrelazan de modo infinitamente complejo: por ello, la proyección de la infinitamente difícil e reclama tiento. El miedo ante la diversidad humana, la incapacidad para tejer un todo equilibrado con elementos heterogéneos, seguira siendo durante largo tiempo el aspecto más peligroso. Por ello... pegar a todos igual, nivelar a todos a un solo estándar, educar una restringida serie de tipos humanos parece más fácil que la educación diferenciada. (...) si los hombres son diferentes, los métodos también. Como tarea organizadora, digna de nuestra época y nuestra revolución, sólo puede ser la creación de un método que, siendo general e unico, permita al mismo tiempo que

cada personalidad por separado desenrolle sus peculiaridades y conserve su individualidad. (MAKARENKO, 1977, p. 45-46).

Quando se formam os indivíduos, deve-se pensar na Educação de toda coletividade. As coisas se resolvem de forma conjunta. Cada contato com a coletividade deve ser necessariamente, o momento de Educação do indivíduo integrado em seu contexto. Assim, MAKARENKO (1977) considera como objeto de Educação da organização a coletividade em seu conjunto, e a ela dirige-se a influência pedagógica organizada. Desta forma, é seguro que a forma de trabalho mais real a respeito da personalidade, consiste em manter o indivíduo na coletividade, de maneira que ele mesmo considere sua estada nesta coletividade voluntariamente, feita por desejo próprio. Para isso, os educadores têm que mobilizar a cada instante o seu pensamento e experiência, tato e vontade para orientar diversas manifestações, desejos e empenhos da coletividade. Assim, o trabalho pedagógico consiste como a criação de uma verdadeira coletividade e a adequação desta sobre o indivíduo.

Em tanto que la coledividad protege em todos los puntos de contacto contra el egoísmo individual, salvaguardando a cada individuo y creando las óptimas condiciones para su desarrollo. Las exigencias de la coledividad educan especialmente a quienes participan de ellas. Aquí la personalidad ocupa una nueva posición formativa; no es objeto de influjo educacional, sino su portador, el sujeto; pero se convierte en sujeto sólo cuando expresa los intereses de toda la coledividad. (MAKARENKO, 1977, p. 71).

Para MAKARENKO (1977), a coletividade é uma esplêndida conjuntura pedagógica, que é concebida ao defender cada membro da coletividade, e cada membro se voltar para ela. Daí surge a perspectiva de valor e dignidade desta coletividade, repousando nela o princípio de educação política.

Para tanto, este grupo não vê nada de estranho na própria disciplina, denominada por MAKARENKO (1977) como o estado natural de cada coletividade. Há o disciplinamento para a coletividade. Neste aspecto, se encontram as regras do coletivo em relações as questões de roubo dos objetos pessoais, a permissão da de uso de bebida alcoólica no grupo, o jogo de azar com dinheiro envolvido, entre tantas

outras questões que permeavam o coletivo dos jovens com quem MAKARENKO (1977) conviveu.

Para a educação política no âmbito da coletividade, são necessárias qualidades distintas das qualidades da sociedade burguesa. A sociedade burguesa se reduz a individualizar a personalidade e que cada pessoa se adapte e lute pela sua existência. Para se trabalhar com o indivíduo no âmbito da coletividade há de se conhecê-lo e cultivá-lo, sem separá-lo desta coletividade. A esta, cabe a função de estruturar um caráter combativo, ativo e vital. Para a libertação dos indivíduos, isso só é possível quando se educa a todos e não se limita à observação dos indivíduos isoladamente. Assim, a conduta dos educandos deve ser vista nos menores atos, a fim de que o zelo de cada um e o respeito pela coletividade, devam ser os primeiros objetivos da educação. Conforme MAKARENKO (1977), há de se ter qualidades bem determinadas, a saber:

- a) A coletividade se dá através de seus objetivos, que não é apenas uma somatória de coincidências comuns. A relação entre o objetivo comum e o particular não é uma relação de contrários, mas sim uma relação de um todo;
- b) A coletividade é uma parte da sociedade;
- c) O sucesso dos objetivos da coletividade não deve ser capricho de pessoas isoladas. A coletividade é um organismo social e, portanto tem órgãos de direção e coordenação, autorizados a representar.

1.3.2 A Disciplina

A partir das concepções de MAKARENKO (1977), a apresentação externa da coletividade é a disciplina. No entanto, a disciplina é considerada por este autor não

como um conjunto de “nãos” como é visto usualmente, como uma moral do que não se deve fazer.

Para MAKARENKO (1977), a disciplina deve ter um caráter de impulso de avanço, como uma superação. Para tanto, são necessárias exigências restritas que são feitas pela coletividade e, em relação a isso, são consideradas pelos jovens como necessárias, pois o interesse da coletividade está acima de seus interesses pessoais e, que os interesses da coletividade são seus próprios interesses. No entanto, este processo não se dá em poucos meses.

Da mesma forma, disciplina não é meio educativo, mas sim o resultado da educação. Não é um fenômeno externo, uma forma de domínio, de anulação da personalidade, do livre arbítrio e das aspirações pessoais, nem tampouco um instrumento de poder. Para MAKARENKO (1977),

En nuestra sociedad, la indisciplina, el individuo indisciplinado, es una persona que se pronuncia contra la sociedad y, por lo tanto, a él, no sólo le abordamos desde el punto de vista de comodidad técnica exterior, sino bajo un criterio político y moral. Todo pedagogo debe mantener este punto de vista sobre la disciplina, pero sólo cuando éste se entienda como producto de la educación. Ante todo, nuestra disciplina debe ser siempre una disciplina consciente. La disciplina es la suma de la influencia educadora, incluidos también los procesos de instrucción, formación política, estructuración del carácter, y también de los procesos de choques, conflictos y su solución en la colectividad, del proceso de amistad y confianza, así como decididamente de todo el proceso educativo, incluyendo también aquí los procesos de educación y desarrollo físicos, etc. (MAKARENKO, 1977, p. 175).

A disciplina apresenta-se então como fenômeno moral e político, devendo ser acompanhada de consciência, isto é uma plena noção da necessidade da disciplina no e pelo coletivo. Quanto a isto, MAKARENKO (1977) percebe que este tipo de ação com jovens que não tinham nenhum tipo de disciplina, estabelece-se, então, como a possibilidade de um ressurgir humano.

Ainda, além da afirmação teórica moral acerca da disciplina encontra-se a compreensão de que os interesses coletivos estão acima dos interesses individuais. MAKARENKO (1977) coloca este tema como um teorema, disciplina leva a coletividade alcançar as suas metas, e ao mesmo tempo, leva o indivíduo a alcançar sua liberdade.

Em relação à disciplina, a concepção de MAKARENKO (1977) extrapola o sentido de obediência, de regras de conduta. Desta forma, a concepção de homem, de cidadão soviético, exige uma disciplina muito mais ampla, capaz de levá-lo a uma capacidade de iniciativa e vontade criadora, a partir da concepção de cidadania emancipatória. Na obra “Conferências sobre Educação Infantil”, MAKARENKO (1981) apresenta que,

Em uma palavra, na sociedade soviética temos o direito de considerar como disciplinado somente o homem que sempre e em toda as circunstâncias, sabe escolher a atitude correta, a mais útil para a sociedade, e que possui a firmeza de manter essa atitude até o fim, quaisquer que sejam as dificuldades e inconveniências. (MAKARENKO, 1981, p. 38) .

Neste sentido, a busca pela capacidade de iniciativa, pela finalidade na reeducação e ressocialização dos indivíduos envolvidos nos processos de Educação vivenciados por MAKARENKO (1981), apresenta-se, pois, estes estão sujeitos a um processo de mudança constante e complexidade crescente. Dessa forma, os princípios objetivos vão sendo substituídos por outros e assim sucessivamente. É neste sentido que é posta a ressocialização nas relações apresentadas no e pelo grupo.

Ainda neste diapasão, cita-se FREIRE (1983),

Os oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão, com outro ‘conteúdo’ – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre; pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem.. Não é também a liberdade um ponto ideal fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é a idéia que se faça mito. É a condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. (FREIRE, 1983, p. 35).

Ainda acerca da disciplina, MAKARENKO (1977) apresenta a importância dos aspectos de estética da coletividade, isto é, a estética da conduta, sendo esta o sentido do coletivo e do sentido interno de cada indivíduo (como a boa educação, por exemplo). Outros exemplos citados por MAKARENKO (1977) referem-se ao jardim da casa,

asseio da roupa, limpeza das casas, cuidado com os materiais, importância da vestimenta na valorização dos meninos.

Lo más importante que acostumbramos a valorar em el hombre son su fuerza y su belleza. Una y otra se determinan exclusivamente de acuerdo con la actitud que mantiene hacia la perspectiva . La persona que determina su conducta basándose en el futuro más inmediato es la más débil. Si se contenta únicamente con su propia perspectiva. Aunque sea lejana, puede parecernos fuerte, pero no suscita en nosotros sensación de belleza personal y valor auténtico. Cuanto más amplia es la colectividad, cuyas perspectivas son también para el hombre las suyas personales, tanto más bella y sublime es la persona. (MAKARENKO, 1977, p. 216)

Tais elementos constituem a estética da conduta e devem se harmonizar com os princípios gerais da coletividade.

CAPÍTULO 2. POLITICA DE ATENDIMENTO À INFANCIA E ADOLESCENCIA NO BRASIL. UM TEMPO PERDIDO?

2.1. A CRIANÇA E A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é basicamente um fenômeno biológico, psicológico e social. Desta forma, a adolescência gera diferentes peculiaridades conforme o ambiente social, econômico e cultural em que o adolescente se desenvolve. A partir dos estudos de OUTEIRAL (2003, p.04), “A palavra adolescência tem dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa de vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer) significando a condição ou processo de crescimento, em resumo, o indivíduo apto a crescer” .

A concepção do Estado Brasileiro acerca da proteção devida à criança e ao adolescente, é apresentada no texto da Constituição de 1988, no artigo 227º,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.(BRASIL, 2004, p.94).

Em conformidade com a Constituição e às diretrizes internacionais nas quais criança e o adolescente figuram como sujeitos de direito, foi aprovado em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90).

Neste momento, o Estado Brasileiro, através do que é exposto em sua Constituição, busca formalizar por meio de um documento infraconstitucional, expressar a necessidade de proteção integral, a todas as crianças e adolescentes, bem como o reconhecimento de seus direitos. Direitos estes entendidos como especiais e específicos, devido às características que os fazem seres em desenvolvimento. Sendo

assim, cabe a todos aqueles que se apresentam nestas características, ter suas necessidades atendidas. Para tanto, o próprio texto do Estatuto da Criança e Adolescente apresenta, no artigo 2º;

Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (ECA, 1992, p. 13).

O artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe sobre os direitos fundamentais de crianças e adolescentes, a partir do que a lei reconhece como necessário ao desenvolvimento desses sujeitos. Assim,

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facilitar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (ECA, 1992, p. 19).

Os artigos 4º e 5º do Estatuto da Criança e Adolescente reproduzem e aprofundam as normas previstas no artigo 227º da Constituição de 1988. O artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece, em primeiro lugar, que são deveres da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público, assegurar os direitos das crianças e adolescentes e dar-lhes a proteção essencial.

O artigo 5º estabelece que, “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (ECA, 1992, p. 29).

A partir do exposto até então, percebe-se que o cuidado com a criança e o adolescente não é apenas obrigação exclusiva da família. Este é o grande diferencial da concepção acerca das garantias de atendimento a crianças e adolescentes, posto a partir do princípio constitucional de 1988. Todos devem velar pela dignidade e proteção da criança e do adolescente.

Da mesma forma, a execução de políticas sociais públicas deve prever o atendimento das necessidades desses sujeitos em desenvolvimento. Assim, através da utilização dos recursos públicos, advindos da União, dos Estados e dos Municípios, devem garantir a estes sujeitos em desenvolvimento, políticas de atendimento a estes indivíduos. Neste sentido,

As políticas públicas caracterizam-se por processos decisórios voltados para a formulação, implementação e avaliação de ações e programas destinados ao atendimento das demandas sociais. Essas decisões revelam "o que fazer" ou "o que não fazer" e, sobretudo "como fazer", ou seja, a orientação política que deverá nortear a ação pública e regular as formas de interação entre agentes promotores, parceiros e segmentos alvo da política. (BELUZZO e VICTORINO, 2004, P. 08).

No entanto, a percepção da realidade acerca dessas crianças e adolescentes brasileiros, remete a uma outra realidade que, contraditoriamente, nega todas as preposições legais postas pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Uma das abordagens dessa contraditoriedade refere-se à exclusão social, à pobreza e as vulnerabilidades da família. O papel da família apresenta-se então, fundamental enquanto instituição que desempenha uma função privilegiada na socialização primária (FEIJÓ e ASSIS, 2004, p. 159).

Outro aspecto de contraditoriedade na efetivação das propostas legais concerne ao atendimento dessas crianças pelas políticas públicas, que lhes garantam efetivo exercício da cidadania. Este aspecto é marcado pela acentuada ascensão dos quadros de pobreza e crescimento urbano, ocorridos no Brasil a partir da década de 80 (BELUZZO e VICTORINO, 2004). Sendo assim,

As conquistas formais representaram a possibilidade de novo tratamento às demandas de crianças e adolescentes, de sua valorização como sujeitos, rompendo com a tradição histórica de tutela sob esse segmento. Apesar de tais conquistas, o Brasil vive o dilema de possuir, por um lado, um arcabouço legal de garantias e, por outro, a permanência de situações e comportamentos sociais que negligenciam ou ferem os direitos da infância e da adolescência. (BELUZZO e VICTORINO, 2004, p. 12).

Desta forma, a constituição dessas crianças e adolescentes pode, no entanto, ser fruto de fatores que retardam ou causam danos ao desenvolvimento, sobre riscos,

distúrbios, anomalias e dificuldades que geram uma infância e adolescência infeliz. Assim, as vulnerabilidades e fragilidades desses sujeitos ganham maior preocupação num mundo caracterizado por rápidas mudanças sociais. Segundo EISENSTEIN e SOUZA (1993, p. 11), “O estado de extrema pobreza das famílias de grupos populacionais cada vez mais numerosos, especialmente em áreas urbanas, faz com que a quase totalidade dos mecanismos necessários à sociedade e às famílias para criar suas crianças e formar seus adolescentes, sejam cada vez mais precários”.

Crianças e adolescentes vivem num processo dinâmico e complexo de formação e maturação, mediante os impulsos internos e estímulos externos que provocam as transformações corporais, emocionais e sociais desses sujeitos. A associação de múltiplas situações de risco pode por em perigo o cumprimento das seqüências das etapas do desenvolvimento, a aquisição de habilidades e o desempenho dos papéis sociais. Ainda segundo EISENSTEIN e SOUZA (1993),

Risco é a probabilidade da ocorrência de algum evento indesejável. Os riscos não estão isolados ou independentes do contexto social. Estão inter-relacionados a uma complexa rede de fatores e interesses culturais, históricos, políticos, sócio econômicos e ambientais (...). Entende-se por situação de risco como uma circunstância que oferece risco a toda uma comunidade ou a um sub-grupo social. Por exemplo, as más condições de esgoto de um determinado bairro colocam em risco toda esta população, da mesma forma a permissividade ao uso das drogas põe em risco todos os jovens de uma determinada comunidade. Ou seja, a situação de risco transcende ao comportamento individual. (EISENSTEIN e SOUZA, 1993, p. 18-19).

Desta forma, aquelas crianças e adolescentes que convivem com o abandono e o ódio como constância cotidiana, têm, na desvalorização da própria vida, uma marca registrada evidenciada no pouco caso com a sua própria existência.

Segundo SPAGNOL (2005),

Os jovens, sobretudo os que habitam a periferia e estão envolvidos em infrações graves, passam boa parte do dia sem fazer absolutamente nada. Geralmente, após um assalto, um crime ou outra participação numa ação grave eles se *retiram* por um período, ficando fora de combate, “afastados”, por algumas semanas, enquanto consomem o fruto do assalto. Os que trabalham com o tráfico estão mais ocupados no final da tarde e à noite, quando *todos os gatos são pardos*. Normalmente passam o dia vendo televisão, jogando bola nos poucos campos de terra que ainda existem na periferia, dormem, soltam pipa, usam droga e fazem sexo. Nada incomum à vida da

maioria dos adolescentes, principalmente se acrescentasse o item escola a essa lista. Uma vida que, se analisada por quem está fora dela, de certa forma parece até hedonística. (SPÁGNOL, 2005, p.287).

A partir do recorte teórico levantado e da pesquisa de campo a ser apresentada, contribuir para a necessidade de trilhar caminhos de repensar e construir uma outra racionalidade acerca da necessidade da ação pública como viés de atendimento para as crianças e adolescentes em situação de risco pessoal, se faz mister para um educador voltado às questões sociais do cotidiano.

Segundo MIRANDA (2005), “a situação da infância desvalida esteve concretamente circunscrita na história da sociedade brasileira desde suas origens... a situação de rua como espaço de moradia e sobrevivência de crianças e adolescentes é seguramente um fato incontestável desde o Período Colonial”.(MIRANDA, 2005, p.37).

Desde o Período Colonial, a presença do Estado, por intermédio de auxílios às entidades particulares, firma a intenção de políticas sociais voltadas à questão da criança e do adolescente. No século XX, no entanto, houve uma maior intervenção estatal, idealizando ações para o enfrentamento do problema, mas ainda com a conotação clara da necessidade de solucionar dificuldades com os filhos dos mais pobres, como se a pobreza fosse a grande causadora do surgimento dos “menores em condições irregulares”. O fator de empobrecimento foi o causador da retirada de muitos filhos de seus pais, criando os processos perversos de Abrigos para Menores, mesmo que não fossem infratores – eram simplesmente pobres.

Na década de 80, os Movimentos Sociais tratam com maior rigor das questões da criança e do adolescente de rua, reivindicando direitos de cidadania a esse segmento da sociedade, até contemplá-los com o Artigo 227, da Constituição Federal, que levará a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. Nesse período de intensa articulação social, entidades como o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, o Fórum Permanente de Direitos da Criança e do Adolescente, e a própria sociedade civil, conquistam a reformulação do Código de Menores de 1979, e sua substituição pelo ECA – uma legislação moderna, de intenso respeito e

proposituras, talvez ainda sem consecuições mais resolutivas, mas que encabeça as intenções das Políticas Públicas de Atendimento à Criança e ao Adolescente, no Brasil.

Uma das maiores conquistas que a nova ordem jurídica traz, é, sem dúvida, a alteração do termo “menor” para criança e adolescente. Isto pode parecer uma simples conotação semântica, mas, na realidade, altera o entendimento deste ser, que, de menor, pequeno, passa a ser sujeito de direitos inalienáveis.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069, de 13 de julho de 1990, aprofunda e fundamenta a Doutrina de Proteção Integral defendida pela ONU, com base na Declaração Universal dos Direitos da Criança, de 1989.

De acordo com o ECA, nas suas Disposições Preliminares:

Art.1º - Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art.2º - Considera-se a criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo Único: Nos casos expressos em Lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art.3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Naturalmente que o Estatuto em si e todo o movimento que resulta do seu encaminhamento, não são suficientes para a transformação real do cotidiano desses indivíduos, necessitando de vigilância e permanente cuidados da sociedade como um todo, na busca constante de políticas sociais que assim o determinem.

2.2 POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E MEDIDAS DE PROTEÇÃO SOCIAL DE ALTA COMPLEXIDADE

Para a compreensão da pesquisa de campo a ser mostrada a seguir, bem como sua caracterização e especificidade de atendimento, faz-se necessária uma apresentação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) que vige no Brasil, desde novembro de 2004. Esta Política é fundamentada na criação do SUAS -Sistema Único de Assistência Social, conforme as deliberações da IV Conferência Nacional de Assistência Social, realizada em Brasília, em dezembro de 2003.

A criação do SUAS é apresentada como a intenção de integração do governo federal com os governos municipais e estaduais, a fim de exercer de fato as políticas que garantam a inclusão aos direitos sociais, apresentadas nos seguintes eixos: direito à renda, segurança alimentar e assistência social.

Neste sentido, a proposta da Política Nacional de Assistência Social, busca transformar em ações diretas os pressupostos da Constituição Federal de 1988 e da LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social, por meio de definições, de princípios e diretrizes que norteiam a implementação dessas políticas.

Assim, segundo o PNAS, através da descentralização às secretarias municipais, é passada:

A expressiva capacidade de construção e assimilação progressiva de procedimentos técnicos e operacionais homogêneos e simétricos para a prestação dos serviços sócio assistenciais, para o financiamento e para a gestão da política de assistência social em seus diferentes níveis governamentais, União, Estados e Municípios. (PNAS, 2004).

A Política Nacional de Assistência Social tem como objetivo o enfrentamento das demandas sociais, no que tange a tornar clara a diretriz da assistência social como cidadania e responsabilidade do Estado. Assim, são detalhadas as atribuições e competências dos três níveis de governo e na provisão das ações sócio assistenciais em conformidade com o preconizado na LOAS, e a partir das discussões dos Conselhos Municipais, Estaduais e Federal de Assistência Social.

Verifica-se a existência da rede de serviços que cabe à assistência social promover, com vistas à efetividade do exercício de sua atuação específica, propondo a regulamentação dos artigos 2º e 3º da LOAS, para que se verifiquem as ações de responsabilidade direta da Assistência Social e demais ações intersetoriais que atuem em co-responsabilidade. Com esta rede, busca-se a universalização dos direitos e a responsabilização estatal. Neste sentido a PNAS marca a especificidade no campo das políticas sociais, pois configura responsabilidades do Estado a serem asseguradas aos cidadãos brasileiros.

Assim, provêem programas, serviços e projetos para a proteção social para famílias, indivíduos e grupos deles necessitados, denominados indivíduos em situações de vulnerabilidades e riscos. Esta situação de Proteção Social é assim distribuída:

a) Proteção Social Básica: têm como finalidade prevenir situações de risco através do desenvolvimento de potencialidades, aquisições e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, através de benefícios de proteção continuada. Cita-se como exemplo a existência do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), Projetos de geração de trabalho e renda, Centro de Convivência para Idosos), entre outros.

b) Proteção Social Especial: Modalidade de atendimento destinada às famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social.

b.1) Proteção Social Especial de Média Complexidade: atendimento à famílias e indivíduos que têm seus direitos violados, mas cujo vínculo familiar e comunitário não foi rompido (como por exemplo, plantão social, abordagem de rua, serviço de reabilitação e habilitação na comunidade com pessoas com deficiência, prestação de serviços à comunidade e a liberdade assistida, entre outros);

b.2) Proteção Social Especial de Alta Complexidade: São os serviços que garantem proteção integral, moradia, alimentação, higienização e trabalho protegido para as famílias e indivíduos que se encontram sem referência e/ou em situação de ameaça, necessitando ser retiradas de seu núcleo familiar e comunitário; tais como, atendimento integral institucional, casalar, repúblicas, casa de passagem, albergues, famílias substitutas, famílias acolhedoras, medidas sócio educativas restritivas e privativas de liberdade, semi – liberdade, internação provisória e sentencial, entre outras).

A Unidade de Abrigamento do Piá em questão é considerada um equipamento social de Alta Complexidade, como se poderá ver na seqüência.

CAPÍTULO 3. UMA UNIDADE DE ABRIGAMENTO DO PIÁ – A PRÁTICA SOCIAL

3.1 O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA – PIÁ

3.1.1 Contextualização

Anteriormente ao advento do ECA, o Paraná encarava a situação da criança e do adolescente como os demais Estados brasileiros, entendendo-a como algo a ser atendido sem ser efetivamente encaminhado à solução efetiva. Havia a criação de Abrigos, disseminados em algumas cidades-pólo, onde eram abrigadas crianças e adolescentes, antes “menores”, desprovidos de condições sócio-familiares que dessem conta de sua situação inadequada.

No entanto, as questões relativas à criança e ao adolescente também fervilhavam no Estado do Paraná, e o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMRR) teve alguns momentos importantes com a realização de encontros de âmbito regional e nacional, no interior e na capital.

Curitiba, como centro receptor dos processos de migração, logo se viu às voltas com a emergência de situações envolvendo crianças e adolescentes, e busca, a partir de estudos técnicos oficiais e encaminhamentos de organizações particulares, alternativas para amenizar os problemas advindos dessa realidade.

Logo florescem vários espaços de intervenção na realidade, tendo no Programa de Integração da Infância e Adolescência – o PIA – uma manifestação de bons resultados. Mesmo recebendo apoio e severas críticas da sociedade civil, o PIA consegue sobreviver aos ataques, e se inscreve como espaço de sucesso no enfrentamento da questão. Várias modalidades do PIA foram incentivadas, prevalecendo o PIA Ambiental e as Repúblicas, espaços de residência fixa para meninos e meninas, até então, de rua, constituem-se formas de resistência. Há um Educandário específico para jovens em conflito com a Lei, que necessitam de medida protetiva de perda de liberdade.

Como parte integrante do acordo efetivado com a Fundação de Assistência Social de Curitiba (FAS), a acadêmica não identifica a Unidade de Abrigamento onde realiza o presente estudo, bem como seus dirigentes e servidores, e, obviamente, os sujeitos sociais nele envolvidos. Criando um nome fantasia para o espaço, doravante denominado *Luz do Sol*, e identificando os protagonistas e os coadjuvantes pelas iniciais de seus nomes reais, pensa poder preservar suas identidades e seu anonimato.

3.2 O PIÁ LUZ DO SOL¹

3.2.1.1. Breve histórico

Segundo encaminhamentos do CONANDA – Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, o Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia de Direitos da Criança e da Adolescência reflete a necessidade de convivência familiar e comunitária desse segmento social, o que é corroborado pelo Conselho Nacional de Assistência Social, via Política Nacional de Assistência Social, conforme já descrito anteriormente.

Segundo este Plano Nacional, o processo de atendimento deve ser descentralizado, cabendo aos Estados e seus municípios, a concretização do processo.

Em Curitiba, a Fundação de Assistência Social é a instituição governamental responsável pela organização e condução do processo de proteção a crianças e adolescentes na capital, assessorada e controlada pelo Conselho Municipal da Criança e do Adolescente de Curitiba.

O Programa Municipal, especificamente no tocante à medida protetiva de abrigo, criou as diversas modalidades de abrigo, entre outros programas das medidas de proteção.

O PIÁ Luz do Sol é uma das Unidades constitutivas do Projeto. Localiza-se na Região Sul da Capital, em local aprazível, inaugurada em 16 de novembro de 1995. É uma unidade de abrigo, com reconhecimento público. Passou pela transitoriedade dos níveis de abrigo provisório, adaptativo e permanente. Tem a característica de

¹ – Nome fictício, criado para preservar a identidade dos adolescentes da Unidade de Abrigo do PIÁ pesquisada.

ações em rede, estando perfeitamente integrada à comunidade e interligada aos demais prestadores de serviços locais.

A população atendida pela Unidade, independentemente da situação social, familiar e econômica, resume-se em adolescentes carentes de afeto e amor, com lacunas muito evidentes em seu desenvolvimento. Esses adolescentes encontram-se em situação de risco social e pessoal, podendo ter passado pela situação de rua. A ação fundamental dos servidores da Unidade é a de fortalecimento das relações sociais, visando a reprodução de valores e condutas socialmente aceitas, internalizadas, no resgate dos sujeitos e na formação de suas próprias famílias, alicerçada em uma relação mais saudável.

Segundo sua Diretora, “o trabalho embasado no amor, na verdade e em Deus”, encorajou a equipe a não temer em se envolver de forma humana e profissional, trazendo benefícios explícitos ao grupo. Todo o trabalho em questão vem embasado em respaldar essa relação de humanização, que vem, inicialmente formar um vínculo, que gradativamente se fortalece.

A partir da pesquisa documental no Regimento Interno da Unidade de Abrigamento, no Regulamento Interno, no Plano Sócio – Educativo da Unidade (junho de 2006 a junho de 2007), entre outros documentos permitiu-se que fossem levantados aspectos relevantes na organização da rotina, que delineiam a intencionalidade de cada ação, a fim de atender as necessidades de cada adolescente.

Assim, o objetivo geral instituído e apresentado no Planejamento Institucional (Plano Sócio – Educativo – junho de 2006 a junho de 2007) é o de:

- Proporcionar aos adolescentes que se encontram em situação de risco pessoal e social, vítimas de abuso, negligência e maus tratos, uma alternativa de moradia, em caráter protetivo e transitório, com garantia de atendimento às necessidades básicas ao desenvolvimento, visando sua autonomia e melhoria de sua qualidade de vida.

O objetivo geral acima descrito expressa a intenção de atendimento dos sujeitos, que vai além de alternativa de moradia; mas busca também o atendimento das demais necessidades básicas apresentadas. Assim, são apresentados os objetivos específicos da Unidade de Abrigamento, que ampliam as possibilidades e dimensões que caracterizam a prática da busca pela emancipação desses sujeitos. Os objetivos específicos são assim registrados no Planejamento Institucional:

- Acolher afetosamente o adolescente quando de sua chegada a casa;
- Viabilizar a documentação pessoal;
- Proporcionar acesso a instituições de ensino, condizentes com o educando;
- Inserir-lo no SUS (Sistema Único de Saúde);
- Propiciar acesso aos recursos comunitários existentes;
- Promover o desenvolvimento bio-psico- sócio espiritual dos educandos;
- Preservar e/ou resgatar os vínculos familiares
- Promover a inserção no mercado de trabalho;
- Promover um ambiente saudável;
- Despertar o sentimento do valor religioso;
- Diversificar suas relações sociais;
- Resgatar e garantir sua cidadania;
- Possibilitar a promoção do ser humano a sua reintegração social;
- Valorizar o servidor Público.

Essas ações demonstram os objetivos que norteiam a prática da Unidade a partir do caráter de intencionalidade. Essa característica, a da intencionalidade, é presente nos espaços de Educação Não Formal (GOHN, 1999), e nos momentos em que nela acontecem atividades grupais, a capacitação dos sujeitos para o trabalho, à participação desses sujeitos em atividades comunitárias, o acesso à Educação Formal, a importância da higiene, enfim, estes entre tantos outros aspectos necessários à criação de um ambiente que propicie o processo de ressocialização desses adolescentes.

Para a realização desses objetivos, são apresentadas no Plano Sócio Educativo da Unidade (junho de 2006 a junho de 2007), as metas operacionais. Essas metas são estabelecidas a partir da intencionalidade em atingir integralmente todos os seguintes aspectos:

- Educandos abrigados inseridos no Ensino Fundamental;
- Educandos abrigados, cadastrados e atendidos pelo SUS;
- Educandos abrigados avaliados clinicamente e vacinados pela Unidade Sanitária local;
- Educandos abrigados envolvidos em cursos de escolaridade;
- Viabilização dos documentos pessoais compatíveis às idades dos educandos abrigados;
- Busca de resgate do perfil de humanidade em nível 2, conforme normativas;
- Busca na viabilização dos projetos elaborados pela equipe;
- Investimentos na tentativa do desabrigamento;
- Participação pelo representante da Unidade, nos cursos de capacitação específicos, quando oferecidos;
- Reformas necessárias à estrutura física da Unidade, refletindo na melhoria da qualidade do trabalho.

3.2.1.2 Funcionamento

As atividades da Unidade de Abrigamento do PIÁ Luz do sol são equiparadas a qualquer casa, com um coletivo de referência estável constituído. Abrange as tarefas individuais e as coletivas, onde, todos os seus ocupantes cumprem escalas previamente estabelecidas, que vão desde as rotinas de limpeza diária da casa, até as tarefas escolares, individuais.

É obrigatória a participação nas reuniões de equipe e de sub grupos, conforme as funções. A Unidade participa, depende do caso, com representação na reunião com

a chefia dos Abrigos, nas Escolas onde os educandos encontram-se matriculados, com a Rede de Proteção, no Programa Cara Limpa. Ainda realizam-se reuniões com os pais dos educandos. Fazem almoços beneficentes, com a exposição dos trabalhos artesanais, além de comemorar datas festivas. Os jovens podem receber visitas, dependendo dos critérios adotados expressos no Regimento Interno de pleno conhecimento do grupo, e da problemática que envolve cada educando.

São servidas quatro refeições por dia, quando todos se assentam à mesa. Para aqueles meninos que trabalham, são respeitados os horários individuais. Todos os jovens têm horário de entrada e saída da casa, com limites expressos e de conhecimento coletivo. Apenas aqueles que trabalham e estudam, podem ter suas roupas lavadas e passadas por servidores autorizados; os demais devem dispor de tempo para seu cuidado pessoal e de seus pertences.

Áreas de Apoio: Apoio / tratamento à dependência química: Projeto Cara Limpa, CRENVI.; Assistência Médica SUS, Unidade de Saúde Local; Assistência Odontológica: Unidade de Saúde Local; Assistência Psicológica: Clínica Afetiva, Programa Sentinela, Centro de Inclusão da Vila local, Cara Limpa, Sociedade Paranaense de Psicodrama; Assistência Religiosa – Jesus ensina no Templo – Pastor João e Missionária Rose, Igreja do Evangelho Quadrangular; Atividades culturais: oficinas de artesanato orientado; Atividades de Lazer: passeios, cinema, jantares; Atividades Esportivas: participação em campeonatos escolares, natação, corrida, vôlei, basquete e futebol;

São efetivadas oficinas de reforço escolar, diariamente; informática (os educandos participam nas escolas onde estão matriculados); formação social e pessoal, diariamente; teatro dança, artesanato e palestras.

Há atividades de voluntários voltadas para educadores e educandos, na forma de grupos terapêuticos ou artes cênicas, realizadas na Sociedade Paranaense de Psicodrama. Aulas de dança, em um estúdio particular, e acompanhamento psicopedagógico realizado no Centro de Inclusão local.

3.2.1.3 Diagnóstico

Na tentativa de traçar um diagnóstico, mesmo que preliminar da Unidade de Abrigamento do PIÁ Luz do Sol, apresenta-se, a seguir, os registros do levantamento oficial recente, de julho de 2006, da realidade institucional:

QUADRO I. FAIXA ETÁRIA.

<i>06 a 11 anos</i>	<i>12 a 14 anos</i>	<i>15 a 17 anos</i>
01	09	12

QUADRO II. MOTIVO DE ABRIGAMENTO.

<i>Órfão</i>	<i>Destituído do Poder Familiar</i>	<i>Carência de recursos familiares</i>	<i>Abandono familiar</i>	<i>Questões de dependência química familiar</i>	<i>Número de jovens abrigados</i>
01	01	01	05	09	22

QUADRO III. SITUAÇÃO DOS EDUCANDOS QUANTO À ESCOLARIDADE.

<i>Ensino Fundamental</i>			<i>Ensino Médio</i>		<i>Inseridos no mercado de trabalho, como Aprendiz.</i>
<i>1ª a 4ª série</i>	<i>5ª a 8ª série</i>	<i>Supletivo</i>	<i>Regular</i>	<i>Profissionalizante</i>	
07	08	05	02	15	05

QUADRO IV. TEMPO DE ABRIGAMENTO.

<i>Até 01 mês</i>	<i>Até 06 meses</i>	<i>Até 01 ano</i>	<i>Até 02 anos</i>
01	05	12	04

QUADRO V. CONTATO COM A FAMÍLIA.

<i>Com familiares e com vínculos mantidos</i>	<i>Com familiares e sem vínculos</i>	<i>Com impedimento judicial de contato com a família</i>
09	10	01

3.2.1.4 - Aspectos educacionais (Regimento Interno, Regulamento e Medidas)

A Unidade de Abrigamento do PIÁ Luz do Sol possui um *Regimento Interno* que expressa os objetivos e a intencionalidade do processo de atendimento aos adolescentes abrigados. Atende, portanto a normatização da Prefeitura, que dispõe sobre a legislação e regulamentação dos abrigos em geral.

O Regimento Interno estabelece inicialmente a denominação, a sede, a natureza, e a finalidade da Unidade. Estabelece como é realizado o acolhimento e abrigamento desses adolescentes; através da Central de Vagas de Abrigamento (serviço da Prefeitura municipal de Curitiba). É notada a presença do caráter de afetividade, expresso no texto do Regimento Interno da Unidade; bem como o atendimento às necessidades de saúde desse adolescente e demais necessidades; a conversa com esses jovens acerca do Regulamento Interno e das medidas disciplinares internas.

O Regimento Interno apresenta, no seu Capítulo IV, os Direitos e Garantias dos adolescentes residentes, sendo descritos a seguir:

- a) Proteção, apoio e efetividade;
- b) Espaço de estar, convívio e recreação;
- c) Transporte;
- d) Endereço e referência;
- e) Segurança alimentar;
- f) Condições físicas de repouso;
- g) Banho e higiene pessoal;

- h) Providenciar local para a guarda de pertences e lavagem e secagem de roupa;
- i) Materiais pedagógicos,
- j) Atendimento assistencial;
- k) Atendimento religioso quando necessário;
- l) Suporte educativo, formativo e instrumental para reconhecimento de seus direitos, deveres e garantia de cidadania;
- m) Inclusão na rede de políticas públicas e garantia de direitos tais como educação saúde e lazer entre outros;
- n) Participação na vida da comunidade local;
- o) Preservação dos vínculos familiares;
- p) Atendimento personalizado e em grupos;
- q) Não desmembramento de grupos de irmãos na medida do possível;
- r) Acolhimento com dignidade e respeito;
- s) Respeito à sua condição de fragilidade;
- t) Tratamento adequado à sua condição de cidadão de direito;
- u) Escuta as suas necessidades com calma e compreensão;
- v) Abordagem sem agressividade e rispidez e respeito no tom de voz;
- w) Chamamento para conversar em local reservado sempre que for necessário; não expondo o adolescente à situação vexatória;
- x) Convívio em ambiente tranquilo e agradável;
- y) Informações sobre a sua condição de abrigo, sua situação familiar e das ações profissionais e judiciais realizadas em prol de suas necessidades;
- z) Possibilidade de reclamar à direção do abrigo e à equipe do programa sempre que sofrer algum desrespeito, sem sofrer represália.

A apresentação dos direitos e garantias é relevante para a compreensão de como é proposta a coletividade, a partir do Regimento Interno da Unidade. É sabido, claramente, que a realidade dessa coletividade se dá na prática, no cotidiano, a partir das mínimas ações e acontecimentos de cada indivíduo no grupo e do grupo como um todo. No entanto, as garantias postas no Regimento Interno, demonstram a premissa da

existência de percepção por parte da Unidade, do que MAKARENKO (1987) apresenta enquanto “diapásão de possibilidades” no que esses adolescentes possam expressar mediante a coletividade. Esta análise é apresentada de forma mais aprofundada nas Considerações Finais deste trabalho.

No entanto, para a existência da coletividade, que se dá através de seus objetivos, é necessária a disciplina; não apenas enquanto a somatória de regras do que não se deve fazer, mas, sobretudo, como um objetivo de atender ao interesse maior, que é o coletivo. Para tanto, é apresentada novamente a idéia de MAKARENKO (1977) que propõe a disciplina como um teorema que leva a coletividade a alcançar as suas metas e ao mesmo tempo, leva o indivíduo a alcançar sua liberdade.

Para tanto, são apresentadas no Regimento Interno, as regras para o bom convívio, sendo assim postas:

- a) Respeitar a equipe técnica e de apoio bem como todos os adolescentes, familiares e voluntários;
- b) Contribuir para preservação da estrutura física do Abrigo;
- c) Respeitar as orientações recebidas, como o Regulamento Interno do Abrigo;
- d) Frequentar as aulas e participar das atividades às quais for incluso;
- e) Solicitar à direção troca de pertences pessoais e aquisição de objetos externos como bicicletas, rádios, aparelhos eletrônicos, celulares entre outros;
- f) Utilizar o telefone para ligar para os familiares e amigos mediante autorização da direção e equipe técnica, respeitando as normas de utilização em vigor;
- g) Respeitar a escala semanal de lavagem de roupa.

Da mesma forma, é apresentado que não são admitidas na Unidade, as seguintes condutas:

- Consumo de bebidas alcoólicas e uso de drogas;
- Uso de aparelhos celulares, *walkmans*, *dscman*, e uso de outros aparelhos eletrônicos sem permissão;

- Uso do telefone fixo sem autorização;
- Permanência de animais, de qualquer espécie;
- Uso abusivo do volume de som;
- Escrever e desenhar nas paredes;
- Sair do abrigo sem a autorização da Direção.

O Regimento Interno dispõe também sobre os horários, sobre os direitos de visita à Unidade, das atividades sócio-educativas de recreação e lazer, da profissionalização, entre outros aspectos que o compõe.

Apoiada nas questões dispostas no Regimento Interno, a Unidade dispõe de um *Regulamento Interno* da Unidade, que dispõe sobre os horários para acordar nos dias de semana, finais de semana, férias e feriados.

Traz também conteúdos acerca da rotina da Casa, como por exemplo, a obrigatoriedade de todo educando ao acordar, arrumar a sua cama, lavar o rosto, escovar os dentes e pentear os cabelos assim como a troca de pijamas por roupas adequadas.

Dispõe sobre os horários do café da manhã, da realização das escalas matinais, da arrumação dos armários individuais, bem como a realização de mutirão de limpeza todos os sábados. Domingos e feriados, a critério e coerência do educador de plantão. Organiza a lavagem de roupas, a participação nas oficinas (Oficina de Artesanato e Desenvolvimento Pessoal e Social, Oficina de Introdução à Microinformática), organiza os horários de tempo livre e televisão, tanto nos dias úteis como nos finais de semana e períodos de férias. Organiza os horários de almoço, de leitura, de jogos de mesa e acesso à videoteca e vídeo game. Dispõe sobre o horário de organização das tarefas escolares, horários de banho, horário de organização de materiais e roupas passadas.

Segundo a Direção da Unidade, a construção dessas regras se deu juntamente com os adolescentes, tomando como premissa o Regimento Interno da Unidade; mas houve a discussão de todos os adolescentes. Estas regras foram assinadas pelos vinte e dois moradores da Casa, na data de vinte e oito de janeiro de 2006.

Ainda enquanto análise de como se dão as relações de disciplina na Unidade do Piá Luz do Sol, existem as Medidas Internas Disciplinares (MDI), que consistem na sistematização dos preceitos presentes no Regulamento Interno da Unidade.

As *MDI*, como conhecidas na Unidade, devem ser de conhecimento de todos os adolescentes e dispõe acerca de como ocorre a restrição, mediante o não cumprimento das regras, da não participação positiva na coletividade, de condutas que possam colocar esses adolescentes em risco. Assim, são apresentadas as problemáticas mais comuns que ocorrem na Unidade, e imediatamente à medida que corresponde a esta ação que infringiu as normas presentes no Regulamento Interno. É interessante observar que essas medidas adotadas pela Direção e educadores da Casa têm um caráter muito mais educativo do que punitivo, conforme demonstram as discussões a serem apresentadas a seguir.

3.3 AS HISTÓRIAS DE VIDA

Na perspectiva de abarcar a realidade de cada sujeito envolvido na atividade de pesquisa, utilizou-se a forma de pesquisa denominada História de Vida, a partir da gravação dos encontros em fita cassete. Cada momento foi transcrito na sua integralidade, preservando-se os conteúdos das falas. Os encontros foram pré organizados sob a forma de entrevista semi - estruturada, partindo então de questionamentos levantados a partir do referencial teórico que compõe este trabalho monográfico e da hipótese levantada acerca da possibilidade da prática emancipatória em relação à ressocialização dos moradores da Unidade de Abrigamento. Desta maneira, os elementos que compõe a preparação para as entrevistas são apresentados nos Anexos deste trabalho.

O método de análise dos elementos e conteúdos obtidos a partir das entrevistas, sempre observando a fundamentação teórica até então explorada é o método da "Análise de Conteúdo". TRIVIÑOS (1987), apresenta este método, salientando a importância da obra "*L'analyse de contenu*", onde BARDIN (1977),

configura e registra nesta obra os princípios, fundamentos e procedimentos deste método.

Em relação ao emprego deste método em pesquisas na educação, TRIVIÑOS (1987) apresenta que,

Podemos dizer, também de forma geral, que recomendamos o emprego deste método porque, como diz BARDIN (1977), ele se presta para o estudo “das motivações, das atitudes, valores, crenças, tendências” e, acrescentamos nós, para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza. Por outro lado, o método de análise de conteúdo, em alguns casos, pode servir como auxiliar para o instrumento de pesquisa de maior profundidade e complexidade, como o é, por exemplo, o método dialético. Neste caso, a análise de conteúdo forma parte de uma visão mais ampla e funde-se nas características do enfoque dialético. (TRIVIÑOS, 1987, p. 159-160).

Uma das características que define a análise de conteúdo é a busca do entendimento da comunicação entre os homens, apoiando-se no reconhecimento do conteúdo das mensagens. Não quer saber apenas “o que se diz”, mas “o que se quis dizer” com tal manifestação. Outro elemento que define a Análise de Conteúdo é que esta se constrói a partir de “um conjunto de técnicas” para captar a mensagem transmitida. Nestas técnicas, a análise do contexto não é só lingüística, mas também das expressões e dos contextos que estas carregam.

Segundo TRIVIÑOS (1987), a Análise de Conteúdo se organiza em três momentos: *pré análise*, *descrição analítica* e *interpretação referencial*, a saber.

- a) *Pré análise* - é o momento da organização do material, onde são escolhidas quais melhores técnicas para a reunião das informações. É nesta etapa que surge, a partir das categorias, hipóteses e questões norteadoras, para posterior elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação.

Desta forma, as entrevistas foram transcritas e a reunião destas constituiu-se então como o corpo, o universo das mensagens. Da mesma forma, novos indicadores

surgiram a partir da realização das entrevistas, a partir do momento em que no conteúdo surgiam novas matizes, novas hipóteses.

b) *Descrição Analítica* - nesta etapa, o material que compõe o 'corpo' do trabalho é submetido a um estudo aprofundado, fundamentado no referencial teórico; aparecendo nesta etapa a categorização, as referências. Estas categorias compõem quadros de referência para o agrupamento das informações ali registradas. É nesta etapa que é definida a unidade de registro, como frases, palavras, trechos de contos, filmes, contos, relatos, lendas. A unidade e registro (recorte) fazem parte da compreensão do contexto, e destaca-se naturalmente do texto, através do recorte.

A partir daí, foram transcritos, como unidades de registro, recortes dos relatos dos meninos da Unidade de Abrigamento em questão. Tal escolha demonstra a representação dos personagens envolvidos, apresentando suas concepções, seus traços de caráter, suas preferências, sua relação com a mídia, sua prática de religiosidade, entre outras questões.

Neste ponto, a apresentação do recorte extraído das entrevistas realizadas com os meninos, educadores e direção da referida Unidade de Abrigamento, aponta elementos que hora aparecem, hora não aparecem; através dos critérios postos através da ordem da aparição, da co-ocorrência nos relatos.

Enquanto categorias (elementos de classificação e agregação), são estabelecidas inicialmente as categorias *coletividade* e *disciplina*; como forma de apresentar a realidade. Também são escolhidas como categorias as relações dos meninos com a escola, a rotina dos adolescentes, a ocupação do tempo livre, entre outras referências apresentadas ao longo da exploração do conteúdo das mensagens.

c) *Interpretação Referencial*: Nesta etapa surge a inferência, onde é posta a análise a partir dos conteúdos postos na mensagem. É entendida como o constructo da comunicação entre o emissor e o receptor da mensagem, a partir

de um conceito que os unifique. Tal inferência é proposta a partir da análise criteriosa dos dados, fundamentada no referencial teórico, tendo no material construído a partir da pesquisa, elementos.

Em relação a esta etapa da “Análise de Conteúdo”, é relevante a seguinte aceção de TRIVIÑOS (1987),

Na interação dos materiais (documentos oficiais ou não e ainda das respostas de outros instrumentos de pesquisa), no tipo de pesquisa que nos interessa, não é possível que o pesquisador detenha sua atenção exclusivamente no conteúdo manifesto dos documentos. Ele deve aprofundar sua análise tratando de desvendar o conteúdo latente que eles possuem. O primeiro pode orientar para conclusões apoiadas em dados quantitativos, numa visão estática (...) o segundo abre perspectivas, sem excluir a informação estatística, muitas vezes, para descobrir ideologias, tendências, concepções; das características, dos fenômenos sociais que se analisam e, ao contrário apenas da análise do conteúdo manifesto, é dinâmico, estrutural e histórico. (TRIVIÑOS, 1987. p.162).

A partir da pesquisa, procedeu-se à elaboração de inferências, isto é, de proposições, de hipóteses a serem exploradas a partir do conteúdo analisado. Assim, foi tomada como inferência a possibilidade de transformação, emancipação e libertação desses meninos. Para tanto, essa inferência, essas hipótese da possibilidade de transformação, de emancipação, constitui-se como eixo que perpassa todos os momentos do discurso apresentado. É na análise desse discurso, dessa comunicação que é possível observar se essa inferência é verdadeira ou não, é real ou não, é coerente ou não.

3.3.1 Resultados e Discussão

3.3.1.1 Entrevistas com os adolescentes

Em função da importância da Unidade no atendimento às necessidades dos adolescentes nela abrigados, são apresentados os resultados e discussões obtida nas entrevistas, tendo como objetivo a verificação de uma prática emancipatória em relação a ressocialização desses sujeitos. Para tanto, conforme apresentação da fala desses adolescentes (Tabelas 1 - 14), é necessário apontar que foram realizadas algumas adaptações gramaticais para facilitar o entendimento do conteúdo das mesmas.

Participaram das entrevistas onze crianças e adolescentes do sexo masculino, com idade entre dez e dezesseis anos, moradores da Unidade de Abrigamento do PIÁ Luz do Sol, como descrito anteriormente (Tabela 1). É importante destacar que os meninos com menos de doze anos de idade estão na Casa por compor grupo de irmãos. Suas origens são muito variadas, alguns relatam ter vivido na rua, outros foram tirados de suas famílias por miserabilidade, foram adotados e rejeitados pela família adotiva, ou ainda são filhos de drogaditos, prostitutas ou presidiários (Tabela 3).

Inicialmente, foram, analisadas as categorias coletividade e disciplina presentes na Instituição. Daí são importantes alguns aspectos, a saber.

Na categoria *coletividade* (Tabela 1), é percebido nos relatos das crianças e dos adolescentes, que muitos deles já haviam passado por outras Instituições de abrigamento, e reconhecem a Unidade de Abrigamento do PIÁ como a melhor Unidade pela qual já passaram. Reconhecem que esta Casa busca promover a eles acesso aos serviços e políticas para a sua cidadania, enquanto sua inserção como usuários destes serviços. Vêem a Casa, desta forma, com um olhar de positividade, estendendo este olhar aos profissionais que nela trabalham.

Também é presente na categoria *coletividade* a criação do vínculo entre as crianças e os adolescentes, a partir das suas relações de amizade e criação de um grupo de referência estável. Estas relações de vínculo são solidificadas a partir do momento em que estes adolescentes, anteriormente tão violentados, passam a se abrir

para a relação e compreensão do sentimento do outro, que está a seu redor. Portanto, é natural a existência de brigas ocasionais, a partir do momento em que não vivem mais apenas ligados à sua individualidade; mas estão, agora, inseridos nas tensões de interesses presentes em qualquer outro grupo social; surgem daí as questões de apelidos, empréstimos de objetos pessoais, entre outras questões que marcam o coletivo.

O relato dos educandos permite analisar que as coisas se resolvem de forma conjunta, a partir do interesse da coletividade; e conseqüentemente percebem a si mesmo como membros dessa coletividade.

A partir da concepção de MAKARENKO (1977), apresentada na fundamentação teórica deste trabalho, há o disciplinamento para a coletividade, através das regras que surgem a partir dos elementos que permeiam o coletivo desses meninos. Essas regras são expressas em condutas que possibilitam as distintas qualidades necessárias para a libertação desses indivíduos, mas não isoladamente e sim todo o coletivo ao qual pertencem. Esses elementos são explorados a partir da categoria *disciplina* (Tabela 2).

A partir do relato das crianças e adolescentes foi possível perceber que estes estão conscientes acerca da necessidade da realização das tarefas, do cumprimento da escala, do cumprimento dos horários, do respeito com os objetos dos demais adolescentes, entre outros aspectos. Ainda assim, há descumprimento dessas regras, mesmo estando claras as conseqüências a cada um destes atos; desde a restrição a atividades no pátio da Casa, como encaminhamento à Delegacia do Adolescente, a tratamento psicológico, psiquiátrico; ou ainda, suspensão temporária das visitas familiares.

No entanto, é presente também na fala das crianças e adolescentes, a percepção de que, mesmo custosas às vezes, as regras, e cumprimento de tarefas, horários, enfim, são importantes para a organização cotidiana da Casa (pois 'senão a casa seria um fuzuê', conforme apresentado por um adolescente). Mais que isso, há a percepção por parte de alguns dos adolescentes de que essas regras e atividades que compõe a rotina diária de cada um deles são forma de aprendizado para o dia em que forem morar sozinhos.

As relações da disciplina entre as crianças e adolescentes, a convivência com os demais educandos, as tensões no cumprimento das regras, da realização das tarefas escolares e das tarefas de limpeza da casa, do cumprimento de horários, entre outros elementos, apresenta-se, segundo MAKARENKO (1977) como um fenômeno moral e político, devendo ser acompanhado de consciência, isto é uma plena noção da necessidade da disciplina no e pelo coletivo. Quanto a isto MAKARENKO (1977), percebe que este tipo de ação com jovens que não tinham nenhum tipo de disciplina, estabelece-se como a possibilidade de um ressurgir humano, de novas práticas antes não internalizadas e nem vivenciadas. Ainda neste aspecto cabe a questão do cuidado com o jardim da casa, com a higiene pessoal, com a organização, com a melhora da forma de falar, entre outros aspectos presentes nos relatos dos adolescentes, como expressões da categoria disciplina.

A partir das categorias *Rotina de Vida* (Tabela 5) e *Uso do Tempo Livre* (Tabela 8), pode-se observar no relato das crianças e adolescentes que a utilização de seu tempo é organizado observando-se as suas necessidades. Da mesma forma, o acompanhamento integral de cada educando por parte dos educadores, permite o melhor atendimento e avaliação dos processos de crescimento e transformação daquele jovem. Mesmo os educandos que relataram não estar inseridos em Cursos, possuem as suas atividades na Casa, bem como são cobrados de horários e obrigações.

Neste aspecto, é fundamental a questão da *Escola* (Tabela 6) e da *Participação em Cursos* (Tabela 7). Observa-se nas entrevistas dos educandos a inserção de todos no Ensino Formal. Cada um em sua modalidade, e em instituições específicas. Neste aspecto é importante a questão de que, através da fala das crianças e adolescentes, percebe-se a relevância social da sua inserção nestas instituições, já que relatam ter muitos amigos na escola, bem como se relacionar de forma positiva com os professores.

Reconhecem que a escola é importante para a concretização de seus objetivos individuais, bem como relatam que já tiveram problemas com a escola e o estudo, e que hoje não possuem mais esses problemas. É presente então o redimensionamento da

relação com o conhecimento formal. Há, em um dos relatos, a presença da importância do acompanhamento das tarefas escolares, realizado diariamente pelos educadores da Unidade. Há a presença de hábito de estudo acompanhado diariamente por um adulto.

Quanto à *Participação em Cursos* (Tabela 7), pode-se observar a partir dos relatos dos educandos, a grande variedade de atividades e áreas distintas na oferta de Cursos. Torna-se fundamental a atuação e vinculação da Unidade de Abrigamento com os demais serviços e instituições de Cursos e estágios, tanto públicos e particulares, na promoção dessas atividades.

As questões referentes à *Família* (Tabela 4) são apresentadas enquanto categoria a fim de observar o vínculo e a referência acerca do conceito de família, por parte das crianças e adolescentes. Desta forma, é presente no relato desses jovens a inconstância no contato com a família, quando esta existe ou quando o jovem a conhece. A não separação dos grupos de irmãos, atendendo ao regimento interno da instituição e ao ECA, possibilita a conservação do que, muitas vezes, representa o único resquício do vínculo familiar. Percebe-se através dos relatos, que as questões referentes ao vínculo familiar se dão da seguinte forma:

- a) Existem meninos que desconhecem seus membros familiares, que são órfãos, ou que tem família residente em outro estado.
- b) No caso da família, não necessariamente o núcleo pai e mãe, mas algum membro desta, este contato se dá sem a observância de uma freqüência ou rotina. Mesmo quando visitam seus familiares, está claro para os educandos que o local de moradia atual é a Unidade de Abrigamento do PIA Luz do Sol. Neste contexto buscam reestabelecer seus vínculos familiares.

É percebida a ocorrência das relações denominadas “mãe social, pai social, irmão social”, referente às relações que compõem os chamados “clãs familiares”, conforme percebido nas entrevistas e no cotidiano da Casa. Em relação a este aspecto,

sob o ponto de vista da Educação emancipatória, fundamentada na categoria *coletividade*, são apresentadas algumas considerações importantes, a saber. Inicialmente, a perspectiva emancipatória na *coletividade*, se dá, segundo MAKARENKO (1977), a partir da ocorrência de processos que caracterizem um determinado grupo como um coletivo, de inter – relações e referência estável aos educandos. Surge daí a necessidade de buscar, em cada sujeito desse grupo, o fortalecimento pelas relações do coletivo, e não apenas das relações que o identificam com um ou outro indivíduo dos “clãs” compostos.

É importante destacar também, a observância quanto à dubiedade em relação à criação de vínculos parentais ficcionais dos institucionalizados, já que esta relação não é apenas composta pelo vínculo pessoal, mas também, pelo vínculo trabalhista dos profissionais da Unidade. Sendo assim, na ocorrência de situações trabalhistas, estas pessoas podem “sair” da vida dessas crianças e adolescentes, deixando mais um sentido de perda nas relações de afetividade, entre tantas outras.

Em relação ao conceito de *Adolescência e Juventude* (Tabela 9) são apresentadas concepções dos adolescentes em relação ao seu próprio processo de adolecer. A compreensão dessa etapa da vida por parte dos adolescentes, bem como a internalização de que depende de si a mudança de destino. Esses adolescentes já percebem que devido aos cursos e demais vivências na casa, não querem passar por esta fase da adolescência entregando-se apenas a diversão conforme a fala dos próprios jovens: “Adolescência *hiiii*...pra mim tem várias opiniões. Pra uns é divertido...sair de noite... beber. Pra outros adolescência é estudar, trabalhar, fazer curso.” Já tem a consciência da intencionalidade dos seus atos, conforme as concepções de responsabilidade (Tabela 10) e apoiando-se nas relações postas na categoria *Religiosidade / Deus* (Tabela 11). Seus *sonhos e expectativas* (Tabela 13) para o futuro vão desde profissões, até a vontade de se estabelecer financeiramente para resgatar a situação de miserabilidade da sua família.

A problemática das drogas é exposta na categoria *Opinião Sobre as Drogas* (Tabela 12), onde alguns meninos entrevistados dizem estar cientes dos malefícios que estas trazem aos indivíduos. Aparece também a existência de adolescentes que tinham

envolvimento com drogas antes de serem moradores da Unidade. Assim, nestes casos, a entrada na casa constituiu uma rede, uma segurança para a não aceitação destas substâncias.

Quanto à percepção das mudanças que cada um dos educandos entrevistados possui acerca de si mesmo (Tabela 14), após a entrada na Unidade de Abrigamento do PIÁ Luz do Sol, podem ser percebidos diversos elementos relevantes nos relatos desses sujeitos. Assim, afirmam ter mudado o jeito de falar, a convivência, a higiene, o humor, melhoria das notas na escola, a religiosidade, a relação com as drogas, a forma de tratamento para com as pessoas, entre tantos outros elementos presentes nas entrevistas.

3.3.1.2 Entrevista com os profissionais

A entrevista com a Direção (Tabelas 15 – 25) e um dos educadores (Tabelas 26 – 36) da Unidade de Abrigamento do PIÁ Luz do Sol permitiu abarcar diversos elementos para a análise da organização do trabalho com os adolescentes da Unidade. As características desses profissionais são apresentadas respectivamente nas tabela 15 (caracterização da direção) e tabela 26 (caracterização do educador).

Inicialmente, a categoria *Coletividade* (Tabela 16) é observada a partir da existência do trabalho coletivo, com objetivos únicos e com fins voltados à autonomia dos educandos da Unidade. Neste aspecto todos são considerados educadores, cada um na sua função, mas todos comungam a mesma metodologia e o mesmo processo. A busca pela coletividade, de acordo com a entrevista com a Diretora se dá num processo circular, a partir do momento em que cada um possuía sua carga anterior de individualidade. A partir da análise das histórias pregressas dos educandos, são tomados posicionamentos diferenciados em relação ao atendimento de cada um.

Mas mesmo assim é notado a partir das entrevistas que todos devem se adequar às regras do coletivo. A participação em eventos de dança e teatro apresenta-se como outra forma intensa de expressão do coletivo. Assim, esse tipo de participação requer disciplina e entrega aos interesses comuns, bem como exigem a superação de dificuldades individuais das crianças e adolescentes. Em relação a esse aspecto, pode ser observada a idéia exposta por MAKARENKO (1977), quando apresenta que são necessárias qualidades distintas das qualidades da sociedade burguesa. Essa afirmativa pode ser comprovada pela fala da diretora ao dizer que não se doa só dinheiro, mas que, no caso dos adolescentes, estes possuem a informação que pode ser passada através do teatro e demais atendimentos solidários a comunidade. Isto demonstra a intencionalidade de resistência às pressões postas pelo capitalismo nos indivíduos na sociedade atual. A partir do momento em que o trabalho pedagógico se norteia pela concepção de coletividade, mostra seu caráter de libertação dos sujeitos envolvidos.

Ainda faz-se relevante a análise acerca do baixo índice de evasão (Tabelas 16 e 32) relatado na Casa. Isso demonstra o fortalecimento dos vínculos destes jovens com a Unidade de Abrigamento, e conseqüentemente aponta a concretização do objetivo de atendimento das necessidades desse adolescente.

Na entrevista com um educador, a *Coletividade* (Tabela 27) se fez expressa a partir do relato da mobilização de todos os moradores e funcionários da Unidade de Abrigamento, por ocasião da doença de um dos adolescentes. A partir disso, é perceptível o surgimento de confiança, de respeito, da percepção dos sentimentos dos demais e da solidariedade. Tal mecanismo pode ser relacionado à acepção de MAKARENKO (1977), quando este apresenta a coletividade como uma esplêndida conjuntura pedagógica, que é concebida ao defender cada membro da coletividade, e cada membro se voltar para ela.

Quanto à *Disciplina* (Tabelas 17 e 28), é perceptível para os educadores a compreensão da necessidade desta, por parte dos educandos. Dessa forma, este grupo não vê nada de estranho na própria disciplina, o que é apresentado por MAKARENKO (1977), como o estado natural da coletividade. Os educadores percebem nos educandos a visão da disciplina como uma necessidade da Casa.

Seguindo a normatização da Prefeitura, o Regimento Interno e o Regulamento Interno da Unidade de Abrigamento, as normas foram, segundo relato de Diretora, elaboradas pelos próprios educandos. Isto relaciona a categoria *disciplina* com a categoria *coletividade*, pois a compreensão e criação dessas regras exige do indivíduo o entendimento de que os interesses coletivos estão num nível mais elevado de que os interesses individuais. A partir da fala do educador que demonstra que a partir do momento em que os jovens são cobrados de manter limpa “a casa que é deles”, percebe-se a idéia da disciplina enquanto teorema de MAKARENKO (1977), onde a disciplina leva a coletividade alcançar as suas metas, e ao mesmo tempo, leva o indivíduo alcançar a sua liberdade.

O trabalho no resgate desses sujeitos tem em si a característica da necessidade de se estruturar um caráter combativo, ativo e vital (MAKARENKO, 1977). Para isso, é necessária a extensividade dos atos educativos aos menores atos na

conduta dos educandos. Esses preceitos vêm ao encontro das informações apresentadas na tabela 20, quando a diretora relata ter como objetivo a transformação para a autonomia de cem por cento dos sujeitos envolvidos neste processo.

As assertivas descritas acima reforçam a característica presente na entrevista com o educador sobre sua concepção de sociedade. Segundo ele, esta sociedade não é estática e é passível de transformação (Tabela 30).

Em relação aos aspectos de acolhida a estes educandos (Tabela 18), percebe-se o cumprimento do caráter de afetividade prescrito no Regulamento interno da casa. Como procedimento de acolhida também, o atendimento às necessidades de saúde, documentos, matrículas na escola, atendimento à questão de atividades esportivas, culturais e demais cursos e por fim o restabelecimento do contato com a família, marca a inserção desse adolescente nessa nova forma de prática social, dando-lhe então o caráter de pertencimento.

A categoria *Família* pode ser entendida através da entrevista com a direção conforme apresentada na tabela 21. A partir da leitura deste recorte, não há perfil predominante, mas observa-se em todas as situações a ocorrência de famílias desestruturadas, vindo até de mais de uma geração nas ruas. Considera-se importante a fala da direção ao considerar como não obrigatória a questão do retorno familiar. Entende-se que este educando seria novamente violentado se fosse obrigado a retornar a sua família sem um processo de mudança nas relações postas e da aceitação deste adolescente por parte da família e vice-versa.

Outro elemento de extrema relevância na compreensão da intencionalidade do trabalho realizado na Unidade de Abrigamento é a manifestação da vontade de orientação dos adolescentes nas suas escolhas para que, ao construírem as suas famílias usem suas experiências como alicerces para novas relações sociais.

No que diz respeito a *escola* (Tabela 22 e 31) são apresentados pela diretora e educador elementos importantes acerca da relação da Unidade de Abrigamento com as instituições de ensino formal. Há profissionais que conhecem a realidade dos educandos. Quando existem dificuldades de adaptação destes jovens na escola os educadores da Unidade buscam intervir através do acompanhamento e da presença

dos profissionais da Casa nas reuniões. Em relação aos cursos, percebe-se a busca pelo desenvolvimento das potencialidades. Tais elementos estão presentes na caracterização da Educação Não Formal, postas por GHON (1999). Há ainda nesta relação com a escola a garantia de aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, em formas e espaços diferenciados. Isto é percebido no relato da diretora da unidade que diz que as crianças e os adolescentes são conscientes de serem privilegiados por possuírem acompanhamento e auxílio na realização diária das tarefas escolares. Com isso, é percebida também na fala do educador a importância da rotina para a criação de método de estudo, o desenvolvimento da iniciativa, e a conseqüente busca pela autonomia deste indivíduo. De acordo com as tabelas 19 e 29 a formação continuada dos profissionais que trabalham na referida Unidade, se dá através da sua mantenedora. Segundo a sua diretora há todo momento estão sendo discutidas situações, bem como visitam a casa grupos que desenvolvem trabalhos relacionados à formação continuada. Na opinião do educador os cursos oferecidos pela mantenedora poderiam acontecer com mais freqüência.

As tabelas 23 e 35 apresentam a relação da Unidade de Abrigamento com a comunidade e também o tratamento para datas comemorativas. Na entrevista com a diretora nota-se a intenção de ressocialização desses meninos a fim de que eles estejam inseridos na sociedade. Para isso é trabalhada a importância do vestir-se, se portar e ser bem educado. Este elemento abre relação com o tratamento dado as datas comemorativas, quando o educador usa como exemplo no seu relato a "noite da pizza", onde foram servidas mais de cento e cinquenta pessoas da comunidade pelos próprios educandos.

Sobre a religiosidade (Tabelas 24 e 34) busca-se despertar o sentimento religioso, de forma a canalizar a energia positiva. Os adolescentes buscam e experimentam igrejas e religiões diferentes. A religiosidade é vista de forma positiva na construção de valores, da humildade e da relação com a verdade. Percebe-se que influencia também na concepção acerca da sexualidade, pois esta é trabalhada no enfoque de uma relação saudável e também permeada por valores, por isso sua relação com as questões da religiosidade.

São apresentadas também as considerações do educador acerca da evasão e do envolvimento com drogas (Tabelas 32 e 33). Nestas, o educador relata que o índice de evasão é ínfimo e entende isso como o bom resultado do trabalho feito na Casa, da criação de vínculo e de que este educando se sente bem neste lugar. Segundo o educador, às vezes, a evasão ocorre por que o vínculo com as drogas é muito mais forte. Neste aspecto tanto existem meninos que se envolveram com as drogas no bairro “pois a Unidade de Abrigamento encontra-se em um bairro onde há a fácil oferta de drogas”. Contraditoriamente, existem meninos que vieram de uma longa estada na rua e que sabem dos malefícios do uso de drogas pela convivência com familiares ou demais pessoas debilitadas pelo uso da droga.

Finalmente é apresentada, à luz das entrevistas da direção e do educador (Tabelas 25 e 36), a compreensão acerca da transformação desses sujeitos após a sua inserção na referida Unidade de Abrigamento. A ênfase dada à transformação de acordo com a concepção da diretora permite a avaliação das mudanças e transformação na vida desse educando tendo como o ponto de partida referencial de sua própria história de vida. Daí são percebidas diversas nuances que delineiam a transformação de cada um, tais como higiene pessoal, aceitação de tratamento para dependência química, tentativa de resistência para o uso de drogas, capacidade de demonstrar afeto pelo próximo, reelaboração nas relações de consumo, e tantas outras marcas transformadas na sua realidade. Na fala do educador percebe-se a importância do confronto da história de vida de cada um com os demais, fazendo com que os educandos restabeleçam a visão que tem acerca de si mesmo e de suas histórias.

TABELA 1 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIAS IDADE E COLETIVIDADE.

CATEGORIA	IDADE	COLETIVIDADE
A1	16 anos	"Fala para os cara que eles procurem sai da vida, né. Procurem uma casa assim pra eles morar, ou se eles tiverem uma família ir morar com a família. Porque aquilo lá (a rua) vai matar eles, não vai levar pra lugar nenhum".
A 2	14 anos	"Bom o educador né... ele não pode fazer muita coisa pela pessoa, né. Se o cara não quer lavar roupa, não quer nada ele deixa o cara, que uma hora tem que se tocar".
A 3	15 anos	"Na casa eu tenho bastante amigos, todos são meus amigos. Mas as vezes acontecem brigas e discussões. Eu acho esse lugar legal, bem melhor que o abrigo que eu estava antes. Os educadores são legais, as cozinheiras (...)".
A 4	14 anos	"Tenho todo mundo aqui na casa de amigo. Ocorrem brigas aqui, às vezes, porque os meninos ficam nervosos. De manhã, o cara vai trabalhar e os outros ficam deitados até tarde. E aí ficam mandando eles acordarem para tomar café".
A 5	14 anos	"Aqui na casa, são meus amigos mais ou menos. Tenho um irmão, na verdade que eu considero na casa e me dou bem com ele. As pessoas que trabalham na casa são legais e querem passar tudo de bom para a gente, para aprender mais no futuro".
A 6	11 anos	"Às vezes tem brigas na casa, por causa dos apelidos. As pessoas que trabalham aqui cuidam da gente".
A 7	10 anos	"As brigas da casa acontecem quando um empresta alguma coisa do outro e ele não quer, ficam apelidando. As brigas não são boas".
A 8	16 anos	"O jardim fui eu quem fiz, o meu irmão e o educador... só tinha umas plantinhas aqui e ali. Aí o educador G. foi na prefeitura e pediu umas plantas lá, que eles não estavam usando, aí a gente fez o jardim, plantamos. Eu gosto de mexer no jardim".
A 9	16 anos	"Aqui na casa eu tenho mais amigo do que inimigo, mas às vezes tem gente aqui que não dá para confiar. Deixa as coisas marcando os caras já levam. Ultimamente não tem acontecido brigas aqui na casa, está tranquilo. Mas antigamente, quando só tinha piá maior tinha direito".
A 10	14 anos	"Aqui na casa eu tenho muitos amigos. Mas quando eu chegava aqui na casa eu brigava, teve um dia que eu briguei com um piá, mas eu parei faz tempo. As pessoas que trabalham aqui na casa ajudam".
A11	12 anos	"As regras da casa são meio chatas, mas todo o lugar onde você for tem regras porque tem que fazer tudo certo, e por isso que a casa é boa e eu acho legal. Às vezes é chato, mas é para o nosso bem que tem as regras(...) Tem pouca briga aqui na casa, brigam e daqui há dois segundos já estão conversando lá fora".

TABELA 2 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA DISCIPLINA.

CATEGORIA	DISCIPLINA
A 1	"É legal (...) só que tem gente que é folgada... mas tem uma regra só que é ruim... às vezes na hora de levantar a gente fica com fome, porque todos têm que estar de pé".
A 2	"É assim, cada um lava a sua roupa, cada um tem o seu dia. Tipo o meu dia é 2ª, 3ª, 4ª e 6ª, eu lavo roupa e deixo lá. Daí tipo passar roupa todo mundo passa. O passar roupa o educador sempre tá ali, tipo ele tá fiscalizando... vendo se tá arrumado se tá bagunçado. E o resto é o educador que vê tipo, eles ficam controlando... fiscalizando. O que assiste".
A 3	"Quando eu cheguei na casa umas regras já tinham e outras foram depois que eu cheguei. Quem não cumpre essas regras fica restrito de castigo. Cada dia tem um pra lavar a roupa, para fazer a escala do quarto. Ou faz ou fica restrito".
A 4	"As regras da casa já tinham antes de eu chegar. Ai fizeram mais algumas regras como não emprestar, não trocar as coisas, os objetos. Quem não cumpre as regras fica restrito no pátio, em casa, não vai para a casa dos familiares no final de semana e as vezes fica sem assistir TV. Nós fazemos as tarefas, nós lavamos as roupas, cada um faz sua parte para limpar".
A 5	"Na escala, cada um tem a sua parte na limpeza, cada um tem sua parte e o objetivo é esse, limpar a sua parte para no futuro, quando for morar sozinho, aprender a limpar a casa, fazer os deveres. Quem não cumpre essas regras fica restrito, sem poder sair no final de semana".
A 6	"As regras da casa são rígidas porque às vezes a gente quando, não quer fazer, apronta a gente fica restrito. Mas eu acho importante essa disciplina porque quem está aqui vai ser bem educado. Essas regras estão escritas numa folha com as regras".
A 7	"Eu não gosto muito das regras da casa. Eu tenho como tarefa ajudar a lavar a louça, arrumar a cama, limpar o pátio da frente, o pátio dos fundos. Quem não cumpre essas tarefas fica de castigo, fica sem televisão, sem sair".
A 8	"Eu acho que as regras são importantes porque se não tivesse regras ia ser um fuzuê. Como na outra casa, lá não tem regra, sai a hora que quer, eles roubam, vão para a balada. Aqui se sair é só para a casa do pai e da mãe, se sair tem que pedir. A diretora não deixa ir para a balada porque acontece muita briga e pode sair alguém morto".
A 9	"Sobre as regras da casa eu penso que algumas regras são chatas e outras não, sobre horário. Mas se não tivesse regras a casa seria uma zona, pois a regra faz bem para o grupo".
A 10	"E penso que é importante ter regras porque depois que crescer e tiver mulher vai ter que ajudar a arrumar a casa. Quem não cumpre as tarefas fica restrito, e eu já fiquei restrito porque eu fazia bagunça e às vezes não queria fazer nada".
A 11	"Eu acho bom ter disciplina porque senão não teria organização e a casa não seria como é. Quem não cumpre, como sair sem pedir, fica restrito, sem sair. Que nem eu, eu estou restrito porque ontem eu sai sem pedir, daí deixam 1 ou 2 dias restrito, dentro de casa, sem sair".

TABELA 3 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA ORIGEM.

CATEGORIA	ORIGEM
A 1	"Eu morei 7 anos na rua, se eu fosse te contar 7 anos na rua, você ficaria 7 anos no sofá. Eu já estive preso na delegacia do adolescente, já estive em outras casas, outros abrigos e vim pra cá".
A 2	"Eu vim por causa que eu comecei a usar pedra, a cheirar, fumar maconha. Só que daí com 4 anos eu fui adotado. Só que daí eu comecei, nesse tempo que eu fui adotado, a cheirar a fumar por problemas na família. Daí eu fui pra um outro abrigo...daí eu vim porá cá agora".
A 3	"A minha mãe usava drogas, não tinha condição de cuidar de nós e também não parava em casa. Aí" eles "encontraram a gente em casa, sozinhos, e prometeram que iam nos levar para comprar um negócio pra gente, e daí no fim a gente veio para cá".
A 4	"Eu vim morar na Unidade de Abrigamento porque eu e meus irmãos bagunçávamos demais na casa da minha avó".
A 5	"Eu fugi de casa porque não me dava bem com o meu padrasto, com minha mãe mais ou menos. E pela opção sexual. Aí resolvi sair para ser livre, até que eu vim parar aqui".
A 6	"Eu cheguei aqui porque a minha mãe não tinha condições de cuidar da gente, ela se envolveu com drogas e daí ela entregou nós para nossa avó e ela não tinha condições de cuidar, nem minha tia. E aí minha tia trouxe nós para cá. Eu e meus dois irmãos".
A 7	"Minha mãe não tinha como criar nós e ela deixou com a nossa avó e minha vó deixou com a tia e a gente fez algumas besteirinha lá e a tia trouxe nós para cá".
A 8	"Meu pai me levou para a casa da minha avó e ela não podia cuidar de mim e ela me levou lá para Campina Grande, na chácara dos padres lá. E lá eles iam diminuíram a casa, deixaram uns vinte, trinta e trouxeram eu para uma casa no Cajuru, e depois lá no Bacacheri. E aí eu fugi, e fiquei uns dois três anos na rua, aqui eu estou há um ano e um mês por aí".
A 9	"Perdi meus pais. Morei um tempo com minha família, estou aqui há três anos".
A 10	"Cheguei aqui na casa por causa de drogas".
A11	"Eu vim para cá por que minha mãe e meu padrasto não tinham condições de ficar comigo, eles sempre brigavam e minha tia falou para o Conselho e o Conselho trouxe a gente para cá. E eu fui para outra casa mas depois vim para cá porque a outra casa fechou".

TABELA 4 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA FAMÍLIA.

CATEGORIA	FAMÍLIA
A 1	"Mora em Santa Catarina".
A 2	"Tenho cinco. Dois irmãos mais velhos e três mais novos. Tenho contato. Eu ia hoje... só que foi melhor eu não ir".
A 3	"Tenho uma irmã que mora numa casa de meninas. Eu vejo minha mãe e minha tia de vez em quando".
A 4	"Meu pai arrumou minha guarda e dos meus irmãos e a gente está indo morar com ele. Eu visito meu pai todos os finais de semana. Tenho dois irmãos que moram aqui".
A 5	"(...) visito às vezes no final de semana. A última vez que vi minha família faz três semanas".
A 6	"Eu não falo muito com a minha tia e a minha avó, só de vez em quando. Tenho 2 irmãos, só os dois, e eles moram na Unidade de Abrigamento".
A 7	"Eu vejo minha família sempre, nós estamos sempre indo para a casa do pai".
A 8	"Eu tenho minha avó, meus três tios, minha tia e uns quatro irmãos. Tem a P. que foi adotada, foi para a Itália, tem o L. que foi abandonado no Hospital, que tem 18, e minha outra irmã que eu não sei aonde está".
A 9	"Tenho um irmão mais velho, só".
A 10	"Eu morava com minha família, estou aqui há um ano. Eu não vou muito na minha família porque a minha mãe não tem casa, tenho 5 irmãos e um tio".
A 11	"Minha família sou eu, o L.; o R.; o G.; a I.; R. e R. Aqui na casa mora meu irmão R., 14 anos e meu irmão L. de 13 anos. Eu não tenho muito contato com a minha família porque quem vai mais lá é o L".

TABELA 5 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA ROTINA DE VIDA.

CATEGORIA	ROTINA DE VIDA
A1	"Acordo 5:30 horas, tomo banho. Saio daqui 6:25 pra ir trabalhar, trabalho daí eu venho pra casa. Às vezes... de 15 em 15 dias faço tratamento com o psicólogo. Psicólogo de drogas né... por que eu usei muita droga quando eu andava na rua".
A2	"Eu faço a minha obrigação que é lavar roupa, escala".
A3	"Minha rotina, dia de semana eu acordo faço a escala, daí, 12:30 saio para ir para o Curso. Chego 6 horas, tomo banho janto e vou para o colégio A à noite vou para o colégio".
A4	"Dia de semana eu acordo, arrumo minha cama, escovo os dentes, tomo banho e vou para o colégio. Estou na quinta série. Depois da escola eu estudo e fico aí jogando basquete. Depois eu vou para a igreja ou fico fazendo lição de casa".
A5	"Minha rotina é assim, eu acordo, faço a escala e assisto televisão. Eu estudo a noite".
A6	"Eu acordo, me arrumo vou para a escola, quando chego da escola eu almoço e fico a tarde inteira aqui em casa. Não faço nenhum curso".
A7	"Eu acordo sete horas, arrumo a cama, me arrumo e vou para o projeto. Lá eu almoço e vou para a escola".
A8	"Eu arrumo a cama, espero todos acordarem para tomar café, vou fazer a escala que está no mural. Depois eu assisto ou jogo basquete. Almoço, até 13:30 eu faço lição e depois vou jogar bola, até o horário que o educador marcar, aí eu me arrumo, janto e vou para escola. Se for sexta ou sábado depois da aula eu vejo TV senão eu vou dormir".
A9	"Eu trabalho de manhã, curso a tarde escola à noite".
A10	"Minha rotina, eu acordo, limpo, lavo a roupa, estudo a tarde e de manhã faço curso de tapete, no Sítio Cercado".
A11	"Antes eu ia para o projeto de manhã das oito ao meio dia. Só que daí eu completei doze anos e sai. E agora eu só vou para a escola à tarde".

TABELA 6 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA ESCOLA.

CATEGORIA	ESCOLA
A1	" É legal. Gosto de Português, Matemática e Ciências também, né... Quero continuar a estudar"
A 2	"Estudo a noite no CAIC. Eu gosto, eu acho que não tem nada de mais. E eu já tive problema com escola...tipo eu não conseguia aprender mas agora eu tô mais tranquilo"
A 3	"Estou no 1º e 2º ano do Ensino Médio, no supletivo. Gosto de Matemática e gosto mais ou menos de Português. Tenho amigos na escola. Gosto de ficar jogando futebol na escola, ficar conversando".
A 4	"Melhorei para estudar também por causa dos educadores que ficam insistindo para estudar, estudar, acostumar. Agora eu gosto mais de ir para a escola. Assim, mudou tudo isso".
A 5	"(...) estou fazendo o 1º ano do 2º grau. Eu gosto bastante da escola porque tenho amigos lá também, me dou bem com eles. Com os professores, e minhas notas vão mais ou menos bem".
A 6	"Estou na quarta série. Eu gosto da escola, acho legal porque ela cuida dos alunos. O que eu mais gosto na escola é Matemática e Português. Tenho amigos na escola."
A 7	"Estou na segunda série. Eu gosto de Matemática e não gosto de Português".
A 8	"Estudo no CAIC e estou na sexta série, fazendo supletivo. Eu gosto de Matemática, Inglês e Português. Eu não gosto de Geografia e Ciências. A escola é importante para a minha educação e para eu aprender mais. Eu tenho muitas amigas e amigos, tem um monte de gente".
A 9	"Curso na Água Verde, segunda e quarta, e terça, quinta e sexta não faço nada. Estou na oitava, no CAIC. Sem escola a gente não tem desenvolvimento".
A 10	"Na escola eu estou na Classe Especial, pois não sei ler nem escrever. Na escola eu gosto de fazer tapete. Eu tenho amigos na escola, bastante amigos e amigas".
A11	"E agora eu só vou para a escola à tarde. Estudo no Colégio F. F. L. Estou na quinta série. Eu não gosto de Espanhol, e o que eu gosto é de Matemática, Ciências, Educação Física. A escola é importante porque sem a escola eu não sou nada, tem que aprender para poder trabalhar".

TABELA 7 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA PARTICIPAÇÃO EM CURSOS.

CATEGORIA	PARTICIPAÇÃO EM CURSOS
A1	
A 2	"Eu tava no curso fiz curso de informática ai fiz. Daí fiz no CIEE um curso. Agora eu estou parado"
A 3	"Eu faço curso de tapete, cachecol, aparador de panela. Meu curso é na Regional X da Prefeitura".
A 4	"Já fiz cursos, mas hoje não estou fazendo. Fiz curso de competências e habilidades para o trabalho, daí eu fiz informática básica, estágio. Lá no DIAPAR, lá no centro".
A 5	" (...) Faço curso de Administração, Recursos Humanos e digitação".
A 6	"Eu não estou fazendo curso nenhum".
A 7	"Eu vou no projeto faço um monte de coisa, nós fazemos trabalhos, textos sobre o universo sobre a poluição, sobre a água".
A 8	"Estava fazendo curso de panificação, confeitiro e pizzaiolo. O primeiro curso que eu comecei a fazer foi de instalador hidráulico. Aí eu reprovei, e fiz de office boy, e de informática".
A 9	"Quando eu não estou na escola, eu antes fazia natação, mas agora estou parado. Fazia lá na PUC mas eu quero voltar. Segunda, quarta e sexta. Porque a piscina está estragada".
A 10	"Eu faço curso de tapete".
A11	"Antes eu ia para o projeto de manhã das oito ao meio dia. Só que daí eu completei doze anos e saí".

TABELA 8 – ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES , CATEGORIA USO DO TEMPO LIVRE.

CATEGORIA	USO DO TEMPO LIVRE
A1	"Às vezes vou na igreja, às vezes vou na casa da minha família. Igreja no bairro. Jogo basquete. Vai chegando aos poucos a galera na praça. Assisto TV".
A 2	"Eu gosto de escrever música. Leio e depois eu saio, vou me alongar um pouquinho, tem uma praça aqui. Já li Sidney Sheldon. Que na verdade eu vou pra casa e minha mãe tem a coleção inteira (...) eu leio com ela".
A 3	"De vez em quando eu jogo basquete ou futebol, e fico escutando rádio. Assisto TV. De vez em quando eu mexo nas coisas da biblioteca".
A 4	"Quando eu tenho tempo livre eu jogo basquete. Eu gosto de assistir Malhação, a novela das sete. Gosto de música sertaneja, Bruno e Marrone, rap, música americana. Não gosto de ler, não leio muito".
A 5	"No meu tempo livre eu jogo xadrez, jogo o Jogo da Vida, Jogo Milionário. Eu assisto televisão, gosto de novela. Gosto de ouvir música gospel, músicas mais de Deus. Gosto de ler livros de romance".
A 6	"Eu gosto de assistir desenho e filme de ação. Aqui na casa eu tenho poucos amigos, porque eu sou pequeno. Gosto de ler historinhas, gibi".
A 7	"No meu tempo livre eu brinco, solto raia na pracinha, jogo bola. Gosto de ler gibi da Mônica. Gosto de assistir desenhos e filmes".
A 8	"Eu faço a escala, vou assistir televisão jogar bola. Quando não dá para jogar ou assistir eu fico lendo, jogo os jogos de tabuleiro".
A 9	"Gosto de assistir tudo na TV. Gosto de rap, dance".
A 10	"No meu tempo livre eu fico jogando bola, assisto TV, Power Rangers, Scooby Doo".
A11	"No meu tempo livre eu gosto de jogar futebol, só que agora está proibido porque eu tenho que estudar, tirar notas mais altas porque eu tirei nota vermelha em Espanhol e História".

TABELA 9 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE.

CATEGORIA	ADOLESCÊNCIA	JUVENTUDE
A 1	"Adolescência hiiii... pra mim tem várias opiniões. Pra uns é divertido... sair na noite... beber. Pra outros adolescência é estudar, trabalhar, fazer curso".	
A 2	"Ser adolescente né... tem uns que são sérios".	
A 3		
A 4	"Ser adolescente é uma faixa etária em que a pessoa está passando de ano, fazendo seus cursos para trabalhar, tem que estudar bem mais para chegar nos seus dezoito anos de idade e começar a tocar a sua vida".	
A 5	"Ser adolescente para mim é uma fase muito difícil, porque é uma fase de sexualidade, se é ou não, se gosta daquilo ou se não gosta. É uma descoberta, na verdade".	
A 6	"Ser adolescente é ter responsabilidade, começar a fazer curso para quando crescer ter uma vida melhor".	
A 7	"Ser adolescente é não se meter com drogas, se cuidar e dizer não quando quiserem te dar drogas".	
A 8	"Adolescência para mim é ter responsabilidade, e quando a gente fica maior tem que ter responsabilidade porque senão nada vai para frente".	
A 9	"Ser adolescente é uma parte da vida muito difícil, você não sabe o que quer, só quer se divertir, não tem maldade".	
A 10		
A 11	"Adolescência, eu não sei ainda..."	

TABELA 10 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA RESPONSABILIDADE E TRABALHO.

CATEGORIA	RESPONSABILIDADE E TRABALHO
A 1	"Firma em São José dos Pinhais, trabalho todo dia, só na quinta-feira que não. Trabalho das 8 ao meio dia". "Responsabilidade pra mim é uma coisa forte é muito forte, né. Responsabilidade pra mim (...) é saber cuidar de alguma coisa, entendeu (...)".
A 2	"Para mim hoje eu sou responsável... e foi difícil pra mim ser responsável".
A 3	"As vezes eu percebo quando não sou responsável, e busco melhorar".
A 4	"Responsabilidade para mim é ser responsável pelos seus atos. Quando eu não fui responsável com alguma coisa depois eu parei para pensar"
A 5	"Responsabilidade é cumprir aquilo que você deseja, que você quer. Que te mandem fazer alguma coisa e você seja responsável por aquilo que você faz. Trabalho para mim é um compromisso, de você ter um trabalho, sempre ir, não faltar e gostar daquilo que faz".
A 6	"Ser responsável é fazer as coisas certas e saber que eu está fazendo para depois não ficar reclamando".
A 7	"Responsabilidade é ser mais obediente".
A 8	
A 9	"Eu gosto do meu trabalho porque eu comecei a pensar como um adulto, não totalmente, mas eu deixei de lado algumas coisas que eu fazia".
A 10	"Responsabilidade é achar um trabalho daqui a um tempo. Não deixar as coisas jogadas".
A 11	"Responsabilidade para mim é cuidar das minhas coisas, cuidar de mim mesmo, cuidar da minha higiene, isso é responsabilidade".

TABELA 11 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA RELIGIOSIDADE E DEUS.

CATEGORIA	RELIGIOSIDADE / DEUS
A1	"Eu ia na quadrangular, agora eu só vô porque eu sô quase assim um coordenador de eventos. As vezes eu vô na igreja cá K, a Jesus ensina no tempo. Deus é tudo, entendeu..."
A2	"Eu vou a noite, tipo hoje de noite, eu tô indo. Sábado e domingo que dá pra ir né, daí de noite não dá pra ir por causa que tem aula, né"
A3	
A4	"Deus para mim é o homem que faz tudo de bom. Para mim e para a minha família. Então ele sempre me guarda".
A5	"Deus para mim é tudo, sem comparação. Eu sou católico, mas faz tempo que eu não vou para a igreja".
A6	"Eu sou cristão e eu acho que Deus é bom e que ele faz de tudo para nós sermos bons".
A7	"Eu sou evangélico. Deus é bom".
A8	"Deus me salvou e ele existe".
A9	"Deus, sem ele nós não somos nada".
A10	"Eu acho que Deus é nosso pai".
A11	"Deus é aquele que salva todos nós dos pecados. Eu vou na Igreja de São João, antes eu não ia muito, mas eu estou indo toda terça e quinta".

TABELA 12 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA OPINIÃO SOBRE DROGAS.

CATEGORIA	OPINIÃO SOBRE DROGAS
A 1	"Uma furada (...) furada é um negócio que é diferente de ruim, entendeu? Ou de armação pro lado da pessoa... porque furada é aquela pessoa que cai...só que ela cai depois levanta entendeu. Ela entra se ela procura se afunda ela vai se afundar".
A 2	
A 3	"Eu fumo cigarro de vez em quando, mas não pode fumar aqui dentro. É ali atrás ou ali na frente. E eu queria dizer para os jovens não entrar no caminho das drogas. É o caminho do mal, e eles têm que ir pelo caminho do bem. Meu irmão tinha 17 anos e estava preso, ele fumava e bebia e daí morreu, faz bastante tempo. É pra não seguir o caminho que meu irmão seguiu".
A 4	"Sobre as drogas, têm esses caras que ficam fumando, ficam se drogando, uma hora eles vão cair, vão morrer de câncer".
A 5	
A 6	
A 7	
A 8	"Drogas são muito ruim porque elimina as coisas que tem de bom no nosso corpo".
A 9	"Depois que eu vim para cá eu parei de usar drogas, de sair a noite, eu não pensava nas coisas que futuramente iam me destacar, me fazer melhor. Usei dois anos maconha, de vez em quando era pedra. Droga é uma droga".
A 10	"Drogas são ruins. O cara chega bêbado dentro de casa e o cara não agüenta nem levantar um peso. Desnorreia a pessoa".
A 11	"Drogas não é bom. Para você começar a mexer com as drogas é mais fácil que qualquer coisa. Mas para largar é difícil. Por isso que é melhor nem mexer com elas. Eu penso isso".

TABELA 13 – ENTREVISTA COM OS EDUCANDOS, CATEGORIA SONHOS E EXPECTATIVA DE FUTURO.

CATEGORIA	SONHOS EXPECTATIVA DE FUTURO
A1	"Eu quero... assim eu quero ou não quero, porque às vezes eu vejo umas imagens que eu fico impressionado entendeu, né. Ter família. Aí de vez em quando eu vejo uma família feliz. Daí eu penso né... Sossegado... mas se um dia eu ter uma família igual aquelas... que só brigam aí eu acho que eu não vou querer, né. Quero trabalhar, fazer cursos".
A2	"Meu sonho é ser músico. Meu irmão falou... parece que eu nasci com o espírito da música. Qualquer coisa eu me empolgo e começo a escrever música. Eu gosto".
A3	
A4	"Ainda não pensei nos meus projetos para o futuro".
A5	"Meus sonhos, fazer Turismo, Administração, Direito... Trabalhar, ter minha casa".
A6	"Eu queria ter um trabalho digno, uma casa própria e uma família, eu quero ser pai um dia".
A7	"Eu queria ser motorista".
A8	"Meu sonho é ser jogador de futebol".
A9	
A10	"Meu sonho é conhecer meu pai. E achar um serviço para ajudar minha mãe. Queria trabalhar, ganhar muito dinheiro e guardar e arrumar um emprego para mim, tirar minha mãe das drogas".
A11	"Eu quero trabalhar um dia, mas o meu sonho é ser jogador de futebol".

TABELA 14 – ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES, CATEGORIA MUDANÇAS APÓS ENTRADA NESTA UNIDADE DE ABRIGAMENTO.

CATEGORIA MUDANÇAS APÓS ENTRADA NESTA UNIDADE	
A1	"Ah... o jeito de andar de falar... porque eu só falava na gíria... eu sou um conhecedor da palavra... se você perguntar um versículo. Aí... eu já vou ditando na hora. Convivência, higiene, porque eu não era higienizado antes... agora eu sou"
A 2	"Bastante coisa, sei lá, eu era... tomava um monte de remédio, eu nem conseguia levantar direito, andava bem" tombadão ". E faz pouco tempo. O pessoal falou, ele não é retardado, o problema dele e ele tomar vergonha na cara. Daí eu fui indo, eu fui parando de tomar remédio daí eu comecei meu tratamento, estou tendo alta já. Se fosse pra contar eu teria um monte de coisas... as amizades, eu nunca era de dar risada e agora eu sou o palhaço aqui da casa".
A 3	"Muitas coisas mudaram na minha vida depois que eu vim para cá. Comportamento, atitudes".
A 4	"Mudou muito a minha vida depois que eu vim morar aqui. Antes eu xingava um monte. Agora não".
A 5	"Depois que comecei a morar aqui mudou completamente a minha vida, meu jeito de agir e se comportar".
A 6	"Eu fiquei mais calmo depois que vim para cá. Antes eu brigava muito. Melhorei minhas notas na escola e eu aprendi a viver com regras, e isso é importante para quando você crescer a vida não ficar de pernas para o ar".
A 7	"Eu antes brigava ficava bravo, hoje eu não fico".
A 8	"Depois que eu vim para cá, mudou muita coisa. Se eu tivesse fora da casa eu não teria feito nenhum curso, não teria feito nada. Se eu tivesse fora da casa estaria sem estudar, fumando, usando cheirinho, fazendo essas coisas, roubando".
A 9	
A 10	"Muitas coisas mudaram depois que eu vim morar na Unidade de Abrigamento, eu era atentado, cresci mais, conheci altos amigos".
A11	"Mudou muitas coisas depois que eu vim para a Unidade de Abrigamento. Eu cresci, eu aceitei Jesus, porque antes quando eu morava com a minha mãe eu não tinha aceitado Jesus, aqui que eu aceitei Jesus. Antes eu andava tudo sujo, eu andava com chulé. Mas agora eu estou até cuidando, quando eu vejo que eu estou com chulé eu lavo meus tênis, minhas meias, não todo dia, eles que tem que falar às vezes, de vez em quando. Mas eu peço para o educador comprar xampu, talco, cotonete".

TABELA 15 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA CARACTERIZAÇÃO.

CATEGORIA	CARACTERIZAÇÃO
	"De formação sou Assistente Social. Estou na Direção, pois nunca somos diretores, estamos. Estou na Direção da Unidade há quase dois anos. Às vezes a cozinheira observa muita coisa que você não observa de dentro da sua sala".

TABELA 16 – ENTREVISTA COMA DIREÇÃO, CATEGORIA COLETIVIDADE.

continua

CATEGORIA	COLETIVIDADE
<p>“Existe uma equipe, e nesta equipe todos são educadores, independente da função que exerça, todos contribuem para a formação, e a gente divide muito bem esse objetivo da casa. De todo mundo participar do mesmo objetivo, da mesma metodologia, do mesmo processo. Cada um na sua função, mas um ouvindo o outro. A sociedade é egoísta. Existe a condição social que fez com que eles se tornassem mais individualistas ainda pela auto-defesa, dizem ‘porque quando eu estou na rua, ou quando eu estava na casa de um parente, porque meu pai e minha mãe morreram, ou quando eu fui abandonado eu tive que me vestir de uma couraça que me impedisse de sofrer mais. Daí eu acabo reforçando essa minha individualidade, esse meu egoísmo’, que aí chega a ser até egoísmo. Para conseguir transformar isso para uma coletividade é muito difícil. Eles buscam a coletividade, embora eles vivam na coletividade. Não sei se você conseguiu me entender. Tem que buscar a coletividade, embora eles estejam vivendo na coletividade; eles precisam estar refletindo que eles vivem no coletivo e esse coletivo exige determinadas posturas, ou seja, o respeito mútuo, a solidariedade, o se doar, o dividir. Na prática eles fazem isso, mas é como se fosse uma coisa extra deles, não é um valor interno, não é uma subjetividade. Na realidade a coletividade existe, existe um grupo, mas existe a individualidade que é muito mais forte. A gente precisa buscar essa coletividade. Como se fosse um ciclo, um círculo, as situações começam a se diferenciar e a medida em que ela se diferencia você vai tomando um certo tipo de posicionamento. O menino não era antes egoísta numa concepção negativa. Ele precisava ser individualista naquele momento, e depois ele teria que partir para uma coletividade e nós buscamos uma coletividade maior ainda numa transformação do caráter dele. E com isso ele acaba tendo também que se valorizar, o individual fala mais alto. Tem horas em que você precisa se olhar, se amar, se respeitar, se cuidar; e deixar o outro um pouco de lado. E o egoísmo aparece sim, às vezes até nas coisas mínimas, por exemplo, na alimentação... “Se não sobrar para o outro que se dane”. Mas também por outro lado tem a questão da adolescência, e por outro lado a questão do uso das drogas. Há o exemplo de um menino que quando era criança era punido pela mãe, tirando a refeição. Quer dizer que, se eu não souber avaliar um por um eu rotulo como egoísta, individualista e medíocre. Mas quando você começa a avaliar a situação de cada um percebe-se que não é uma característica negativa por ser. Existe toda uma situação que fez com que isso viesse à tona.</p>	<p>(...) Tanto que eles que fizeram a abertura do festival de dança da PUC - PR, eles que fizeram a abertura de uma mostra de dança num Studio, e eles também participaram da mostra. E não é por serem meninos abrigados que não vão conseguir, são meninos como outros quaisquer, estão no abrigo por uma condição social. Tanto que hoje é possível sair com eles em qualquer lugar e eles se portam bem em qualquer lugar, eles sabem se portar até melhor que outros meninos. Eles apresentaram o teatro para os educadores do IASP do Paraná inteiro. Com o teatro, além do trabalho de grupo, nós conversamos com os meninos que nós temos que nos doar. Tem essa questão da solidariedade. Nós não temos dinheiro para doar. E as pessoas não precisam doar só dinheiro. As pessoas podem doar um sorriso, um aperto de mão um abraço. O que nós temos de bom é a informação e vamos mostrar isso através do teatro. E nisso você está doando o seu melhor para as pessoas, tanto que em nenhum momento eles questionaram se não ganhariam nada, se cobriam pelo teatro. Porque é o momento nosso de nós nos doarmos. E todo o final de ano a gente faz o momento solidário. Num ano nós fomos auxiliar e fazer toda a parte recreativa num projeto na Vila Verde com cento e poucas crianças. No ano passado fizemos a decoração, o lanche, o teatro, servindo trezentos idosos que estavam num momento de confraternização no final do ano. Eles têm que aprender a se doar, e tem que ser na prática. Eles vêm o retorno naquilo que deram o melhor de si, e foram aplaudidos por isso, e isso é fantástico. E auxilia por outro lado na desinibição. Hoje eles não têm dificuldade de falar. Estão nos cursos e conseguem contribuir, compartilhando com as pessoas. Os novos ainda têm um pouco de dificuldade, mas os mais antigos já perderam essa dificuldade, já ultrapassaram. O teatro ajudou muito. Tanto ajudou que conseguimos a parceria com a sociedade Paranaense de psicodrama, e eles abrigam horários, tanto para os meninos como para os funcionários, de terapia individual. E nós não tínhamos isso, não tínhamos atendimento psicoterápico a nível de SUS e hoje nós conseguimos com o atendimento da</p>

CATEGORIA	COLETIVIDADE
CONTINUAÇÃO	
<p>Sociedade de Psicodrama.</p> <p>Na realidade nós temos muito poucas evasões. Acontece aquela coisa, quando “eu não quero entrar agora”, “queria ir com minha namorada”. Não. E saem, mas ficam rondando a comunidade, os adolescentes têm muito a coisa de testar, e eles testando a Direção. Tem a questão formal, e passa para o 156, o Resgate, certas normatizações para as comunicações formais. Mas hoje eu tenho confiança no trabalho. Saiu num momento de contestação. Não existe adolescente que não quis que o pai morresse ou que não quis fugir de casa. É o momento em que eu tenho ódio do meu pai e de minha mãe. Ai eles acham que tem que peitar. Na semana passada, por exemplo, eu tive dois que chegaram meia noite e vinte. O horário é onze horas, só se tiver uma festinha, futebol de salão que ocorre das 11 a meia noite e eu sei onde eles estão, com conhecidos, uma coisa que foi combinada antes, combinou tudo bem. Ai eles terão o horário diminuído, por serem imaturos vão ser tratados como tal... dez horas em casa. Mas cada um é cada um, não dá para tratar igual. E você tem que entender isso. É um momento de rebeldia, de contestar as normas e a disciplina é o momento de testar para ver se vai ceder ou não. E para isso às vezes parece que não adianta nada o que falamos, mas se olhar toda uma retrospectiva da vida dele, ele veio para esperar 15 dias à mãe, que ia alugar uma casa para os dois morarem juntos, e os 15 dias faz um ano e meio. Quando não existiam mais esses quinze dias ele disse “posso falar com a senhora?”, posso ficar aqui? A senhora me põe num curso, eu preciso trabalhar. E o adolescente é sedento, é imediatista, e ele queria ganhar o dinheiro dele, e existia um Projeto Piloto de eletrônica. É um curso com muitos módulos, bem complexos, e o professor acredita no adolescente de oitenta selecionados os dois que inscrevemos passaram, hoje os dois estão em pregados, um em São José dos Pinhais. A evolução foi fazer todo esse resgate, que a gente tem que caminhar degrau por degrau. Não dá para subir já no ultimo degrau. E o menino chorava emocionado, pois ele nunca tinha parado para pensar nesse avanço, dessa evolução dele. Porque eles não conseguem às vezes perceber o quanto avançaram, sua evolução. A virada de página.</p> <p>Cada um tem sua individualidade. O que eu fico mais doida é que todos eles vêm com uma carência de amor. A partir do momento em que você dá amor e carinho tudo fica mais fácil. Pode ser filho de uma prostituta, filho de uma drogadita, pode ser filho de uma pessoa que está na penitenciária... Mas a partir do momento em que você dá amor se cria uma relação, fundamentada na verdade no amor e em Deus, muda. Porque existe meninos que viveram numa miséria viviam na rua e conseqüentemente a mãe também não sabia dar limite. Mas quando você compara a um menino de uma classe media alta, de uma família de Diretor da empresa X, onde por uma questão de adotar seis crianças quando a mãe se criou de uma doença... E quando um deles começou a dar problema, por uma questão de drogas, ela devolve, qual o problema maior? Então é muito relativa essa questão de situação pior, não existe situação pior. Ninguém está numa situação melhor ou pior aqui dentro “todos estão no mesmo barco”. Se agente for generalizar é a falta de amor e atenção. Se der amor e atenção, se consegue tudo. Eles vivem no teu colo, os que saíram voltam, te abraçam, beijo um por um, e vão trabalhar.”</p>	

TABELA 17 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA DISCIPLINA.

CATEGORIA	DISCIPLINA
<p>“Existe uma normatização da Prefeitura que é toda a regulamentação dos abrigos em geral. Desde a questão das atribuições de cada funcionário, desde a questão da legislação, toda uma normatização. Depois existe o regimento Interno da Unidade, que é específico daqui, e existe o Regulamento Interno que são as normas, as regras de convivência da casa. Essas normas foram feitas com eles, eles participaram da elaboração, da escolha de horários, e é muito engraçado porque quando é para o outro eu posso ferrar e quando é comigo é diferente. E depois todos eles assinam dando ciência e reforçando que eles sabem que existe um Regulamento Interno, que muitas vezes não é agradável cumprir, por exemplo, quando o menino quer jogar bola e não é hora de jogar bola, se fizer um acordo, se não tiver acontecido nenhum problema durante a semana, vai jogar bola. Na realidade é um Regulamento interno flexível, não é rígido, só horário de chegar a noite, mas ainda com os maiores há flexibilidade. Não dá”. Para tratar um adolescente de 17 igual a um adolescente de 13, até 14, 15 anos saem até 9:30, no máximo, quando tem uma festinha, alguma coisa. Os maiores até 10:30. Mas eles que contribuíram na elaboração, os educadores, mas nada existe feito por uma única pessoa. Como o Plano Sócio Educativo, todos fizeram. Lógico, as cozinheiras não fizeram de sentar e conversar com a gente, mas elas fizeram as atribuições delas. Então elas contribuíram. Os educadores da vigília não puderam sentar com a gente todo dia, mas fizeram as atribuições deles. Leram e opinaram sobre o Plano. Todo mundo participa. Num abrigo não existe rotina. Há momentos em que se consegue “seguir redondinho”, nas atribuições ou até a rotina da casa, mas existem momentos que é inviável. Não tem como, num momento de teatro, a escala faz quem puder quem quiser ajudar, aquele que a gente indicar, porque não dá para seguir o quadro de escala. Todo esse trabalho dinâmico as vezes dificulta um pouco, mas sempre é bom porque sai da rotina, cada dia é um dia diferente, uma situação diferente. Por isso que o trabalho com o adolescente é bom porque você estimula e ele desenvolve”.</p>	

TABELA 18 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA ACOLHIDA.

CATEGORIA	ACOLHIDA
	<p>“Nós sabemos que os meninos vão chegar, por causa da central de vagas, existe um contato e existe a aceitação ou não em função da capacidade da casa. Ou numa situação de um menino, por exemplo, irmão mais velho de outros três que eu tenho aqui dentro e esse irmão tem um comprometimento muito grande com drogas, e ele vindo para a Unidade não vai contribuir nada, pelo contrário, ele pode envolver os outros irmãos e pode vir a fazer até que evadam da casa então eu tenho que ter cautela nesta admissão. Aí a agente conversa com o Conselho, vê se existem outras possibilidades. No geral existe este contato inicial, a aceitação, o primeiro momento que é o acolhimento, onde este menino é recebido, e a gente pede para um menino fazer a apresentação da casa que é muito mais legal que um adulto. Então um menino, qualquer um, vai apresentar toda a casa, vai apresentar os funcionários. Depois você trabalha a questão do Regulamento Interno com ele, mas isso gradativamente, senão você bombardeia. Pois, às vezes chega morrendo de fome. Então você vai acolher e sanar as primeiras necessidades, como banho, comida ou dormir. E depois você vai trabalhar a questão da disciplina, então ele lê o Regimento Interno, nós discutimos este Regimento ele assina, para se comprometer, ele vai ter que cumprir aquilo, então ele está ciente que existe um Regulamento e um Regimento, e ele tem que cumprir, existem normas. De imediata é providenciada a documentação, muita não tem nem certidão de nascimento então providenciamos toda essa documentação, desde certidão de nascimento até alistamento militar e aí se utiliza os recursos públicos. Para que ao saírem daqui tenham toda a documentação, título de eleitor, CPF. Depois existe a inserção na escola, a gente tem uma política de uma relação positiva com essas escolas e consegue matriculá-los, por exemplo, sem documentação. Deixa em aberto essa documentação, e no dia seguinte o menino está estudando, e a partir disso se consegue a documentação. Já de imediato também a questão da saúde, ele é inserido na Unidade de Saúde, cadastrado no SUS, que pode estar precisando de algum tratamento. Teve menino que veio com pneumonia, com tuberculose, com hanseníase, tive menino que fomos ver três dias depois que estava com algum problema e era sífilis, gonorréia, condiloma e ainda HIV. Depois conforme a idade, ou a capacidade do menino, você começa a inseri-lo em todos os outros recursos, ou seja, a questão esportiva, a questão cultural, curso para crescimento pessoal ou crescimento profissional e dá continuidade e insere ele na rotina da casa, para ele sentir que está pertencendo a casa. A última coisa é a questão de família, quem é família, porque o relatório é mais fácil, e quando tem relatório eu vou ver a família, que aconteceu. Aí tenta fazer um vínculo com essa família.”</p>

TABELA 19 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA FORMAÇÃO CONTINUADA.

CATEGORIA	FORMAÇÃO CONTINUADA
	<p>“Quem mantém a Unidade de Abrigamento é o Fundo Municipal de Assistência Social, pois a Unidade de Abrigamento está ligada a FAS. Os funcionários são servidores da PMC à disposição da FAS. Existem cursos de capacitação para todos, para as cozinheiras, educadores (e para estes em todas as áreas – familiar, área jurídica, área de saúde e saúde mental, sexualidade), enfim, existe todo um direcionamento de várias capacitações em várias áreas que venham auxiliar o trato com os meninos ou com meninas, independente da Unidade em que se esteja trabalhando. Por exemplo, todos os educadores quando iniciam fazem um curso de capacitação, e nesse curso de capacitação é abordada a questão legal, a legislação, o contexto todo da FAS, o contexto da Unidade. O adolescente não é só questão do abrigo. O adolescente tem toda uma questão de programas que fazem abordagem, programas que fazem o trabalho de albergagem, tem a questão dos encaminhamentos, tem toda uma rede de programas voltadas só para o adolescente, ou para criança ou para o adulto. Então exige uma reciclagem para que se veja a totalidade. Existe esta capacitação inicial e no decorrer do trabalho vão ocorrendo outras capacitações. No nível de direção, há uma capacitação diferenciada para a gestão, todos os gestores, todas as pessoas que gerenciam alguma coisa têm, hoje, na Prefeitura o Curso de Gerenciamento para tratar esta questão gestora administrativa.”</p>

TABELA 20 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA SOCIEDADE.

CATEGORIA	SOCIEDADE
	<p>“Concepção de sociedade – uma sociedade egoísta, hipócrita, que prega os valores e não pratica e ao mesmo tempo eu busco propor aqui dentro uma sociedade mais otimista pois se você for assistir a um jornal, ouvir um radio, você só vai ver desgraça, deprime. As pessoas começaram a evidenciar tanto que existe corrupção na política, na escola, no esporte... Buscamos fazer com eles tenham otimismo, pois a gente tem que acreditar, porque se não acreditar a coisa morre. Não tem porque fazer um trabalho desse. É uma sociedade cheia de valores, pregando um monte de coisa e não praticando. Aqui dentro eu busco fazer com que os meninos acreditem pois eu acredito senão não estaria aqui. Não estaria lutando por eles. Tem um ditado que diz “pau que nasce torto morre torto”. Um pastor diz “ eu não acredito mais nesse ditado pau que nasce torto morre torto pois existe um marceneiro maior que é Jesus”. Prova tem aqui dentro. Claro que eu não sou utópica em acreditar que nenhum menino desses pode regredir , claro que pode, como qualquer um de nós. Mas não é por isso que não vamos continuar lutando, pois ele pode se reerguer. Por isso que não dizemos que se salvarmos um desses vinte estamos contentes. Não estamos, queremos atingir a todos. Porque hoje pode ser que não seja como eu projetei esse sucesso. Mas eu posso fazer que um dia, quando eu falo eu o grupo todo, nós estamos semeando, e isso vai brotar, para uns hoje, outros amanhã, mas um dia isso vai brotar.”</p>

TABELA 21 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA FAMÍLIA.

CATEGORIA	FAMÍLIA
	<p>“ (...) É complicado dizer o perfil predominante dessas famílias porque resumidamente as famílias são desestruturadas. Não é uma família estruturada porque a consequência não seria o menino num abrigo. Os motivos são inúmeros: questão do alcoolismo, drogadição, prostituição, miséria, algumas pessoas já pertencem à famílias com mais de uma “geração” de população de rua. É muito heterogêneo esse grupo. Então o que a casa busca fazer, nos contatos com a família, num primeiro momento, é que não há a possibilidade de retorno familiar, porque a maioria tem uma desvinculação dessa família de mais de um ano, dois anos, quatro anos, cinco anos e não vai conseguir se vincular em seis meses. Então a família precisa acreditar no que realmente o menino precisa de lá, ela precisa saber quem é esse menino, que ela não conhece. Ai nos chamamos reuniões com eles, apresentamos o teatro, a questão da escola, fazemos todo um perfil demonstrativo do menino para apresentá-lo para esta família. Reapresentar o menino para a família. Eles precisam saber que aquele menino que saiu de lá, foi expulso ou saiu por vontade própria, não é mais o mesmo. Ele foi polido, e ele merece ser respeitado, Então não se obriga a questão do retorno familiar. Solicita-se que pelo menos aceite ele, através de visitas, que para ele ter referência familiar, pois ter família é uma coisa, e não ter família é outra. Mesmo que sua família seja de alcoólatras, drogadito, traficantes enfim, é a sua família, tem um referencial. E isso é muito complicado, quando não se tem, por exemplo, nenhum referencial. Existem meninos que tem orfandade. Eles sabem que tiveram o pai ou a mãe, mas tem meninos que não sabiam se tinham orfandade, os pais sumiram, não sabiam de onde vinham, quem eram e quem não eram. Daí fica muito mais complicado não conhecer o próprio passado. Buscamos resgatar primeiro esta aceitação da família pelo menino, eles tem que aceitar esse menino, acolher esse menino de novo. Se vai dar certo o retorno tudo bem. Mas eu não trabalho o retorno familiar do menino como prioridade, pois se acredita que, se um menino foi jogado pela família ou se ele saiu dessa família algum motivo teve. Não estamos aqui para julgar a família e nem esse menino. Estamos aqui para dar condições a este menino se sentir ser humano novamente pois quando ele vem, ele vem num bagaço. Então como eu vou obrigar esta família, é uma crueldade, ele vai estar sendo violentado duas vezes, uma quando ele saiu de casa e eu vou obrigá-lo a estar novamente com esta família. Para isso se tem muita cautela para que eles não sofrerem rejeição de novo, não terem que ouvir a porta batendo na cara deles de novo. Então o menino vai visitar, mas sabe que a casa dele é na Unidade de Abrigamento, hoje. Se tiver condições pode até pernoitar na família, a família vem visitá-la, conhecer a evolução dos meninos, para depois, futuramente, se houver a possibilidade de um retorno familiar, a gente trabalhar isso. Mas é muito difícil. A política é trabalhar a independência deles, a autogestão. Se voltar para a família ótimo, senão um dia eles vão construir a família deles e o que a gente quer é que eles não reproduzam a mesma coisa que eles vivenciaram, que eles produzam agora uma nova etapa, um a nova família, um novo contexto. Que este contexto que eles vivenciaram no passado, sirva como um alicerce para coisas positivas, que eles fiquem mais sensíveis, é isso que a gente espera... Que eles construam uma vida mais regrada, mais estruturada, mais esclarecida.”</p>

TABELA 22 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA ESCOLA.

CATEGORIA	ESCOLA
<p>“Existem escolas e escolas, como qualquer lugar. Existem profissionais e profissionais, começa já por aí a grande problemática. Então tem profissionais que conhecem e se interessam pela situação até para conhecer o que é uma Unidade de Abrigo. Tem profissionais que generalizam e que “todo mundo não presta”. Mas tem suas dificuldades, você tem dificuldades da professora com o menino, com o aluno, e você tem que intervir, ver o que está acontecendo. Ah, está se comportando mal porque é de abrigo mesmo. Não é que está se comportando mal porque é de abrigo, tem vários meninos de abrigos que se comportam bem, as notas são elevadas, tem um aproveitamento e rendimento bom. Por isso que a gente vai em todas as reuniões a que somos convidados, vamos participar juntos. Com a coordenação e os pedagogos nós estamos o tempo inteirinho juntos. As pessoas ainda tem esse mito de que, porque é de abrigo são indisciplinados. Eles sabem que no abrigo eles são privilegiados pois nem todos os pais podem acompanhar o dia todo seus filhos, e ainda precisam, para trabalhar deixá-lo em algum lugar. Os meninos não, eles tem um acompanhamento individual, desde escola, pois existe alguém aqui que diz “vamos ver a lição”, vamos ensinar a lição. Porque não está tendo reforço se está com dificuldade, aí vamos ver com a escola se é necessário o reforço escolar. Nós estamos sempre vendo agenda. Em relação ao curso, o que ele está vendo no curso, está gostando, não está gostando. Eu não vou por um menino, por exemplo, num curso de panificação se ele odeia culinária, ou de informática se ele é analfabeto ou semi-analfabeto, ou seja, tem que ter coerência, ver qual é a aptidão dele, se não ele não vai render. A gente faz um LIP (levantamento de interesse profissional), existia uma psicopedagoga que nos auxiliava, pois o adolescente é muito indeciso e chega uma hora em que ele diz “eu não sei o que eu quero fazer”. Então vamos tentar buscar isso, ver o que está mais aflorado em você; e fazer o curso na área em que eles se destaquem, que eles gostem porque é complicado menino que não tinha disciplina, não tinha valor nenhum, não tinha expectativa de vida, não tinha a noção de hábito de estudar, participar, apresentar, então ele tem que pelo menos gostar, e a gente tem que ter muita cautela nesta questão tanto de escola quanto dos cursos. Por exemplo, eu tenho cinco que vão entrar no ensino médio e então já conversamos com eles, que áreas eles querem, porque a gente tem vários cursos técnicos, e dissemos que íamos começar a estudar isso aí, porque eles vão dar conta, você é inteligente não tem problema nenhum então é só se esforçar. Vai pensar, claro que vai até porque nós temos um ensino público complicado, difícil. Então a gente auxilia no que eles querem para o segundo grau pelo menos para favorecer uma escolha para o vestibular. A gente sonha alto, a gente quer ver ele na faculdade. Não é “terminou o segundo grau” e está pronto. Tem que ir para uma faculdade tem que batalhar.”</p>	

TABELA 23 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.

CATEGORIA	RELAÇÃO COM A COMUNIDADE
	<p>“Na relação do Abrigo com a comunidade é, primeiramente tentar fazer com que a comunidade conheça a Unidade de Abrigamento, quem são os meninos da Unidade de Abrigamento Uma das formas foi o teatro e a dança, onde desmistificou que uma Unidade de abrigo só tem marginais, prostitutas ou drogados, ladrões, enfim, começa-se a desmistificar isso, e só fazendo com que a população venha para dentro da Unidade, não tem outra forma. Tem reunião da Associação de Pais e Professores, nós vamos; tem reunião em cursos, nós vamos; nós convidamos as pessoas para que venham aqui, que as empresas onde os meninos trabalham vem aqui conhecer o trabalho, vem tirar fotos. Muitas vezes as pessoas acham que “a escola tem a obrigação de cuidar da educação, e não é isso”. A Unidade de Abrigamento busca promover espaço para que as pessoas venham conhecer o trabalho aqui de dentro. De diferentes formas, participando de tudo o que a gente pode participar, eventos, reuniões, mobilizações nós participamos. É para que as pessoas comecem a ver os meninos de forma diferenciada. Respeito, hoje a gente tem esse respeito. Por exemplo, eu peço para os meninos levarem um documento na Regional. Hoje eles vão, sabem se portar, entrar e pedir licença, se apresentar. Vão na Vara de Infância... Para eles poderem estar circulando livremente, ser aceitos e respeitados como um ser humano qualquer. As pessoas, a sociedade os vê historicamente como estando, na margem dessa sociedade, e eles sabem disso. Então vamos mudar a história...Para se vestir tem que se vestir melhor, para se portar tem que se portar melhor, pois eles são comuns a todos”.</p>

TABELA 24 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA RELIGIOSIDADE.

CATEGORIA	RELIGIOSIDADE
	<p>“Religiosidade – a gente coloca Deus como amor, não importa religião. O objetivo é despertar a religiosidade, o sentimento religioso. Apesar de que muitos deles já vieram de uma religião evangélica ou de uma religião espiritualista que se confunde com o espiritismo totalmente deturpado e que degradingou toda a vida deles e vieram como evangélicos para socorrer. Tem aquela historia “ a religião vai salvar sua vida” . Não vai salvar, ela vai te ensinar a caminhar. O espiritual é fundamental, e tem que buscar o tempo inteiro a questão espiritual, a questão de uma energia positiva, coisas boas. Muitos deles são evangélicos. Mas o adolescente gosta muito de experimentar. E eles freqüentam muito uma, depois a outra. O que importa é que trabalhe valores, a humildade, a verdade a sinceridade, eles precisam disso, pois muita coisa ficou deturpada. Por exemplo, porque é que eu vou trabalhar para ganhar R\$ 300 se num dia eu posso roubar e ganhar R\$ 600. Ai traz esse adolescente para a realidade, a questão da honestidade, de conseguir as coisas com seu próprio esforço. Essa coisa do passar a perna no outro. Eles já vêem isso, e a religião ajuda nesta questão do namoro. Existe um educador que é pastor e trabalha muito a questão da bíblia, dos princípios, dos valores, as escolhas. Mas nada por acaso.”</p>

TABELA 25 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO, CATEGORIA TRANSFORMAÇÃO.

continua

CATEGORIA	TRANSFORMAÇÃO
	<p>“Em primeiro lugar você tem que ter bons olhos para ver a mudança positiva ou negativa, você tem que estar disposto a ver mudança na vida do menino. Porque, enquanto que para uma sociedade “passar de ano” , estar no segundo o terceiro grau é uma evolução , para outros saber ler, é uma evolução. Participar dentro da escola é uma evolução. Ele ser de rua, e hoje ele não evadir, ou quando evadir voltar espontaneamente isso é evolução, ou ele viver na rua, onde vivia num “mocó”, sujo, com as roupas nojentas, imundo, numa vida sub humana e hoje ele tomar banho, escovar seus dentes cortar suas unhas , andar com a roupa limpa, ele mesmo lavar sua roupa ele mesmo passar sua roupa, querer ganhar um perfume da gente, um gel, fazer topete. Isso é evolução. A gente tem que aprender a respeitar a transformação de cada um. Com todos os meninos que eu tenho aqui , são 22, todos estão progredindo. Mesmo estando internados dois meninos, numa Instituição para dependência química, porque a maior evolução deles foi quando disseram eu vou, eu quero ir, eu aceito ir, eu sei que você quer meu bem. Isso é evolução, porque se você olhar de uma forma banal, estar internado numa clínica, não está dando certo, regrediu. E não é por aí, tem que ver a evolução desse menino. Esses dias eu sai daqui as onze e meia da noite e um menino R, que eu achava que estava super bem, me chocou quando disse “você não sabe o que está acontecendo comigo” (...) “ encontrei uns meninos da época da rua e daí eles me ofereceram para dar uma baforada” (eles chamam de baforada quando é cola, tinner).“ Aí ele me ofereceu e eu disse quem sabe, naquela “instiga”. Aí ele pegava assim na jaqueta, com aquela agonia aquilo me matou e aí eu disse: “Meu Deus ele está na instiga”, e daí eu perguntei se o menino queria jogar tudo fora... Pois esse menino foi abandonado, a mãe abandonou os filhos, tem cada um numa instituição. Aí ele chorou um monte, e conversamos um monte e ele falou:“ pensei na hora em não decepcionar você “ . Você ia ficar muito triste. Preocupada. E eu disse preocupada já estou agora e achei tão lindo que no dia seguinte ele me ligou, e falou assim:“ Não precisa mais se preocupar, depois que eu falei com você isso me libertou. Eu não vou mais usar porque eu não quero isso, não preciso disso eu não vou cair, por você e por mim. Isso para mim é evolução. Eu gosto de escrever bilhetes, eu saio a noite e deixo bilhetes nos travesseiros escrito fique com Deus ou compro aqueles marcadores de página e deixo... e esses dias eu tinha brigado com um deles (o que ficou fora de casa até a meia noite no domingo) e falei para ele “você não me respeita, se você me respeitasse você cumpria as regras... você precisa me ajudar, os grandes precisam ajudar por causa pequenos. E isso fez com que ele escrevesse uma carta pedindo perdão, que ele não queria me magoar... “mês desculpe se eu não trato você como mãe porque para mim você é mais que uma mãe”. Ele perdeu a mãe e o pai. Então eles colocam toda a intensidade, mas é uma coisa dele. Ele não precisava ter escrito essas coisas, mas ele se expôs. Eu dei a resposta por carta também. Isso é evolução. Antes não deixavam qualquer pessoa perguntar “você usa drogas?” e eles respondiam que não, mesmo estando naquele dia drogados e dizendo “se quiser pode fazer o exame, me leve lá”... Hoje eu os conheço... Hoje ele não está usando, graças a Deus. Mas quando ele estava tentando parar ele ficava de cabeça baixa ali na frente e eu olhava e pensava... Aconteceu alguma coisa com ele... Aí, falávamos com ele, vai precisar de tratamento... Isso é evolução, mas em cada caso é diferente, você tem que saber ler isso. E eu tenho orgulho deles porque você vê o menino quando entra aqui e vê hoje a evolução deles como ser humano, não é nem pelas regras formais, por estarem estudando, ou trabalhando. A evolução deles e vir te beijar, dizer bom dia, perguntar como voe está, não entrar e sair sem dizer oi ou tchau. Isso, nas suas famílias, muitas vezes o pai não ta nem aí, nem sabe se o menino está dentro de casa ou não. Isso para mim é evolução. Se formos sistematizar tudo isso nem sei como se colocaria tudo no papel, pois estamos tentados documentar esse tipo de trabalho. Mas isso é natural, não é imposto para o educador, não é imposto para os funcionários. E o fundamental é o amor... Eles me ligam e falo “eu amo você”. Isso também é evolução. No dia dos pais teve menino que comprou camisa e fizeram bilhetinhos para seu pai social. No dia das mães eu sai daqui chorando, porque alguns antigos vieram trazer presentes e dar um abraço do dia das mães, ligaram. Você conseguir fazer com que um ser humano que era jogado, fechado e hoje consegue se expor. Não tem medo de dizer que ama, não tem medo de te abraçar de</p>

CATEGORIA**TRANSFORMAÇÃO**

beijar é evolução. A alegria... o adolescente X ficou sete anos na rua, desde os sete anos de idade, e a mãe não tem interesse por ele, liga quando a gente liga, esporadicamente, e hoje ele quis dar a cesta básica que ganha todo o mês para a mãe e para avó. A mãe desse menino que pai é Diretor da empresa X, eu a convidei para assistir no Centro de Convenções a peça de teatro. E ela foi assistir, e eu liguei depois. E ela me disse "há muitos anos eu não sentia orgulho dele" e isso foi maravilhoso para ele, saber que a mãe estava orgulhosa dele, saber que a mãe foi até lá e isso para ele já foi o máximo. Ele não precisa de roupa, não precisa de tênis, não precisa de shopping. Ele precisa perceber que pertence a essa família. Ele precisa saber que ele é aceito por essa família. Aí os pais tiveram uma conversa com ele, e hoje ele está muito melhor e hoje a gente quer ver se retoma o retomo familiar, chamando o Ministério Público para dar uma "chacoalhada" nos dois, pelo "pega e manda embora", "pega e manda embora" pela injustiça e crueldade com ele. Sábado e domingo ele tem dias de "príncipe" e chega 2ª a 6ª e ele tem dias de "borrallheiro". Só que o incrível, pois hoje ele fala eu nunca fui amada na minha casa como eu fui aqui. Ele consegue ver o que a mãe dele fez com ele e com os irmãos, e hoje ele chega lá e diz "a senhora não acha que está na hora da senhora chegar e dizer que eu gosto dele (irmão)", "a senhora não acha que o dinheiro não compra tudo". E eu digo para ele, você veja o que você teve que passar para segurar essa família, e você vão, só que com uma condição, não vão fazer você de bobo, pois eu não vou deixar. Então vamos legalizar toda essa situação, e eles vão ter que lutar por você. A confusão na personalidade desse menino é... Detalhe, cronologicamente a idade desse menino é dezoito e no documento ele tem quatorze anos, forjaram até a documentação dele. Ele chagou aqui com treze anos e eu tratando ele como dezessete, ele teve que parar de ser bebê, e que na outra instituição se jogava no chão e quatro educadores não seguravam ele e teve que virar homem aqui dentro. Mas ele tem as dificuldades dele, e a vezes brigam, e reclama e incomoda... O grande medo dele é ouvir o que ele ouviu ano passado, "o Y não faz mais parte da sua família". O grande problema é a falta de amor... e aqui eles viveram momentos de amor. Você tem que ser técnico na administração, na gestão, nas questões legais, nos relatórios, visitas, só que, só isso não funciona. Tem que ter esse vínculo, que eles vão levar para fora, vão lembrar disso, nunca mais vão esquecer e é isso que eu quero, que eles tenham dois paradigmas, saber o que foi a vida horrível deles, massacrante asquerosa, de pobreza, em todos os sentidos, material e espiritual, mas também vão saber o que é riqueza espiritual, onde eles são amados, são queridos, e lutamos e brigamos por eles em todos os sentidos. E assim vão ter a chance de saber bem o que querem para a vida deles, o que querem produzir, chega de coisas negativas, e dá certo, é possível... As pessoas acham que não é possível trabalhar com adolescente, ainda mais com meninos de rua... cada um tem sua personalidade, mas vamos lutar e um dia a gente vai colher. "

TABELA 26 – ENTREVISTA COM EDUCADOR – CARACTERIZAÇÃO

CATEGORIA	CARACTERIZAÇÃO
	<p>“R. sou educador e trabalho aqui a um ano e meio, sou Concursado, vinculado à FAS. Eu venho de uma família de professores e eu tive alguns momentos na minha vida de adolescente que eu dei muito trabalho. Foi um momento em que eu tinha que decidir. Neste momento eu despertei. E eu prestei o concurso, e quando eu prestei o concurso as vagas eram para trabalhar como educador de creche e, num primeiro momento, a questão da estabilidade da prefeitura. Quando eu fui assumir existiam algumas vagas para a área de risco e eles precisavam de homens. Não vim para cá direto, e o primeiro lugar que eu trabalhei foi o Resgate Social. Só que é um trabalho muito desgastante, onde você trabalha com o menino no pior estágio que ele pode chegar, que é na rua, pedindo esmolando, usando drogas. E aí a agente começa a trabalhar e começa a ver as coisas de forma diferente, e começa a ver a importância de estar junto, da conversa, do carinho, da preocupação... E eu trabalhei 2 anos lá e eu tive a oportunidade de trabalhar aqui. E pela questão do trabalho ser contínuo, de ter o resultado, coisa que não tinha na rua que você tinha que trabalhar a situação, a exclusão do adolescente com o contato com a droga pelo maior tempo possível. Mas aquilo que você investiu uma semana, um mês, o cara sai e você perde tudo aquilo que deixou... Alguma coisa fica, sempre vai ficar. E você pode ter feito parte da mudança, sem perceber. Mas a gente como educador quer ver o resultado do trabalho, quer ver o menino caminhando para frente, e você incentivar, hoje você está melhor do que ontem, e amanhã vai estar melhor. E aqui é um lugar que eu vou ter no meu coração para sempre, vou estar aqui sempre. Por que esses meninos fazem parte da nossa vida e a gente faz parte da vida dele. Aqui não é uma empresa que você vai deixar um monte de documento para trás e vai embora. A gente está lidando com ser humano. Aquelas pessoas que vão ficar vão guardar alguma coisa de você.”</p>

TABELA 27- ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA COLETIVIDADE.

CATEGORIA	COLETIVIDADE
	<p>“No que diz respeito aos bens materiais tem sempre uns que não respeitam, sempre vai ter uns que mexem, fuçam. E a gente vai trabalhando conforme acontecem às situações. Mas isso, eles são adolescentes, eles vão ter a necessidade de fuçar um no armário do outro e vai ter vezes que mexe nas coisas do irmão, ou às vezes coisas emprestadas. A gente não permitir que se empreste nada para evitar esse tipo de coisa. Aconteceu uma situação em que a casa inteira direcionou os pensamentos, as orações, as energias positivas para esse menino. O menino teve um câncer na perna e aconteceu um milagre na recuperação desse menino. Primeiramente era maligno, depois já não era mais maligno, e o medico fez a cirurgia e não ficou vestígio nenhum e hoje o menino ta bem. Ou quando faleceu a minha avó e meu sogro os meninos perguntavam como eu estava, os educadores, a diretora, eu não me senti sozinho em momento algum. Eu sei que podia vir daqui, mas eu não imaginava o tamanho, que fosse tão grande o apoio. Esse vínculo é reflexo daquilo que a gente está mostrando para eles. E eles tem confiança naquilo que a gente fala para eles porque eles estão vendo que a gente está se entregando. Daí fica muito mais fácil, quando existe confiança, vai nascendo esse sentimento, esse vinculo, o carinho, o respeito.”</p>

TABELA 28 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA DISCIPLINA.

CATEGORIA	DISCIPLINA
<p>“Tem dia que é complicado. A gente divide tudo, cada um tem a sua tarefa. Cada um tem as suas responsabilidades, se precisa sair cedo, tem aula, tem trabalho, a gente divide as escolas para que não atrapalhe no dia do menino. Temos meninos que fazem as tarefas melhor que muito adulto. Limpa tão bem quanto um adulto e sabe zelar pelas coisas. Outros não têm uns que agente precisa estar ali, olhando, ensinando para que quando ele sair daqui não viver em lugar sujo, ou que não vai fazer as coisas. A gente quer que ele perceba a importância do lugar estar limpo, dele estar fazendo aquilo, quanto aquilo vai trazer de crescimento para ele. Às vezes o menino responsável por uma tarefa não está na casa, outros fazem, pois eles percebem que essa é a casa dele. Ai você vai pedir “tem alguém para ajudar a fazer a escala” e aí não aparece ninguém. Quando você fala assim “dá para vocês ajudarem a limpar a casa de vocês?”, daí sempre aparece alguém, pois aí está mexendo em algo que é deles e aí é mais fácil da gente conseguir trazer eles para esse lado. A questão de trabalho, escola, eles tem essa rotina deles. Se comprometem, e é muito difícil eles dizem não, não quero. Os meninos são ouvidos, eles ajudam. Nas primeiras regras que foram feitas eu não trabalhava aqui ainda. Mas foram eles que fizeram, dando idéias, e fizeram as regras. A gente discute as regras e vê se elas têm a ver até porque são regras diferentes, são épocas diferentes, são pessoas diferentes. Hoje temos um grupo muito tranquilo, e as vezes tem grupos onde dois três meninos que conseguem mudar toda a rotina. Quem não cumpre as regras, temos as MDI, que vão desde o corte de um passeio, até a restrição dentro da casa. Por exemplo, a gente tem os horários todos que tem que ser seguidos. Então seis horas é servido a janta, por exemplo, e se ele chegar as seis e quinze, dependendo da situação, por exemplo, quando ele está a tarde inteira na casa, e fica jogando bola e chamamos uma vez não, vem, chamando outra vez não vem, e de repente quando todo mundo já tomou banho, todo mundo sentadinho a gente deixa ele para fora, ele espera todo mundo jantar e depois ele vem jantar. Até porque se a gente deixar um todo mundo vai querer fazer, e perdemos o controle total. Tem as regras e nós conversamos sobre isso, sobre os horários, vamos trabalhando isso. As vezes tem meninos que não adianta, e é o tipo de menino que não está bem aí, aí a gente usa outra regra, como sem tv, sem passeio, sem sair. Geralmente quando eles não cumprem as regras eles percebem que erraram e dizem desculpa, e isso não atrapalha o vínculo, o relacionamento, não vai quebrar o vínculo, essa relação de amizade. E o menino escolhe os clãs familiares e dentro disso os meninos ouvem as pessoas a quem elas tem afeto. Ai a gente conversa com eles e conversa e as vezes eles tem desculpas, mas chega uma hora que ele concorda. Às vezes não fala, mas demonstra. E tem menino que não quer conversar e daí a gente trabalha diferente. Tem menino que não se apega de jeito nenhum, e aí o educador fala “você fica na tua e eu fico na minha” mas o educador tem que continuar cobrando, a respeitar as regras, as rotinas na casa. Aquela relação é profissional do educador, tem que continuar a cobrar a chamar atenção, a mostrar a escala e o menino ouve e sabe que você falou, ele está fazendo. Às vezes eles não pedem desculpas, vem e abraçam. E para isso sempre tem que estar trabalhando junto. Os educadores, onde os meninos não percebem que os educadores estão falando em vão.”</p>	

TABELA 29 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA FORMAÇÃO CONTINUADA.

CATEGORIA	FORMAÇÃO CONTINUADA
<p>“A FAS oferece cursos, mas poderiam ser com maior frequência. Estamos fazendo o acompanhamento de supervisão clínica e ajuda bastante. Tem cursos bem legais, sobre drogas, sexualidade, adolescência, as leis, o Estatuto, mas podiam ser mais frequentes. Dentro da casa a gente sempre está buscando alguma coisa. A diretora sempre traz alguma coisa. Às vezes o momento dos educadores estarem juntos, conversando já é fundamental, isso traz muitas coisas. Porque a minha visão é diferente do outro educador, que tem outra visão e vai juntando e conversando, e traz muita coisa”.</p>	

TABELA 30 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA SOCIEDADE.

CATEGORIA	SOCIEDADE
<p>Completamente injusta, a divisão da riqueza no país é desigual. A exploração é muito grande por parte das camadas superiores. Mas eu tenho fé e eu acredito que as pessoas podem caminhar para um mundo melhor. Eu não acredito que isso vai continuar assim, que vá se destruir. Eu acredito muito nas pessoas e eu acho que estão sendo discutidas algumas coisas, retomando coisas antigas e está começando a engrenar, e por isso eu acredito que as coisas vão começar a melhorar.</p>	

TABELA 31 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA ESCOLA.

CATEGORIA	ESCOLA
<p>“Eu sou responsável pela parte escolar. Na parte da tarde e da noite eu acompanho as tarefas escolares. Na parte da manhã tem o educador F. e G. que acompanham. A gente sempre vai na escola para conversar sobre o aproveitamento, sobre a questão da frequência. Na parte da manhã. A noite e a tarde eu vou duas a três vezes por semana, e as pedagogas adoram esse tipo de coisa, saber que a gente se importa sempre, qualquer coisa liga aqui e a gente conversa. Qualquer coisa que aconteça na escola a gente vai na escola, senta com o menino, senta junto com a equipe deles e conversa. Tem alguns meninos que dão problemas, vão gazar ou alguma coisa assim, é uma coisa que acontece pouco. As faltas que eles tem na parte da noite as vezes é porque eles vão para a igreja, mas isso não tem atrapalhado. No ultimo ano a gente teve uma reprovação dentre os vinte meninos. E foi uma situação em que o menino não se interessa. Porque é como eu expliquei aquela hora, precisa fazer um trabalho e a gente está junto, a gente auxilia mas quem tem que fazer são eles, tem que ter autonomia, tem que ir pesquisar, ler, entender e tal, para depois a gente dizer que tem mais isso, mais aquilo. E as tarefas escolares são acompanhadas assim, a gente olha o caderno todo dia, e as vezes o cara não copia nada e a gente manda bilhete para o professor porque não está vindo lição, e o bilhete tem que voltar assinado. E aí é ele e o professor, para assumir que ele não está fazendo nada e assumir para a gente, e a gente vai cobrar e tentar achar uma maneira de arrumar isso, todo dia. Tem alguns meninos que a gente nota que têm uma sede de aprender, eles gostam; e tem outros que querem só “engambelar” a gente, ficam escondendo o caderno, não querem mostrar, que a professora não deu lição, etc. E a gente sempre está na escola, para entender, e o menino vai ter que se assumir. Mas a maioria deles se comprometem e fazem, a gente sempre conversa com os professores e a maioria deles os professores só elogiam, é raro um menino que incomoda. Mas quando isso ocorre é reflexo do que ele está vivenciando. Se ele está passando por um momento difícil, geralmente coisa de fora, situação com família, namorada. A educadora trabalha com os meninos menores, na alfabetização. O que a gente estimula é a iniciativa deles. Por exemplo, o menino está mal em matemática e não abre a boca para falar que está mal em Matemática, e não abre a boca para dizer que não entendeu a matéria. Se não tiver coragem de abrir a boca e falar para o professor que não entendeu a matéria chega aqui e diz. Eu não sei, o outro sabe, ajuda, pegamos o livro, vamos pesquisar, vamos descobrir juntos e o menino não percebe que tem que correr atrás e a gente cobra. Com os maiores a gente deixa eles com a responsabilidade do caderno deles, e a olha uma vez ou outra para ver se o menino está fazendo as coisas. E às vezes ele chega na gente “eu não estou entendendo nada de tal matéria”, e aí a gente senta, explica, conversa, retoma.”</p>	

TABELA 32 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA EVASÃO.

CATEGORIA	EVASÃO
	<p>Evasão, que evasão? Eu não sei o que é isso. É raríssimo. É o que mostra que o nosso trabalho está sendo bem feito. Se o menino fica é porque aqui é bom, senão não ficaria se ele não gostasse. Teve um que evadiu porque o Conselho tirou ele da casa da mãe, tirou a mãe e depois ele descobriu que a mãe voltou para a casa, e aí ele fugiu, voltou para casa. Mas faz tanto tempo. Porque o que pode levar a evasão é a falta da capacidade de se adaptar, de criar vínculo, de se adaptar a rotina da casa, da disciplina, às vezes o cara vem da rua. Quando você pede "por favor, passa um pano na mesa em que você comeu e deixou suja", e ele pode dizer eu?", eu vou embora daqui, vocês estão me explorando... infelizmente às vezes por causa do vínculo com a droga, que é um vínculo que já está formado. Mas se criar um vínculo afetivo, em quem já tem um vínculo formado com a droga esse vínculo pode ganhar. E a gente nota os meninos falando que querem ficar".</p>

TABELA 33 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA DROGAS.

CATEGORIA	DROGAS
	<p>A gente hoje tem um grupo que agente sabe que não são usuários. Uns fumam maconha de vez em quando e agente faz umas palestras porque a gente está num lugar, principalmente aqui onde está a Unidade de Abrigamento, que é a realidade, a droga infelizmente é realidade. Você vai a li na esquina e se quiser você compra. Adolescente, se conhecendo, descobrindo, que já tem uma história, as vezes o menino o menino que está ali, conhece outro que alguém apresenta, e o cara acaba usando. Dois meninos que não tinham uma situação de uso de droga e conheceram na praça. O que vem de uma situação mais complicada, de uma favela, uma periferia, o menino já está calejado daquilo, vê o tio, o pai, a mãe os irmãos morrerem, perderem sofrerem. Chega uma hora que o menino chega e a gente diz para ele que está errado, ele sente, ele sabe, ele viu que está errado. Sabe que aquilo faz mal. A gente tem meninos que tem sete anos de rua, e eu vi esse menino usando drogas na rua. E de repente você vê que ele quer buscar mudança, porque a droga é uma coisa que é ruim. Quem usou vai viajar e vai gostar. O que a gente tem que trabalhar é o fato dos malefícios que são desde a saúde até o convívio com as pessoas. Ele vai ter a curiosidade e a gente tem que tentar auxiliar a evitar isso.</p>

TABELA 34 – ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIAS SEXUALIDADE E RELIGIOSIDADE.

CATEGORIA	SEXUALIDADE E RELIGIOSIDADE
	<p data-bbox="212 512 1433 750">“A gente conversa, às vezes através de conversas, filmes, algumas coisas como disquetes , apostilas e fotos de DST e eles ficaram assustados e admirados e a partir daí você vai, conversa mostra. E o namoro , de dezesseis anos para baixo os namoricos, enche de menina aqui na frente e a diretora toca as meninas assim. Porque a gente está numa comunidade e existe a imagem de só ter vagabundo nessa casa. Tem os pais das meninas, e para evitar esse tipo de coisa, a gente trabalha e conversa e mostra, e as vezes tem apaixonados ai sofrendo de amores. Mostrando que não é bem daquele jeito, que tem que ter outras prioridades e existem outras coisas para pensar, e que isso vai fazer parte da vida deles sempre mas que seja saudável, tranqüilo.”</p> <p data-bbox="212 755 1433 959">“É muito trabalhada. Todos nós trabalhamos a religiosidade, mas tem educadores que conseguem amarrar isso melhor com os meninos, e vão na igreja,. As vezes o menino não tem duas aulas na escola e vai na igreja. A gente nota que eles acreditam e numa situação de vida deles eu acho que isso é fundamental, porque se você não tiver no que se segurar, no que se aparar, um amparo que nunca vai deixar você. Como um alicerce, e tem uns meninos que são extremamente religiosos. E aí a gente trabalha os valores, e facilita o trabalho pois a gente consegue trabalhar valores através disso, da religiosidade.”</p>

TABELA 35- ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA DATAS COMEMORATIVAS.

CATEGORIA	DATAS COMEMORATIVAS
	<p data-bbox="212 1247 1433 1576">“Os aniversários, nós temos o painel que tem a data dos aniversários e sempre são comemorados. A cozinheira faz uns bolos maravilhosos e sempre é feito um bolo, a gente canta parabéns, os educadores trazem alguma coisa. A gente comemora, não passa em branco. Ano passado eu passei o natal aqui e esse Natal começou em setembro, quando a gente fez a noite da pizza. A gente mobilizou toda a casa, eu e outro educador fizemos as pizzas para cento e poucas pessoas. Convidamos a comunidade e conseguimos arrecadas dinheiro para a compra de presentes para o Natal. Foi feito passeio com o dinheiro arrecadado desse evento. E os meninos sempre ajudam. E as pessoas iam chegando na noite da pizza e perguntando para nós “ cadê os meninos?” e nós dizíamos que os meninos estavam servindo e as pessoas se admiravam pois eles vem com aquela idéia de que vão encontrar maltrapilhos, meninos mal educados. E as pessoas adoravam os meninos, elogiaram. Não foram eles que escolheram ter um pai ou uma mãe alcoolizados, ou que usa drogas. Eles nasceram naquela família.”</p>

TABELA 36- ENTREVISTA COM EDUCADOR, CATEGORIA TRANSFORMAÇÃO.

CATEGORIA	TRANSFORMAÇÃO
	<p>Eu cresci como pessoa, pois a gente passa aqui a maior parte do nosso tempo. E eu enxergo esse lugar como, dentro dessa equipe desse trabalho, todo mundo tem claro esse espírito. Essa aqui é nossa casa também, a gente é responsável por ela, a gente ajuda a fazer ela andar. Nosso trabalho é esse. Ter conhecido esse ambiente para mim foi ótimo. Esse lugar é para eles, eles aprendem muito e a gente preza para que eles compartilhem e respeitem essas experiências. O menino vem para cá e vai vivenciar muita coisa, e às vezes nas suas famílias ele sai de casa pois a mãe queria que ele fizesse alguma coisa e ele chega aqui e conhece outro menino que foi abusado, que não tem pai ou mãe. E muitos deles acabam crescendo com isso, pois eles vêm e se chocam com a realidade e isso faz com que eles despertem. E agente diz para os meninos, eduquem seus filhos de maneira correta, mostre para eles que eles devem decidir o que querem, respeitar a individualidade. A gente vê e meninos abrigados e que estão na rua que vêm de família com condições financeiras boas. Na outra casa que eu trabalha, uma mãe veio e deu uma bicicleta. Ele foi para a rua com a bicicleta, vendeu a bicicleta e comprou drogas. Ele precisa de uma palavra, de um abraço. E tem muitos pais que dizem que não sabem como expressar um abraço, e dizemos para eles que o que se sente se expressa através de um carinho, de um abraço, de um gesto. As pessoas querem os filhos prontos e não é isso. Elas que vão construir, elas que vão ajudar a ser. Eu tento buscar o Maximo possível que cada adolescente perceba que precisa fazer por si. Por exemplo, precisa fazer um trabalho da escola, e a gente diz vai lá, pesquisa, vê os ponto de vista, mas primeiro faça você, pois a gente vai estar aqui nem corrigindo, auxiliando.</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa monográfica, foi possível levantar importantes aspectos acerca da Educação Não Formal e da prática realizada na Unidade de Abrigamento do PIÁ em questão. O panorama de elementos presentes neste trabalho, inicialmente levantados a partir da pesquisa teórica e posteriormente a partir da pesquisa de campo, possibilita a constatação da existência de processos emancipatórios e de ressocialização dos adolescentes que residem na referida Unidade de Abrigamento, mediante aspectos a serem expostos a seguir.

Esses adolescentes, oriundos de diversas histórias, mas, ao mesmo tempo, possuidores de características comuns, trazem, na sua generalidade, uma “carência de amor e afeto”, conforme trecho extraído das entrevistas realizadas na Unidade de Abrigamento. Enquanto sujeitos, chegam à Unidade de Abrigamento tendo muitos de seus direitos alienados, desprovendo sua existência da cidadania. Paulatinamente, a partir de sua permanência na Unidade de Abrigamento, passam a constituir, um a um, sujeitos de um coletivo composto por peculiaridades e sutilidades, a ser descrito a seguir.

É importante destacar que o olhar lançado nesta análise compõe sempre o enfoque da acadêmica enquanto educadora e permeia, portanto, a busca pelo fenômeno educacional imbricado no fenômeno social exposto. Os recortes propostos para análise, constituem-se como elementos de uma grande rede de aspectos que constituem a vida desses sujeitos.

Inicialmente, a compreensão da Educação enquanto ação educativa, como ação tal capaz de formar em cada ‘indivíduo singular’ as características e propriedades humanas, através de uma segunda natureza, possibilita acreditar no crescimento e transformação do ser humano, na constituição de sua humanidade. Essas acepções, apresentadas na pesquisa teórica, à luz de SAVIANI (1991), pautaram a composição do olhar investigativo construído ao longo da pesquisa.

Durante os momentos de contato com as crianças e adolescentes foi percebida a idéia de ação educativa, intencionalmente posta, com a finalidade de formação, de transformação, conforme aquilo que SAVIANI (1991) apresenta como “necessário a cada indivíduo singular”. O resultado desta ação foi percebido no contexto, através da percepção da ocorrência e criação de outros hábitos, valores, idéias, símbolos, ritos, na forma dos educandos relacionaram-se entre si, na participação e sucesso em atividades escolares, na apresentação de atividades artísticas, na prática esportiva, na participação em cursos e estágios, no cuidado com o próprio corpo; entre tantos outros aspectos.

Representam ações intencionalmente organizadas e registradas nos documentos que regulamentam o funcionamento da Unidade de Abrigamento (Regimento Interno, Regulamento Interno e Medidas Disciplinares Internas), conforme apresentados ao longo deste trabalho. Essas ações, intencionalmente organizadas, como nas escalas da limpeza da casa, na oferta das oficinas realizadas pelos educadores, no acompanhamento diário das tarefas escolares, por exemplo, constituem-se como práticas periódicas e determinadas em horários, rotinas, regras e normas conhecidas por todo o grupo.

Mas há, também, a ação educativa implícita, isto é, que compõe o “caráter oculto” desta ação. O hábito de arrumar sua cama antes de tomar o café da manhã, por exemplo, e só fazê-lo após que todos estiverem em pé para realizar esta refeição juntos, constitui-se como exemplo de transformação na natureza desses educandos. Não que antes não pudessem arrumar suas camas, ou aguardar outras pessoas para realizar as refeições. O que marca este momento é o caráter que esta e diversas características vão imprimindo no indivíduo e, posteriormente, no coletivo de todos os indivíduos que compõe este espaço.

Estas características, quando percebidas no contexto da Unidade de Abrigamento, remetem então à idéia de ocorrência da construção de um espaço de Educação Não Formal, quando apresentada por GOHN (1999), como um espaço de educação política, e também, de transformação dos sujeitos envolvidos neste espaço.

Enquanto características da Educação Não Formal foi percebida a ocorrência da aprendizagem política por parte dos adolescentes, de seus direitos, de seus interesses no meio social em que se encontram inseridos, através das atividades grupais desenvolvidas. Dessa forma, a permanência desses indivíduos neste grupo, apresenta a idéia de que, esta inserção, aumenta a percepção de si mesmo e de seus direitos, necessidades e aspirações.

Na busca de promover a autonomia de cada um dos educandos, a concepção da Unidade de Abrigamento acerca da necessidade da aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, é expressa a partir da promoção desta, tanto através da inserção imediata de cada criança e adolescente na Escola, como no acompanhamento da vida escolar pela Direção e educadores diariamente, promovendo hábito de estudo e qualidade neste processo.

Ainda no sentido de promover a autonomia desses educandos, a inserção em cursos de formação para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e desenvolvimento de potencialidades; delinea mais um aspecto que marca a presença da Educação Não Formal na referida Unidade de Abrigamento. É importante neste aspecto, a ação em rede, juntamente com a Unidade de Saúde, as Regionais, os cursos profissionalizantes, os convênios de estágio.

Há ainda a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas cotidianos coletivos. Neste aspecto é importante a separação das tarefas, o respeito pelos horários e pelos limites, as ações de informação através do teatro e a participação em atividades com a comunidade.

Neste aspecto a escolha das categorias coletividade e disciplina, fundamentadas em MAKARENKO (1977), apresentaram-se como categorias norteadoras para a reflexão da presença destes elementos na convivência destes educandos, no contexto em que se inserem e na relação destes, neste momento de suas vidas.

Assim, a convivência desses indivíduos, não apenas agrupados sob características comuns, mas sim, protagonistas de um contexto de forte conjuntura

pedagógica (MAKARENKO, 1977), configura a Unidade de Abrigamento como uma coletividade capaz de buscar a projeção, em todos os pontos, da busca pelo desenvolvimento do individual. Assim a coletividade seria um meio de educação política desses indivíduos, onde o cultivo de qualidades, características e objetivos dessa coletividade, marcam e transformam as ações e atitudes individuais.

Para a realização e expressão dos objetivos de educação política desses sujeitos foi observada a disciplina enquanto exigência para o coletivo. Esta relação, conforme apresentada ao longo da fundamentação teórica deste trabalho, marca a expressão de uma experiência pedagógica pautada no maior respeito possível, mas ao mesmo tempo, a exigência de envolvimento para o crescimento de cada um. Assim, a formação do caráter, da personalidade, as formas de resposta para as situações reais postas constroem a ressocialização dos indivíduos mediante a coletividade, pautada pela disciplina e respeito (MAKARENKO, 1977). Neste aspecto, a composição da coletividade constitui um círculo de relações e trocas do individual com o coletivo, e assim, sucessivamente.

Estas inter-relações são postas a partir da reflexão acerca do que foi apresentado anteriormente, como ação educativa explícita (através dos documentos explorados na Unidade de Abrigamento), ou daquilo que se constitui como ação educativa implícita, através dos hábitos, das relações, dos significados, daquilo que MAKARENKO (1977) denomina como forte conjuntura pedagógica para a ressocialização dos sujeitos nela envolvidos.

Assim sendo, é percebida a prática emancipatória junto à estes sujeitos, pois para efetivação das medidas de proteção, é realizada a inclusão desses educandos na rede de políticas públicas e a garantia de direitos tais como a educação, a saúde, o lazer, entre tantas outras ações de resgate de seus direitos e cidadania. No entanto, a Unidade de Abrigamento não se restringe apenas ao provimento de formalidades legais, mas sim, a efetivação de um espaço de real respeito à individualidade e necessidades de cada educando. É notada a presença da afetividade, expressa no Regimento Interno da Unidade, na busca da dignidade nas relações entre os seres humanos, na sua condição de abrigamento. Vai além por promover a ressocialização

desses sujeitos ao promover o crescimento e a emancipação a partir das mínimas atitudes do cotidiano.

Dessa forma, as ações voltadas aos educandos, observadas na Unidade de Abrigamento, podem servir como a alavanca para a transformação de um novo ser humano, capaz de tecer novas relações; capaz de promover novas formas de análise sobre as relações econômicas e sócio culturais; capaz de perceber os conflitos e contradições postas na sociedade, capaz de se contrapor à concepção de mundo excludente, ao contexto sócio cultural dominante. Um ser humano dotado de autonomia e ciente das condições de sua cidadania.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. 112º ed. Rio de Janeiro, Record, 2004. 256p.

BELLUZZO, Lilia e VICTORINO, Rita de Cássia. **A juventude nos caminhos da ação pública**. São Paulo. Perspec. [online]. out./dez. 2004, vol.18, no.4 [citado 14 Maio 2006], p.8-19. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392004000400003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-8839. Acesso em: 16 abr. 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Anne Joice Angher, coordenação – 10. ed. – São Paulo: Rideel, 2004. 284p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que É Educação?** São Paulo: Brasiliense, 1986. 116p. (Coleção Primeiros Passos, V. 20).

DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. / Suely F. Deslandes, Otavio C. Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de S. Minayo (organizadora). Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 80 p.

EISENSTEIN, Evelyn; SOUZA, Ronald Pagnoncelli. **Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes**. Petrópolis, Vozes, 1993. 145p.

FEIJO, Maria Cristina e ASSIS, Simone Gonçalves de. **O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias**. Estud. psicol. (Natal). [online]. jan./abr. 2004, vol.9, no.1 [citado 14 Maio 2006], p.157-166. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100017&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-294X. Acesso em: 16 abr. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 147p. (Coleção Leitura).

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** São Paulo: Cortez, 1999. 111p. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 71).

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

LEITE, Ligia Costa. **A magia dos invencíveis: os meninos de rua na escola Tia Ciata.** Petrópolis: Vozes, 1991. 199p.

MAKARENKO, Anton Semionovitch. **Conferências sobre Educação Infantil.** Buenos Aires: Editorial Ciência Del Hombre. 1976.

_____. **La coletividad y la educacion de la personalidad.** Moscou: Editorial Progreso, 1977.

_____. **Conferências sobre Educação Infantil.** São Paulo: Moraes, 1981.

_____. **O Livro dos Pais.** Lisboa: [19__]. v. 2.

_____. **Poema Pedagógico.** Tradução de Tatiana Belinky. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1.

_____. **Poema Pedagógico.** Tradução de Tatiana Belinky. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.2.

_____. **Poema Pedagógico.** Tradução de Tatiana Belinky. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. v.3.

MIRANDA, Sonia M. Guariza de A. **Criança e Adolescente em situação de rua: políticas e práticas sócio – pedagógicas do poder público em Curitiba.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2005.

MIRANDA, Sonia M. Guariza de A; STOLTZ, Tânia. (sist). **A Vida na Rua x A Rua na Vida: histórico e proposta pedagógica da Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias** . Curitiba, 1999, 168 p.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA / Ministério Do Desenvolvimento Social E Combate À Fome – Secretaria Nacional De Assistência Social. **Política Nacional De Assistência Social**. Brasília, 2004.

SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas**. São Paulo: Autores Associados, 1997. (Coleção Educação Contemporânea). 238 p.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a Natureza e Especificidade da Educação**. In: SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico Crítica – Primeiras Aproximações*. São Paulo: Autores Associados, 1991.

SPAGNOL, Antonio Sergio. **Jovens delinqüentes paulistanos**. Tempo soc. [online]. nov. 2005, vol.17, no.2 [citado 14 Maio 2006], p.275-299. Disponível na World Wide Web:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702005000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-2070. Acesso em: 16 abr. 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXO 1 –ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES

ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES

1. NOME:
2. IDADE:
3. ONDE NASCEU?
4. COMO OU POR QUE VOCÊ CHEGOU ATÉ AQUI?
5. CONTE UM POUCO DE SUA HISTÓRIA DE VIDA:
6. VOCÊ TEM CONTATO COM SUA FAMÍLIA?
7. COMO É SUA FAMÍLIA? VOCÊ TEM IRMÃOS?
8. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ MORA NA REPÚBLICA?
9. COMO É SUA ROTINA DE VIDA? QUE HORAS ACORDA? O QUE FAZ DURANTE O DIA? QUE FAZ NO FINAL DE SEMANA?
10. VOCÊ ESTUDA? EM QUE SÉRIE ESTÁ? AONDE ESTUDA?
11. COMO É A ESCOLA PARA VOCÊ?
12. QUAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO VOCÊ GOSTA? QUAL NÃO GOSTA?
13. VOCÊ TEM AMIGOS NA ESCOLA? QUEM SÃO ELES?
14. QUEM VAI A ESCOLA QUANDO NECESSÁRIO? PARA REUNIÕES, ENTREGA DE NOTAS, ETC?
15. VOCÊ PARTICIPA DE CURSOS NO CONTRA-TURNO? ONDE E QUAIS SÃO?
16. COMO OCORREM AS REGRAS DA CASA?
17. COMO FORAM CONSTRUÍDAS?
18. ELAS ESTÃO ESCRITAS EM ALGUM LUGAR?
19. O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO AS CUMPRE?

20. COMO OCORRE A DIVISÃO DE TAREFAS (LIMPEZA, ORGANIZAÇÃO, ROUPAS)?
21. O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO CUMPRE SUAS TAREFAS?
22. O QUE VOCÊ FAZ NO SEU TEMPO LIVRE? VOCÊ JOGA, BRINCA, SAI COM AMIGOS?
23. VOCÊ ASSITE TELEVISÃO? QUE HORAS? O QUE ASSISTE?
24. VOCÊ OUVI MÚSICA? QUAIS? QUE HORAS? ONDE?
25. VOCÊ LÊ? O QUE?
26. VOCÊ TEM AMIGOS NA CASA? QUEM SÃO?
27. OCORREM BRIGAS ENTRE OS ADOLESCENTES NA CASA? O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ISSO?
28. O QUE VOCÊ PENSA A RESPEITO DAS PESSOAS QUE TRABALHAM NA CASA?
29. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A CASA?
30. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A SOCIEDADE/CIDADE ONDE VIVE?
31. QUEM SÃO PARA VOCÊ OS JOVENS COM QUEM CONVIVE NA CASA?
32. O QUE É ADOLESCÊNCIA PARA VOCÊ?
33. O QUE É RESPONSABILIDADE PARA VOCÊ?
34. O QUE É TRABALHO PARA VOCÊ?
35. QUEM É DEUS PARA VOCÊ?
36. VOCÊ PRÁTICA ALGUMA RELIGIÃO? FREQUENTA ALGUMA IGREJA?
37. VOCÊ NAMORA/ JÁ NAMOROU?
38. VOCÊ TEM AMIGOS NO BAIRRO?
39. O QUE VOCÊ ESPERA DO SEU FUTURO?
40. QUAIS SÃO SEUS SONHOS?
41. O QUE MUDOU NA SUA VIDA DEPOIS QUE VOCÊ COMEÇOU A MORAR NA UNIDADE DE ABRIGAMENTO?

ANEXO 2 – ENTREVISTA COM OS EDUCADORES

ENTREVISTA COM OS EDUCADORES

1. FUNÇÃO:
2. FORMAÇÃO:
3. QUAL O VÍNCULO COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA?
4. QUAL SUA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE?
5. QUAL SUA CONCEPÇÃO DE ADOLESCENTE?
6. QUAL SUA CONCEPÇÃO DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA?
7. COMO VOCÊ ENXERGA A UNIDADE DE ABRIGAMENTO ENQUANTO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA PARA ESSES JOVENS?
8. COMO VOCÊ ENXERGA O SEU TRABALHO?
9. COMO É A ROTINA DA CASA?
10. COMO SÃO AS REGRAS DA CASA? COMO FORAM CONSTRUÍDAS?
11. O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO CUMPRE AS REGRAS?
12. COMO SE DÁ O CUIDADO COM OS OBJETOS PESSOAIS DOS JOVENS?
13. NA SUA CONCEPÇÃO COMO SE DÃO AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE ENTRE OS EDUCADORES E OS JOVENS?
14. EXISTE ESPAÇO PARA DISCUSSÃO E REFLEXÃO ACERCA DA PRÁTICA? COMO E QUANDO OCORRE?
15. RELATE ALGUMA HISTÓRIA MARCANTE NA SUA PRÁTICA COM OS JOVENS DA UNIDADE DE ABRIGAMENTO DO PIA.
16. QUAL É A PARTICIPAÇÃO DOS EDUCADORES NA VIDA ESCOLAR DOS ADOLESCENTES?
17. COMO VOCÊ LIDA COM AS QUESTÕES DE RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE JUNTO AOS ADOLESCENTES?
18. OCORRE A EVASÃO DOS ADOLESCENTES?
19. NA SUA CONCEPÇÃO POR QUE ISSO ACONTECE?

20. COMO SÃO TRATADAS AS QUESTÕES DE USO DE DROGAS ENTRE OS JOVENS?

21. COMO SÃO TRATADAS AS QUESTÕES DE SEXUALIDADE E NAMORO?

ANEXO 3 – ENTREVISTA COM A DIREÇÃO

ENTREVISTA DIREÇÃO

- 1.FUNÇÃO:
- 2.FORMAÇÃO:
- 3.QUEM SÃO OS ADOLESCENTES NA SUA CONCEPÇÃO?
- 4.QUAL SUA CONCEPÇÃO DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA?
- 5.QUANTOS SÃO ATENDIDOS?
- 6.COMO SÃO ENVIADOS?
- 7.QUAL A RELAÇÃO DA PMC QUANTO À UNIDADE DE ABRIGAMENTO?
- 8.EXISTEM CURSOS DA PMC PARA OS DIRETORES?
- 9.HÁ MOMENTOS SISTEMATIZADOS DE REFLEXÃO DA PRÁTICA/FORMAÇÃO CONTINUADA? DE QUANTO EM QUANTO TEMPO? ONDE OCORRE?
- 10.QUAL A ABORDAGEM INICIAL AOS MENINOS QUE CHEGAM NA CASA?
- 11.COMO É TRATADA A RELAÇÃO DE FAMÍLIA? QUAL O PERFIL PREDOMINANTE?
- 12.COMO SE DÁ A RELAÇÃO EDUCANDOS-COMUNIDADE? E COM A ESCOLA? QUAL O PAPEL DE SUA FUNÇÃO NESTA RELAÇÃO?
- 13.COMO É FEITO O HISTÓRICO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE QUE CHEGA À UNIDADE DE ABRIGAMENTO?
- 14.APONTE AS CAUSAS PARA A SITUAÇÃO DE EVASÃO. QUANDO OCORRE?
- 15.APONTE OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE ATUAÇÃO NESTA ÁREA E POSSÍVEIS SUPERAÇÕES DOS MESMOS:
- 16.QUAIS OS CASOS MAIS DIFÍCEIS DE ADOLESCENTES PARA PRESTAR ATENDIMENTO?
- 17.COMO É TRATADA A QUESTÃO DE MENINOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS?
- 18.NA SUA CONCEPÇÃO QUAIS SÃO AS REGRAS DA CASA E O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO AS CUMPRE?
- 19.COMO AS REGRAS FORAM CONSTRUÍDAS?
- 20.EXISTEM REUNIÕES ENTRE OS PROFISSIONAIS DA CASA? COMO OCORRE?

21.QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE?

22.COMO SÃO COMEMORADAS AS DATAS FESTIVAS (ANIVERSÁRIO, NATAL, DIA DOS PAIS/MÃES...)?

23.COMO É TRATADA A QUESTÃO DO NAMORO/SEXUALIDADE?

24.EXISTEM RELAÇÕES HIERÁRQUICAS ENTRE OS MENINOS DA CASA?

25.COMO SÃO TRATADAS AS QUESTÕES DE ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE DOS MENINOS?

26.COMO SÃO TRATADAS AS QUESTÕES DE DEPENDÊNCIA E USO DE DROGAS?

27.EXISTEM PARCERIAS COM ONGS OU OUTRAS INSTITUIÇÕES? COMO OCORRE E COMO CONTRIBUI PARA O COTIDIANO DA CASA?

28.NA SUA CONCEPÇÃO NO QUE A CONVIVÊNCIA NA UNIDADE DE ABRIGAMENTO DO PIA, TRANSFORMA A VIDA DESTES ADOLESCENTES?

29.QUAL A RELAÇÃO DA CASA COM A COMUNIDADE?

ANEXO 4 – FOTOGRAFIAS – UNIDADE DE ABRIGAMENTO DO PIÁ.



Figura 1 – Jardim da casa cultivado pelos adolescentes.



Figura 2 – Jardim da casa cultivado pelos adolescentes.



Figura 3 – Praça próxima à Unidade de Abrigamento



Figura 4 – Sala de entrada com objetos de decoração produzidos pelos adolescentes.

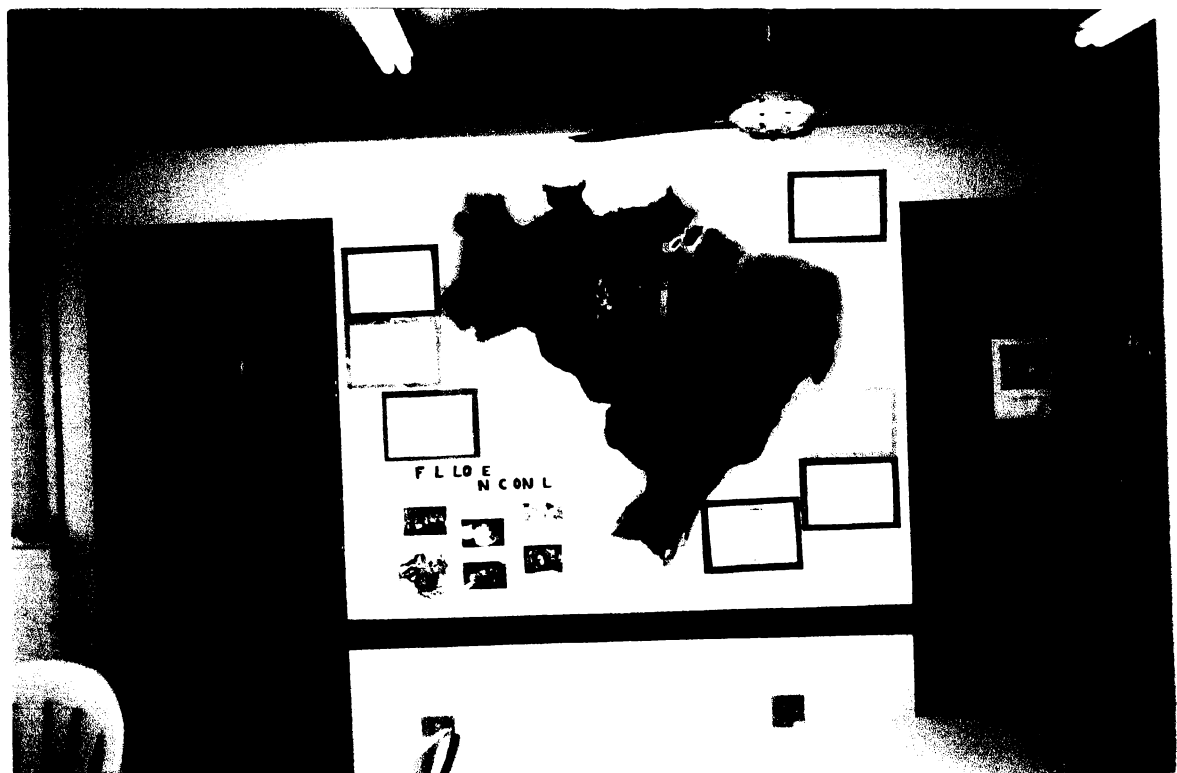


Figura 5 – Mural da sala de convivência.



Figura 6 – Sala de convivência e refeições.



Figura 7 – Quarto A



Figura 8 – Quarto B

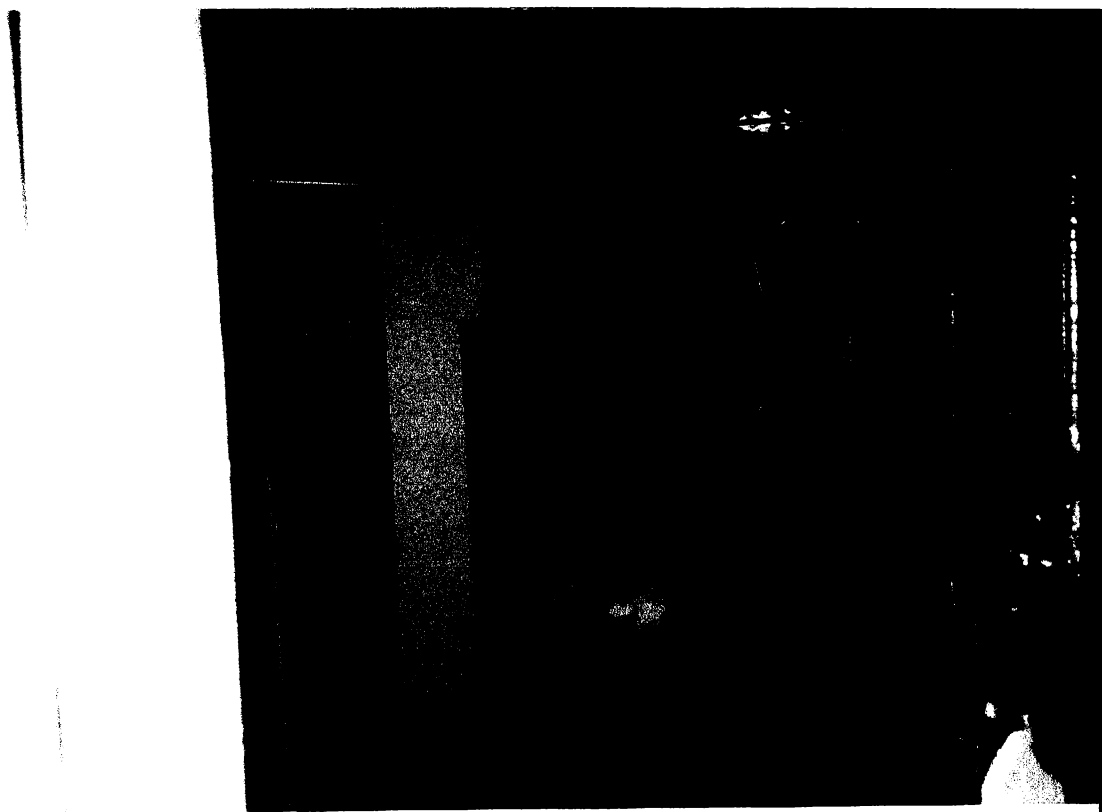


Figura 9 – Biblioteca e acesso à sala de televisão. ^a



Figura 10 – Sala de televisão.



Figura 11 – Cozinha.



Figura 12 – Lavanderia.



Figura 13 – Area de recreação.

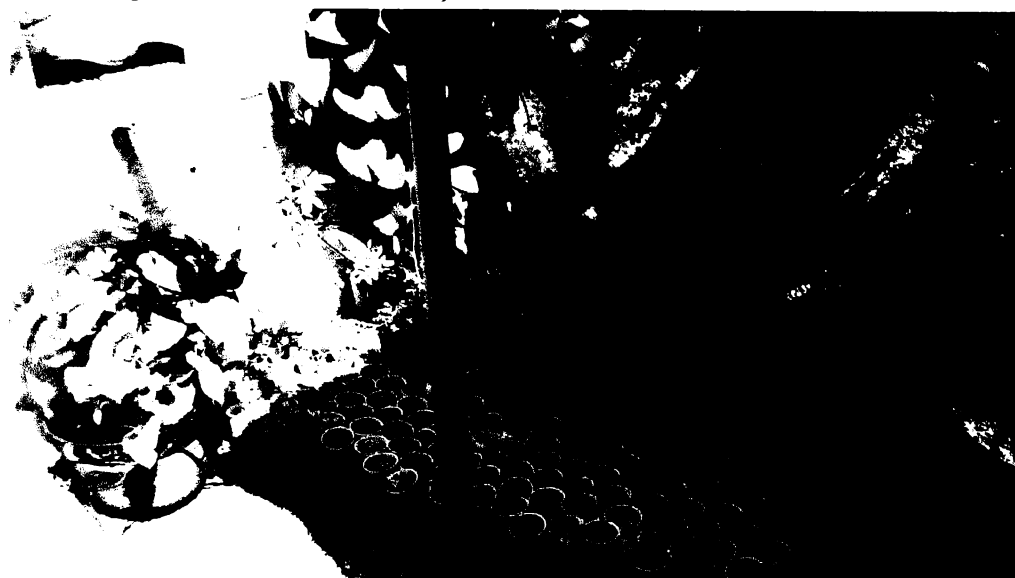


Figura 14 – Material de jardinagem.